

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CENTRAL – UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS
SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

LETÍCIA GOTTARDI

**(DES)CAMINHOS NA ESCRITA DE SI: PINCELADAS CONSTRUÍDAS
SOBRE/EM/COM TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO EM LETRAS**

ANÁPOLIS – GO

2023



**(DES)CAMINHOS NA ESCRITA DE SI: PINCELADAS CONSTRUÍDAS
SOBRE/EM/COM TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO EM LETRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: **Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.**

Linha de Pesquisa: **Linguagem e Práticas Sociais.**

Orientadora: **Profa. Dra. Barbra Sabota.**

ANÁPOLIS-GO

2023



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NABIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo: Letícia Gottardi

E-mail: L.gottardi@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: **(DES)CAMINHOS NA ESCRITA DE SI: PINCELADAS CONSTRUÍDAS
SOBRE/EM/COM TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO EM LETRA**

Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás

Concorda com a liberação
documento?[x] SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis, 30/05/2023

Assinatura da autora

Assinatura da orientadora

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GG685 Gottardi, Letícia
((Des)caminhos na escrita de si: pinceladas
 construídas sobre/em/com trabalhos de conclusão de
 curso em letras / Letícia Gottardi; orientador Barbra
 Sabota. -- Anápolis, 2023.
 101 p.

 Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
 Mestrado Acadêmico em Educação, Linguagem e
 Tecnologias) -- Unidade de Anápolis - CSEH - NELSON DE
 ABREU JÚNIOR, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

 1. Autoetnografia Performática. 2. Narrar-se. 3.
 Troca de Ideias. 4. Arteciência. 5. Educação
 Linguística Crítica. I. Sabota, Barbra , orient. II.
 Título.

LETÍCIA GOTTARDI

**(DES)CAMINHOS NA ESCRITA DE SI: PINCELADAS CONSTRUÍDAS
SOBRE/EM/COM TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO EM LETRAS**

Aprovada em: ____/____/____.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias, à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Barbra Sabota (PPG-IELT/UEG)
Orientadora/Presidenta

Prof. Dr. Sostenes Lima (Universidade Estadual de Goiás – PPG-IELT/UEG)
Membro interno

Profa. Dra. Juliana Dias (PPGL-UnB)
Membra externa

Profa. Dra. Viviane Pires Viana Silvestre (Universidade Estadual de Goiás – PPG-IELT/UEG)
Membra interna (suplente)

ANÁPOLIS – GO

2023

AGRADECIMENTOS

Encarei essa tela em branco como se fosse pintar um quadro.

Esta é uma das primeiras páginas e é a última que escrevo antes enviar, definitivamente, este registro.

Tantos anos, tantas pessoas...

Essa troca aconteceu em cada corredor, escada, banco, espaços dentro desta unidade universitária com as existências que cruzaram com a minha e se estendeu a todos os meus afetos e espaços fora desses muros, a pesquisa se estendeu no/com meu existir.

Durante esta pesquisa li muitos agradecimentos, todos repletos dos sentimentos das pessoas que foram gratas no pesquisar, havia a família, a fé, os afetos e, aqui, deixaram o *si* aparecer.

Este espaço, território da corpa, nas pesquisas é margem...

meus agradecimentos aparecem e transbordam no/com o texto.

A todas as pessoas que fizeram/fazem parte deste processo dedico minha

[G R A T I D Ã O]

E, principalmente,

para uma das mulheres mais corajosas e inteligentes que conheço, associada às forças da natureza, Barbra Sabota. Obrigada, sem você está pesquisa não aconteceria.

Ao meu amigo, compadre, Wilker Ramos-Soares, que pelos anos de parceria, me ajudou a traduzir sentipensamentos com sua sensibilidade, inteligência e segurou minha mão durante toda a trajetória. Não conseguiria *descaminhar* sem você.

Obrigada, ao meu parceiro de vida, Lucas Eduardo Macena Silva, que me segurou para eu não cair e que quando eu caía me levantava, além da paciência com as minhas ausências e por cuidar de mim, enquanto eu cuidava desta pesquisa.

Para você, Giuseppe, a vida que insurgiu em mim durante este pesquisar. Fomos atravessados pelos sentipensamentos juntas...

E, à educação, que assim como em Freire (1996), está o meu esperar...

RESUMO

Com este estudo autoetnográfico e performático (RAIMOND; MOREIRA; BRILHANTE; BARROS, 2020), problematizo os possíveis *descaminhos* na escrita de si em Trabalhos de Conclusão de Curso da graduação em Letras, na perspectiva da Educação Linguística Crítica, logo sentipenso este espaço como um local de construção de saberes outros (SABOTA; MENDONÇA; FARIA, 2021), para além dos estudos de caráter tradicional. Percebo estes estudos como uma possibilidade de romper com estruturas fixas que atrofiam as existências presentes na academia e nos registros científicos. Esta pesquisa é respaldada nos estudos pós-qualitativos (ST. PIERRE, 2018) e nos *esforços decoloniais* (SILVESTRE, 2017). Sendo assim, para não corroborar a manutenção das violências coloniais que mantêm as desigualdades, observo emergir dos estudos em que autoras se narram uma praxiologia que contribui para sentipensar formas outras de existir no fazer ciência, levando em consideração as colonialidades que atravessam as corpas que não são hegemônicas. Em “Do Ateliê à Exposição: *Descaminhos Artísticocientíficos* de um Fazer Pesquisa Outro”, registro dois traçados como giros, movimentos, com os quais desenvolvi esta pesquisa. Explico os processos de leitura dos TCCs e as trocas de ideias. Isto posto, a construção das pinturas é interdisciplinar/transdisciplinar, e esse movimento está presente nas obras situadas como “Giro Corpóreo em Texturas e Costuras na/para a Construção do *Narrar-se*”; neste processo sentipensei as escritas das autoras nesta pesquisa para encontrar as nuances de linguagens que provocassem rupturas com a forma de escrita positivista. E, em seguida, as obras feitas em duas telas, em “Giro Sentipensante em Cores e Nuances na/para a Construção da Troca de Ideias”, são um convite para falar e escutar do/o que está dentro da universidade (lugar de construção de saber) com *quem* está fora, desestabilizando a ideia de uma universidade estática, que não movimenta suas praxiologias em diálogos com a sociedade e, assim, *coconstruir* sentidos. Em duas telas elaboradas por mim, pintei, com os diálogos realizados nas trocas de ideias, possibilidades sentidas sobre *Violências Epistêmicas e Escrita de si*. Com as percepções possíveis, por meio das telas, sentipensei formas outras de refletir sobre ser/estar no fazer pesquisa e como *coconstruir* espaços dentro da academia que levem em conta as existências das corpas que pesquisam, assim como das que *copesquisam*. Logo, sentipenso a troca de ideias como possíveis produções de sentidos que emergem/se insurgem com as/das práticas sociais via linguagem, rompendo com estruturas engessadas e hierárquicas entre a pesquisadora e as pessoas que colaboram com a pesquisa, as *copesquisadoras*, para que possamos nos aliar a praxiologias que se juntam aos esforços decoloniais.

Palavras-chave: Autoetnografia Performática. Narrar-se. Troca de Ideias. Arteciência. Educação Linguística Crítica.

ABSTRACT

In this performative autoethnographic study (RAIMOND; MOREIRA; BRILHANTE; BARROS, 2020), I problematize the possible deviations in writing about the self in Final Graduation Project (FGP), from the perspective of Critical Linguistic Education. Therefore, I feel this space as a place of *co*construction of other knowledges (SABOTA; MENDONÇA; FARIA, 2021) beyond the so called traditional researches. Hence, this is a possibility to break fixed structures that atrophy the existences present in the academy and in scientific records. This research is supported by post-qualitative studies (ST. PIERRE, 2018) and decolonial efforts (SILVESTRE, 2017). It aims at interrupting the colonial violence that maintains inequalities, a praxeology that contributes to thinking about other ways of existing while doing science, considering the colonialities that cross bodies that are not hegemonic. In “From the workroom to the work of at: Artistic-Scientific *un*walk of doing research otherwise” I register two tracings as turns, movements, with which I developed this research. I explained the processes of reading the FGPs and the exchange of ideas. That said, the construction of the paintings is interdisciplinary/transdisciplinary, and this movement is present in the works situated as “The bodily turn in textures and fabric at/for building the *Narrar-se* (narrate of the self)”. In this process, I felt the writings of the authors in this research to find the nuances of languages that provoked ruptures with the positivist form of writing. And then, the works made on two canvases, “The thinkfeel turn in colors and nuances in/for the *co*construction of *Trocas de Ideias* (chat)” is an invitation to talk and listen to what is inside the university (place of construction of knowledge) with those outside, destabilizing the idea of a static university, which does not move its praxeologies into dialogues with society and, thus, co-construct meanings. In two canvases created by me, I painted, with the dialogues carried out during the *Troca de ideia*, possibilities felt about *Epistemic Violence* and *Self-Writing*. With the possible perceptions, through the screens, I thought of other ways of reflecting on being/being in doing research and how to co-construct spaces within the academy that consider the existence of the bodies that research, as well as those that co-research. Therefore, I felt the chat for the exchange of ideas as possible productions of meanings that emerge/insurgent with/from social practices via language, breaking with plastered and hierarchical structures between the researcher and the people who collaborate with the research, the co-researchers, so that we can ally with praxeologies that join decolonial efforts.

Keywords: Performing autoethnography. Narrate the self. *Troca de Ideia*. Artscience. Critical Linguistic Education.

LISTA DE FIGURAS E GIFs

Figura 1 – Convite para trocar ideias.....	29
Figura 2 – Narrar-se: costura de si.....	34
Figura 3 – Carta 8 – Brasil em manutenção.....	36
Figura 4 – Semiose praxiológica, Conceição Evaristo (2021), sobre o que é língua e escrita....	41
Figura 5 – Narrar-se: mistura de cores e subjetividades.....	49
Figura 6 – Narrar-se no coletivo.....	54
Figura 7 – Print de tela de pesquisa do termo “troca de ideia”.....	59
Figura 8 – Nos corredores quais vivências transitam?.....	65
Figura 9 – Entrelace pesquisadora e pesquisa.....	79
Figura 10 – Do <i>descaminhar</i> às nuances possíveis.....	80
Figura 11 – (Re)existência das corpas na academia.....	82
Figura 12 – Horizontalidade nas relações acadêmicas e possibilidades de existências.....	84
GIF 1 – Antropofagicamente, nós.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos que continham primeira pessoa do singular e marcadores sociais.....	27
Quadro 2 – Informações gerais sobre as trocas de ideias.....	30
Quadro 3 – Recursos para transcrição.....	31

SUMÁRIO

ABERTURA DA GALERIA: DO PROCESSO CRIATIVO À PRODUÇÃO DE SENTIDOS	10
DO ATELIÊ À EXPOSIÇÃO: <i>DESCAMINHOS ARTÍSTICOCIENTÍFICOS</i> DE UM FAZER PESQUISA OUTRO	21
Traçado 1 – Pesquisa com a leitura dos TCCs	25
Traçado 2 – Troca de ideias.....	30
PRIMEIRA OBRA – GIRO CORPÓREO EM TEXTURAS E COSTURAS NA/PARA A CONSTRUÇÃO DO <i>NARRAR-SE</i>	35
APRECIANDO A COMPOSIÇÃO DAS TELAS	37
SEGUNDA OBRA – GIRO SENTIPENSANTE EM CORES E NUANCES NA/PARA A CONSTRUÇÃO DA TROCA DE IDEIAS	58
TELA 1 – VIOLÊNCIAS EPISTÊMICAS	67
TELA 2 – ESCRITA DE SI	76
CONSIDERAÇÕES EM <i>AQUARELA</i>	88
REFERÊNCIAS	93

ABERTURA DA GALERIA: DO PROCESSO CRIATIVO À PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Em qualquer construção sintática/pragmática/existencial, o *verbo*¹ nos impulsiona para a condição de movimento. Para seguir no meu *descaminho* de movimentar sentidos, tal como me inspirou a reflexão de Marco Tulio Urzêda Freitas (2021) em sua fala no programa MESCLA: the podcast!, como *artistaprofessorapesquisadora* de linguagens e práticas sociais, continuo indo na direção de sentipensar como o escrever sobre si interfere no caminho que temos peregrinado enquanto humanidade. Existir nessa essencialização humana, nesse contexto situado, depende dos marcadores sociais que temos. No meu Trabalho de Conclusão de Curso (doravante TCC), defendido em 2021, tracei relações entre a minha *identidade* e a *existência* com a *identidade* e a *existência* de outras pessoas com as quais no caminho cruzei, mais especificamente com a minha família. Agora, dando continuidade a essa caminhada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na área de conhecimento Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias e na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Sociais, situo esta dissertação na intenção de problematizar a escrita de si nos TCCs de Letras defendidos entre 2018 e 2020. Tenho compartilhado a existência a que pertencço e como me percebo dentro da academia, e do *pesquisar* –, e reflito, então, neste estudo, em direção às relações de alteridade e autonomia com minha identidade de pesquisadora em devir.

Percebo a academia, hoje, como um dos órgãos reguladores do *cistema*² moderno-colonial. A frase “é só um TCC” marcou minha primeira experiência com a escrita acadêmica no trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras Português/Inglês. Ao ocupar um lugar marginalizado em relação ao “prestígio” acadêmico, fiz uma escolha política e afetiva

¹ Nessa relação, minha corpa é verbo da minha existência, por isso o que Eduardo Miranda (2020, p. 34) diz sobre se ter “a dimensão do nosso próprio corpo só se é possível pôr e a partir das experiências, as quais não devem ser confundidas com o acúmulo de informações ou excesso de dados codificáveis socialmente. Pelo contrário, é vislumbrar o corpo como o espaço de sentimentos, de afetividades, de exposição para se permitir ser tocado pelo outro, pelas vivências que articulam as territorialidades”, logo minhas percepções sobre as colonialidades fazem “minha corpa” ser necessária de ser reivindicada quando vivencio as dimensões de ser mulher latin[a]-americana.

² Reflito sobre a transformação da escrita da palavra sistema para *cistema*. Vale ressaltar o que li no livro *Interseccionalidade (Feminismos Plurais)*, de Carla Akotirene, que “[o] patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas. Para melhor compreensão, consultar as ‘Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos’, um guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros formulados pela pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus”.

pelo gênero textual acadêmico TCC para refletir acerca de como as professoras pesquisadoras aparecem em suas pesquisas. Assim, proponho sentipensar as des/reterritorializações identitárias insurgentes desse processo enquanto reflito sobre como as linguagens proporcionam o fluxo de sentidos. Este estudo é feito com TCCs do curso de Letras na Unidade Universitária de Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no/na qual me graduei – e a mesma universidade para a qual volto agora para meus estudos do mestrado.

Entender a constituição interacional das linguagens e sua amplitude me causou o atravessamento de sentir que ainda tinha curiosidade epistêmica, mesmo depois de passar pelo ensino bancário e por apagamentos identitários. Foi como se eu pudesse repensar, ou melhor, ressignificar tudo, principalmente os silenciamentos, dentre os quais os socioculturalmente³ construídos por ser mulher. Essa relação que é subjetiva e diz respeito à minha construção de sujeita⁴ me auxiliou a perceber que diálogos difíceis de acontecer nas práticas sociais são possíveis por meio das narrativas, neste caso, autonarrativas. Vozes são silenciadas em detrimento de outras quando se trata da narrativa contada pela hegemonia e vão para a margem dos discursos por serem inexistentes aos ouvidos de quem tem mais “poderes” na disputa das narrativas. Ressalto que aqui entendo sociedade como a articulação de múltiplas vozes que compõem a corpa social, logo o imaginário social. Sendo assim, ao pensarmos a hegemonia da/na sociedade brasileira, quais narrativas são silenciadas em detrimento de outras? Pensando nisso, qual risco estamos correndo – enquanto sociedade composta por vozes e narrativas plurais – quando escolhemos uma história como sendo a História?

Passei por uma experiência traumática com a orientação do antes de conseguir defender o TCC na graduação⁵. Não compreendia à época o quão violentada havia sido e como passar por isso poderia ter me feito interromper a conclusão do curso que me fez professorapesquisadora, a primeira a se formar em uma universidade pública e entrar em um programa de mestrado na minha família. Isso porque, enquanto graduanda, não sabia de fato o que era fazer pesquisa e que caminhos percorrer para continuar a buscar sentidos, principalmente, sobre linguagens. É possível que a pergunta “e quem sabe?” fosse pertinente nesta reflexão num contexto hegemônico em que o memoricídio jorra nas veias da identidade

³ Carla Akotirene (2019) entende a interseccionalidade como “sistema de opressão interligado” que circunda a vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias nessa perspectiva da interseccionalidade em que as estruturas colidem. Percebo a construção do conceito social e cultural para a leitura ocidental de gênero “mulher”.

⁴ Faço a escolha política de marcar com o genérico feminino o gênero nesta dissertação.

⁵ Interrompi a escrita do primeiro TCC juntamente com as violências a que estava sendo submetida. Então, depois de algum tempo, consegui retomar a produção do TCC, sob outra orientação e com outra discussão/perspectiva, como já mencionei no início desta introdução.

nacional. A autora Tânia Rezende (2021, p. 8) sentipensa a organização das sociedades nas Américas construídas na colonização com base em estupro, extermínio, epistemicídios, memoricídio e me auxilia a refletir sobre a relação entre memória coletiva brasileira e esquecimento ao assinalar que

[u]m dos processos adotados na construção/invenção da nação e adotados na escola, nos projetos de educação escolar colonial, para a formação das “boas almas”, foi o “memoricídio” (BAÉZ, 2010; TOLOSA, 2018). A população que foi sendo escolarizada, desde o período colonial, deveria deixar (esquecer) “seus antigos modos de vida”, os “modos selvagens” (DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS, 1757), isto é, suas vivências espirituais, sagradas, seus vínculos com a natureza, suas línguas, seus conhecimentos etc., e aprender os novos modos, a “língua do Príncipe”, os conhecimentos reais e a religião cristã católica. O “memoricídio” ainda é uma estratégia de colonialidade do ser e de dominação dos povos, portanto, também de colonialidade do poder.

Com esses atravessamentos ainda naquele momento de escrita do TCC, me envolvi cada vez mais nos estudos sobre identidade e me interessei pelas pesquisas que traziam uma ideia de identidade nacional e essa relação com a memória. Como contraponto, tive outra experiência com orientação que contribuiu para o caminho, na verdade *descaminho*, para desenvolver uma escrita significativa para mim. O presente se faz de um passado para se pensar um futuro. O clichê aqui explicitado sugere um olhar sensível, afetuoso – afeto esse que não compactua com uma visão romantizada sobre o termo. Entendo este estudo como uma possibilidade de aumentar o escopo de pesquisa sobre essa temática; pois, *quando me escutaram, eu existi*. As identidades silenciadas e apagadas da narrativa da História se insurgem e desestabilizam esse imaginário coletivo social de que a História única, como aponta Chimamanda Adichie (2018), é a que sai da boca do homem branco heteronormativo cisgênero europeu. E, quanto à memória coletiva, a gente tenta apagar a quantidade de traumas sociais que impactam ainda hoje, como Bungart Neto (2019) corrobora na reflexão sobre como testemunhos podem funcionar como antídoto contra políticas de esquecimento, silenciamento e memoricídio cultural no Brasil.

Logo, ao construir a ideia de *descaminho*, reflito a respeito de como essa expressão me tensiona a repensar o binarismo impregnado na língua portuguesa, neste caso, o prefixo *des* como negação a esse processo de esquecimento e apagamento das identidades e subjetividades. Mas, no percurso de pesquisa que tenho trilhado, essa *des*/reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995) de sentidos me impulsiona e me provoca ao movimento. Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2019) apontam a insurgência das “categorias” gênero e raça – somando ao que o grupo modernidade/colonialidade propõe com as colonialidades do ser, saber, poder – na crítica às colonialidades que atravessa minha *corpa* de brasileira viva em 2023

branca e que *está* pesquisadora no Centro-Oeste brasileiro. Assim, para ampliar os sentidos do prefixo *des* para além da negação, a intenção de *descaminhar* é chegar a um imperativo existencial histórico (FREIRE, 1997) sobre a minha existência, na qual o repertório linguístico presente nas linguagens do colonizador não me basta para produzir sentidos.

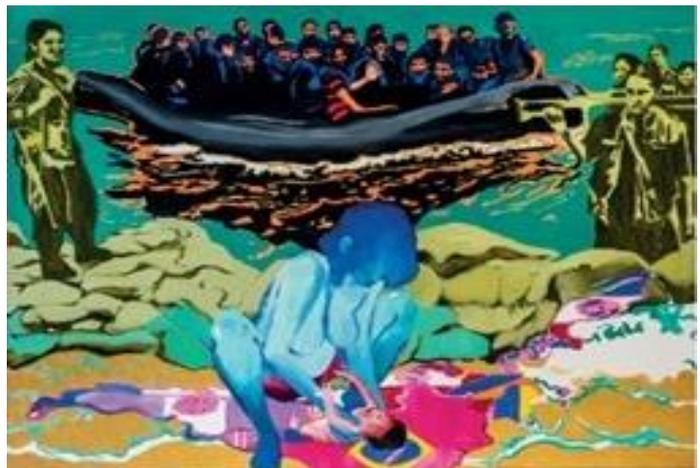
Nesses sentipensamentos percebo a Educação Linguística Crítica como perspectiva que contribui para esse *descaminho* quanto à formação de sujeitas que exercitem o sentipensar do ser/estar no mundo (SILVESTRE, 2018; RODRIGUES, 2020), considerando os espaços em que se localizam, problematizando os procedimentos interpretativos que assumem a noção de educação linguística num viés problematizador, seguindo em direção aos esforços decoloniais (SILVESTRE, 2017).

Para tanto, levando em conta que o saber linguístico é articulado às práticas sociais, logo o papel da norma que aponta a régua do certo e errado, em uma cultura grafocêntrica (REZENDE, 2021), caminha para o apagamento de identidades e o reforço das desigualdades. É importante, também, trazer o caráter do inacabamento nesta pesquisa, visto que tentar buscar certezas é acimentar, pavimentar o caminho. A metalinguagem está presente no processo deste fazer pesquisa; não quero ser hipócrita ao negar o caminho posto pela hegemonia e cair no pacto narcísico⁶ de apontar outro como correto sem me comprometer com a totalidade dos sentidos. Logo, não com irresponsabilidade, mas como processo ético, construo a metáfora dos caminhos possíveis que encontrei neste fazer pesquisa, meus *descaminhos*.

Para tanto, foi preciso que eu me desligasse de noções concretas, então faço aqui o exercício de abstração de pensar no chão não pavimentado, terra, pedra, grama, árvore, insetos, água, vida... me deixar ser afetada pelo que encontro no caminhar e construir sentido *com*, *coconstruir*. Vias pavimentadas facilitam o trânsito, construir seu próprio caminho é lidar com a insegurança presente no conceito, moderno, de liberdade (BAUMAN, 2001). Sendo assim, para além de só olhar por onde se pisa, é preciso pedir licença; minha avó Glória me ensinou que, quando se colhe uma planta, para ela não nos machucar, a gente pede licença; para entrar na casa de alguém, a gente tira o sapato, pergunta se pode entrar, pede licença. Para andar no caminho de outras que também têm (r)existido à narrativa hegemônica e criado seu próprio caminho, é preciso pedir licença!

⁶ Na colonização, para Fanon (1973), há uma construção do ser (presente nas pessoas brancas) e a do não ser (imposta a pessoas não brancas), assim como Botelho (2022) aponta a questão da branquitude relacionada ao pacto narcísico; logo, é necessário inteirar a marcação social de mulher branca latina de ascendência europeia que possui e que goza de privilégios presentes na leitura social da minha corpa, portanto mantenho o esforço durante fazer/escrever sentipensamentos da pesquisa de não cair em “um pacto que visa preservar, conservar a manutenção de privilégios e interesses” (BENTO, 2002, p. 106).

Nesse caminho simbólico das narrativas que falam das histórias das pessoas, das identidades delas, é preciso um cuidado sensível para não invadir – conceito colonial –, mas pedir licença e perguntar se você pode e se ela quer andar *com* você. Peço licença quando me preocupo com toda essa relação traçada até aqui, com cada *copesquisadora* que colabora com esta pesquisa. É quando sou coerente com o que faço e com o que falo/escrevo que tento me humanizar empenhando esforços para não colaborar com as manutenções das violências coloniais, assim não é sobre provar algo, mas, sim, sobre ser. Não estou, não tenho, mas sou uma corpa que “[d]o conceito de ‘corpo-território’ às histórias de cada um” busco me conhecer e me reconhecer no outro, de maneira a “[r]econstruir histórias, entrecruzar caminhos, permanecer nas encruzilhadas para alargar e romper fronteiras que limitam. Esse é o desafio do humanizar-se” (MIRANDA, 2020, p. 17). Logo, para abraçar o desafio de me humanizar, as língua(gens) são uma via do percurso no qual se atribui sentido ao caminho da academia, percorrendo diversas autoras.



Juana Azurduy, 2019 (óleo, acrílica, purpurina e cola sobre tela 150 x 200 cm)⁷

Ao levar em consideração que vivemos em uma sociedade construída/pautada no projeto moderno-colonial e que nós, enquanto sujeitas⁸ construídas/constituídas nesse sistema mundo, somos constantemente expostas à narrativa hegemônica que organiza/subalterniza/hierarquiza as práticas sociais via linguagens, assim como na obra de Marcela Cantuária (2019) mostrada anteriormente, esta pesquisa representa o parto de uma filha, neste contexto situado no Brasil,

⁷ Obra de Marcela Cantuária, 2019, que pertence à série *Mátria Livre*, que trabalha as dimensões arquetípicas femininas articuladas a figuras históricas passadas ou presentes em luta pela liberdade. Juana Azurduy Bermudez (1780-1862) foi uma militar latino-americana de origem indígena que participou das lutas pela independência da América espanhola. Nessa obra, Juana representa o parto de todas as filhas da luta anticolonial.

⁸ Opto pelo uso do genérico feminino na tratativa dos pronomes para tensionar as relações de poder e desnaturalizar as construções dicotômicas que se circunscrevem à compreensão do gênero social refletido na língua portuguesa que ainda fazem a manutenção de violências contra as existências.

na luta decolonial. Com a reflexão feita por Lélia Gonzales no texto *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020, p. 39) ao falar que a relação do “sujeito-suposto-saber nos leva à alienação”, sigo no esforço de ir contra a narrativa em que a sujeita não faz parte do seu próprio discurso. Sendo assim, para os movimentos feitos neste pesquisar, me apoio na abordagem pós-qualitativa (ST. PIERRE, 2018) e no percurso metodológico proposto pela autoetnografia performática, a qual Gustavo Antônio Raimondi, Cláudio Moreira, Aline Veras Brilhante e Nelson Filice de Barros (2020, p. 4) colocam como caminhos “seguros” na produção científica, em que

[c]omo trilhos, e não como trilhas, aprendemos a seguir caminhos “seguros” para não deixar os vagões de nossas existências descarrilharem na trilha da vida acadêmica. Reproduzindo uma lógica iluminista, colonial, imperialista e majoritariamente pós-positivista, assumindo um local neutro e distante, cegamo-nos para outras expressões, conhecimentos, ciências presentes no corpo, não somente da(os) outra(os), mas no meu encontro com a(o)(s) outra(o)(s).

Cansei! Isso não me satisfaz mais...

A mim também!

A mim também!

A mim

...

TAMBÉM!!!

Logo, a mim também, por isso este estudo me ensinou, e segue me ensinado, que pesquisar é estar consciente das narrativas que me constituem e de como também nos constituímos sujeitas com as outras.

E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2020, p. 32-33).

Acima, tal como a personagem Ponciá em *Ponciá Vicêncio* (2020), de Conceição Evaristo (1946), deixo terras passadas com a incerteza de como serão as produções de sentido no futuro.

Durante a minha vida, me mudei muito... de estado, de cidade, de rua, de significado, de rota... Percebo que, com esses trânsitos, des/reterritorializo (DELEUZE; GUATTARI, 1995) minha identidade nas/com as fronteiras e em constantes movimentos de ser/estar que não

partem da minha total individualidade⁹, mas do coletivo, por isso optei por mostrar meu caminhar e descaminhar como uma autoetnografia performática. Porém, é necessário

[...] eu-nós e talvez você – considerar que o que aprendi e ainda, majoritariamente, aprendemos na academia hegemônica é pesquisar:
sobre o(a) outro(a),
falando pelo(a) outro(a),
“dando” (?), então, voz ao(a) outro(a),
utilizando recursos qualitativos para que de uma forma
rigorosa
objetiva
distante
neutra
descontextualizada
.
.
.
.
“científica”
possamos apresentar informações
“verdadeiras” (!)(?)
a um determinado campo ou área do conhecimento (RAIMOND;
MOREIRA; BRILHANTE; BARROS, 2020, p. 4).

Em relação ao caminho “seguro” (RAIMOND; MOREIRA; BRILHANTE; BARROS, 2020, p. 4), no qual com as colonialidades é difícil saber por onde se pode transitar sem se perder de si, com este *descaminhar* eu intento sentipensar sobre a escrita de si em TCCs na perspectiva da Educação Linguística Crítica. Os movimentos registrados neste estudo fazem parte das minhas vivências como artistaprofessorapesquisadora que pede licença para caminhar *com os/nos descaminhos* de outras. Logo, para isso, busco refletir sobre escrita de si em textos acadêmicos por meio da leitura de TCCs de Letras da Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, com recorte dos anos de 2018 a 2020, de pesquisadoras que escreveram sobre si em seus trabalhos. E, para esticar a conversa iniciada com os TCCs, penso a troca de ideias como *desforma* para ampliar sentidos em pesquisas nas áreas de linguagens e práticas sociais. Sendo assim, como as graduadas de Letras narram-se é o que suleia esta práxis de pesquisa.

Logo, nas limitações que a subjetividade traz ao registro científico, opto aqui por mergulhar em uma de minhas performances existenciais e perceber este estudo como

⁹ Sentipenso esses trânsitos identitários fronteiriços no meu Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação em Letras, nos quais percebo que sou construída como sujeita nas fronteiras geossociopolíticas que atravessam minhas memórias e da minha família, me constituindo em constantes crises identitárias e performances de acordo com lugares, pessoas, sentimentos e culturas (GOTTARDI, 2021).

artísticocientífico, tal como me percebo enquanto *artistaprofessorapesquisadora*. Para tanto, percebo esta dissertação como uma grande galeria de *arteciência* em que organizo a apresentação de duas obras de arte nesta exposição: Giro Corpóreo em Texturas e Costuras na/para a Construção do *Narrar-se* e Giro Sentipensante em Cores e Nuances na/para a Construção da Troca de Ideias. Entendo esta introdução como uma ambientalização do ateliê em que as *arteciências* foram sentipensadas e construídas. E ao pintar me reconheço na inexatidão do traço quando se junta à tela, que depende da força que a mão faz ao pressionar o pincel em seu tecido de algodão cru. Depende da composição da tinta... se é a óleo, se é acrílica, se é guache, ou se é aquarela, até mesmo se é tinta spray... se são pinceladas, bricolagem ou costuras. São tantas nuances e dependem de tantas questões que me remetem a este processo de se colocar quando se entrelaçam em pesquisa as linguagens nas práticas sociais. Com isso, na primeira parte da dissertação, apresento os (re)traçados, rabiscos e rascunhos que proporcionaram a construção do material para a produção das obras de arte. E, em seguida, convido a/o leitora/r para *descaminhar* pelas *arteciências* e as produções de sentidos que fui sentipensando no processo de criação.

Para construir este percurso, dividi minhas ações em dois giros: leitura dos TCCs e troca de ideias com as pessoas que escreveram sobre si em seus trabalhos.

A primeira, Giro Corpóreo em Texturas e Costuras na/para a Construção do *Narrar-se*, é composta a partir da leitura de 61 TCCs do curso de Letras entre os anos de 2018 e 2020 na UnUCSEH. No percurso de busca para encontrar esses Trabalhos de Conclusão de Curso, foi necessário entrar em contato com a UnUCSEH Nelson Jr. – durante o período de isolamento pela pandemia do novo coronavírus¹⁰ – junto à biblioteca, à secretaria, à coordenação do curso de Letras, além da pró-reitoria, que cuida da parte de dados da Universidade Estadual de Goiás.

¹⁰ Em relação ao histórico da pandemia de Covid-19, pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o mais recente novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença Covid-19. Em virtude desse ocorrido, foi prescrito pela OMS o isolamento social para evitar o contágio pelo vírus. Sendo assim, em 24 de março de 2020, a Unidade Universitária de Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas Nelson de Abreu Júnior (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), decretou que iria cancelar eventos e reduzir atendimento ao público. As informações foram postadas na página da Unidade (https://www.ueg.br/noticia/52465_ueg_cancela_eventos_e_reduz_atendimento_ao_publico). Essa pesquisa foi desenvolvida nesse cenário pandêmico, que trouxe impactos ao processo, deste estudo que foi realizado de forma substancial no contexto remoto.

O tempo para encontrar os TCCs foi, em média, de quatro meses (outubro de 2021 até janeiro de 2022) devido a questões administrativas e organizacionais da instituição, que passava por um redesenho institucional (período de transição de Campus Universitário para Unidade Universitária). Já o caminho que percorri lendo os TCCs teve duração média de três meses (janeiro a março de 2022). Durante esse período, fiz anotações sobre cada um dos TCCs, elencando como eram tratadas as pessoalidades no texto, se a escrita era contemplada com a voz passiva, se havia marcadores sociais de quem escrevia, como a experiência de pesquisa relatava o fazer da pesquisadora, além de reflexões que fui tendo pelo caminho.

Durante os meus *descaminhos*, notei que *des/reconstruo* muitas praxiologias ao compartilhar as existências com outras pessoas convidando-as ao diálogo, e, geralmente, esse convite vem com um “*Bora trocar uma ideia?*” Nas minhas vivências, venho fazendo esse convite rotineiramente ao refletir/problematizar/tensionar linguagens e práticas sociais em *todos* os meus contextos comunicativos. Isso porque, nessa *troca*, não há a perda ou substituição de um sentido por outro, mas, sim, a ampliação de sentidos *coconstruídos no* compartilhar de *ontoeπισtemologias*, se aproximando de uma ecologia de saberes (SOUSA SANTOS¹¹, 2019). Sendo assim, constituem a segunda obra deste estudo – Giro Sentipensante em Cores e Nuances na/para a Construção da Troca de Ideias – as trocas de ideias que tive com as autoras-pesquisadoras, as quais *se narraram* em seus TCCs, e que contribuem para a ampliação de sentidos sobre a experiência do *fazer* pesquisa/ciência cerradense.

Para a construção deste registro, construo a seguinte pintura: (A) Do Ateliê à Exposição: Descaminhos *Artísticocientíficos* de um Fazer Pesquisa *Outro*, em que discorro sobre os giros de pesquisa e como sentipensei os processos; (B) o primeiro giro deste fazer pesquisa, Giro Corpóreo em Texturas e Costuras na/para a Construção do *Narrar-se*, é parte da exposição a que destino os meus sentipensamentos que foram possíveis por meio da leitura dos TCCs de Letras; (C) no Giro Sentipensante em Cores e Nuances na/para a Construção da Troca de Ideias, são mostradas as telas possíveis a partir das trocas de ideias, as pinturas que construo a partir das trocas de ideias que tive com as autoras-pesquisadoras que colaboram com este estudo. Finalizando esta dissertação, trago as Considerações em Aquarela, visto que aquarela é um

¹¹ Deixo aqui em registro que o autor citado, após a defesa desta dissertação, foi denunciado por assédio sexual e abuso de poder por suas ex-orientandas. Logo, mostrando uma prática diferente da sua teoria, a qual fundamento discussões importantes neste estudo. Percebo o movimento de citar vozes como ato político nesta escrita e repúdio completamente as ações do autor português Boaventura Sousa Santos que contradiz as próprias praxiologias ao estar envolvido em atos violentos como estes. Sendo assim, é de extrema relevância (re)pensarmos com quem dialogamos e que vozes trazemos às nossas pesquisas, levando em conta as colonialidades que nos atravessam.

pigmento de tinta que se dilui em água... a água aqui representa o inacabamento que dilui as palavras que findam este registro de pesquisa.



DO ATELIÊ À EXPOSIÇÃO: *DESCAMINHOS ARTÍSTICOCIENTÍFICOS* DE UM FAZER PESQUISA OUTRO

Quando uma artista inicia seu processo de fruir sobre uma tela, pode existir um caminho pensado, um risco que contorna por onde o pincel irá escorregar e quais cores ficarão sobrepostas. Às vezes, o escorregar do pincel, os esguichos de tintas, os borrados, as misturas são os *descaminhos* para a tela. Mas, ainda assim, observar a construção do processo de pintar(-se) e o que (in)surge disso sempre é um processo sentipensante subjetivo e autônomo de produção de sentidos que não se esgota mesmo depois de muito se olhar para a tela.

Para tanto, nas páginas que seguem nesta seção, tento registrar/materializar em palavras esse processo fluido, subjetivo e abstrato como percebo o percurso deste estudo, afinal compreendo que ele se deu em um espaço semelhante a um ateliê. A minha dificuldade, tanto aqui quanto ao longo de toda esta dissertação, é usar a modalidade escrita da língua, à qual faltam elementos possíveis de registros do sentir para materializar os trânsitos do eu, do nós e do estudo para a construção das percepções sobre as escritas de si. Foi a partir disso que me (des)encontrei com a modalidade de pesquisa *autoetnografia performática*. Pode parecer estranho um prefixo como “auto” falar de mim e do coletivo ao mesmo tempo, mas, assim como no discurso da biologia – que se fundamenta em grande parte no discurso hegemônico – em relação à construção do DNA, por exemplo, que se reproduz no encontro de gametas para gerar vida, percebo, com o movimento de sentipensar, os estudos autoetnográficos como aporte para falar de si no coletivo. Não há forma de falar de si sem cair no contexto ocidental de ego (HOMEM, 2021) se não levarmos em conta o coletivo que reflete o que constitui o *nós*.

Os estudos que realizei a partir de minhas vivências e construções de sentido, primeiro no TCC (GOTTARDI, 2021) com a minha narrativa, depois durante a experiência de estar mestranda, foram de extrema relevância para que eu elaborasse o traçado que proporcionou a escrita desta dissertação e, principalmente, como pensaria, sentiria e traria as corpas para a pesquisa. Por isso, me *desencontro* também nos estudos da autoetnografia performática, pois acredito que o fazer pesquisa está permeado pelas colonialidades que atrofiam as corpas na academia (LUSTOSA, 2020). E, aqui, compreendo que a autoetnografia performática contribuiu para sentipensarmos que é de vida e de/da gente que se faz ciência.

Isto posto, como apontam Gustavo Antônio Raimondi, Cláudio Moreira, Aline Veras Brilhante e Nelson Filice de Barros (2020, p. 5), a autoetnografia performática contribuiu para este estudo, pois

viv[a],
 performo,
 estão relacionadas às possibilidades a que sou apresentad[a],
 quantas possibilidades aprendi?
 Quantas possibilidades não deixei de aprender?
 Mas a quantas possibilidades minhas(meus) professoras(es) também tiveram
 acesso?
 Estaria isso relacionado a um poder hegemônico
 para controle
 do que sabemos
 e como sabemos,
 exemplificando uma lógica de colonialidade do saber?
 Sim!

Embora haja críticas sobre a confiabilidade, generalização e validação da autoetnografia, ela enfatiza a contextualização histórica das produções, garantindo um caráter contingencial, circunstancial e autêntico à escrita. Por isso, o(a) autor(a), a sua localização e demais interseccionalidades do(a) autoetnógrafo(a) e dos(as) autoetnografados(as) passam a compor os “dados”, permitindo um olhar mais ampliado na construção dos *selves*. Por meio da compreensão de nossos e dos demais lugares de fala, potencializamos a ruptura da voz única, cristalizada, fixa, segura, autorizada, dominante e hegemônica. Assim, somos convidados a ouvir os silêncios não mais emudecidos, mas eloquentes em reverberação com nossos corpos e historicidades, para, com isso, promover a justiça social.

O *ser/estar* é uma possibilidade para mim quando compartilho o existir com outras, logo a interseccionalidade que percorre as performances do *eu* reflete o coletivo e as práticas sociais viabilizadas pelas linguagens. E, como situei na introdução desta dissertação, localizo este estudo na educação linguística crítica, pois acredito que os saberes construídos sob essa perspectiva contribuem para que a distância do caminho entre oralidade e escrita, quanto ao prestígio para o registro científico, possa ser encurtada. Ressalto a formação de sujeitas que exercitem o sentipensar do ser/estar no mundo, considerando os espaços em que se localizam, problematizando os procedimentos interpretativos que assumem a noção de educação linguística num viés problematizador, seguindo em direção aos *esforços decoloniais* (SILVESTRE, 2017). Sendo assim, levando em conta que o saber linguístico é articulado às práticas sociais, logo o papel da norma que aponta a régua do certo e do errado, em uma cultura grafocêntrica (REZENDE, 2021), caminha para o apagamento de identidades e o reforço das desigualdades. É importante, também, trazer o caráter do inacabamento para esta pesquisa, na medida em que tentar buscar certezas é cimentar, pavimentar os caminhos.

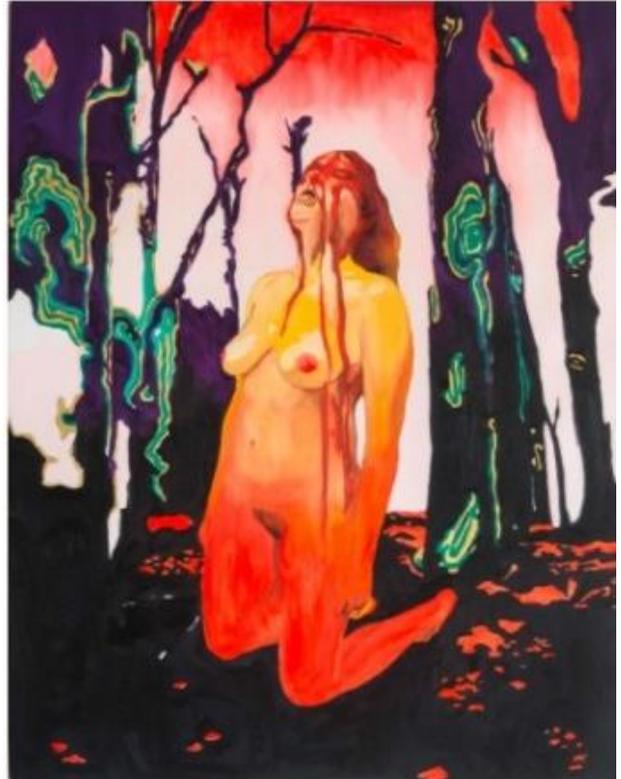
Na busca pela performance de pesquisadora no Cerrado, faço do meu existir a possibilidade de sentipensar (BORDA, 2002). Ao tensionar essa relação de *re/des*construção de sujeita brasileira, no particular e no coletivo, se me insurge agir contra práticas que corroboram apagamentos identitários (HENRIQUE, 2000; TRINDADE, 2021), como foi

forjada a própria ideia de Brasil no que se refere à Narrativa Única (ADICHIE, 2009) contada por grupos hegemônicos e seus corpos. Neste estudo, percebo como um *descaminho* – visão ecológica, expandida e descentralizada, como aponta Alastair Pennycook (2018) – a busca do processo da noção de alteridade dentro do que compreendemos por ciência.

E, em diálogo com Michael Douglas Rodrigues da Silva (2020), percebo que a Educação Linguística, sobretudo crítica, atua de forma importante na *formação* de agentes sensíveis [às outras] às suas linguagens e, também, às práticas sociais. Nessa esteira, reconheço as múltiplas maneiras “de ser, de agir e de representar por meio da língua/linguagem, e, por meio dela, lutar contra qualquer forma de injustiça ou sofrimento humano” (SILVA, 2020, p. 47).

As perspectivas que se alinham ao positivismo orientam alguns caminhos, mostrando a voz passiva como recurso e as teorias clássicas como fonte. Mas esse não é o único caminho. Sendo assim, com esta pesquisa, busco refletir sobre os possíveis *descaminhos* no movimento de escrita de si em Trabalhos de Conclusão de Curso em Letras da UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr, entre os anos de 2018 e 2020, e perceber as reverberações desse processo na formação humana. Concomitante a isso, este estudo visa contribuir ainda com modos outros de pensar a escrita acadêmica, ou seja, possibilidades outras de ser e se tornar na licenciatura em Letras. Dessa maneira, reflito sobre a experiência da graduação, principalmente quando se trata da área de linguagens, aprendendo desde o início quais são as características do que chamo de registro científico e como um argumento ganha força na construção de um texto. Tenho a pretensão de sentipensar esses processos, pois sou uma das mulheres que saíram com o diploma de graduada em Letras Português/Inglês pela UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. em 2021, e, por meio do meu TCC, uma pesquisa autoetnográfica que teve como material empírico a escrita autonarrativa de minhas memórias, tomei consciência de que sou atravessada por subalternidades e privilégios.

Com isso, a metalinguagem está presente no processo deste fazer pesquisa; não quero ser hipócrita ao negar o caminho posto pela hegemonia e cair no pacto narcísico de apontar outro como correto sem me comprometer com a totalidade dos sentidos. Assim, como processo ético, construo percepções sobre os caminhos possíveis que encontrei neste *fazer* pesquisa, os m[eus] *descaminhos*.



Banho de sangue, 2018 (óleo e acrílica sobre tela 200 x 150 cm)¹².

No processo de *descaminhar* procurando caminhos outros, mesmo que para isso tenha de encostar em feridas abertas, como posto na obra de Marcela Cantuária (2018), ando com estudos pós-qualitativos, uma vez que “[t]alvez pudéssemos ser-fazer-viver algo diferente” (ST. PIERRE, 2018, p. 1047). Sendo assim, é possível *ser-fazer-viver* pesquisa nos *esforços* (SILVESTRE, 2017) para não fazer a manutenção das violências coloniais que mantêm as desigualdades, isto é, uma praxiologia que contribui para sentipensar agência e formas outras de existir, levando em consideração as colonialidades que atravessam as corpas que não são hegemônicas.

A nós, pessoas que se interessam, se dedicam a pesquisar, é ensinado sobre as funções pessoal, social e acadêmica da pesquisa. Pergunto-me se essa separação ocorre devido a uma questão de produção de sentidos para facilitar a aprendizagem de quem começa a fazer pesquisa, ou se é uma reverberação do discurso hegemônico que construiu a base do que chamamos de conhecimento científico e ainda leva em conta o binarismo como fundamento.

¹² *Banho de sangue*, obra de Marcela Cantuária (óleo e acrílica sobre tela 200 x 150 cm, 2018). “Foi feita durante a semana que antecedeu à eleição de Bolsonaro. Eu estava muito nervosa, e produzi incessantemente. [...] A figura feminina ajoelhada e ferida – mas não morta – dentro de uma floresta, não fala mais da floresta como paisagem vista de fora, e sim como um lugar de abrigo-refúgio.” (CANTUÁRIA, 2020, p. 368).

Logo, para mim, separar essas “funções” na pesquisa é provocar um afastamento existencial entre quem pesquisa e o “objeto de estudo¹³”. Ao tratarmos das pesquisas na esfera das práticas sociais, as linguagens se tornam um caminho para entendermos esses “fenômenos” que cercam nosso cotidiano.

Por um lado, ao trazer a natureza e sua materialidade para o domínio da política, os grupos ativistas indígenas negam a separação cartesiana entre cultura e natureza, fazendo da última questão política também. Quando considera em seus protestos os desejos e necessidades políticas das criaturas da terra, com as quais divide suas existências, o grupo de ativistas indígenas encena o respeito e afetos necessários para a manutenção da relacionalidade entre humanos e seus outros (os mais que humanos) em suas comunidades. [...] Por outro lado inserir tais práticas terrenas nas manifestações (isto é) expressar o que criaturas da terra, tais como montanhas sagradas, reivindicam nos, convida nas palavras de Isabelle Stengers, a uma ruptura epistêmica muito significativa. (COSTA, 2020, p. 328).

Dito isso, nas próximas seções, *descaminhos* pela construção da pesquisa, bem como pelos *descontornos* e *borrados* da sua construção. Para tanto, este estudo aconteceu em dois momentos de geração de material empírico, a saber: um giro de pesquisa com a leitura dos TCCs e um encontro remoto com as licenciadas que escreveram sobre si em seus trabalhos, de modo a esticar o diálogo sobre suas experiências com o pesquisar, portanto faço um convite para uma *troca de ideias* no segundo giro desta pesquisa. A seguir, discuto de forma mais aprofundada o primeiro momento da geração do material: a leitura dos TCCs.

Traçado 1 – Pesquisa com a leitura dos TCCs

A motivação para este primeiro momento da pesquisa foi a minha relação com o meu TCC na graduação em Letras, como já mencionei na introdução desta dissertação. As coisas que vivenciei enquanto pintava aquela tela, escrita, mas muito sentida, foram cruciais para me aproximar do entendimento da importância da escrita de si, rasgada, borrada, marcada em trabalhos acadêmicos. Para tanto, foi *descaminhando* pelos sentidos que me *desconstroem* enquanto sujeita-pessoa-professora-pesquisadora que me debrucei sobre a leitura dos TCCs de Letras entre os anos de 2018 e 2020.

¹³ Objeto é um termo que geralmente se usa em pesquisas para designar o que foi estudado. No trato com seres humanos, não são objetos, mas, sim, pessoas, existências, narrativas. Logo, as aspas sinalizam minha discordância com esse termo quando se trata de pesquisa com pessoas ou nas “ciências humanas”.

A escolha por esse recorte temporal (2018-2020) se deu porque em 2018 aconteceram as eleições para presidente da República do Brasil, e foi eleito de forma democrática o candidato Jair Messias Bolsonaro. No dia do resultado das eleições, eu estava com meu melhor amigo, Wilker Ramos-Soares, que colabora como *co*pesquisador desta pesquisa, como um dos autores de TCC que compõem este estudo. Ele, homem, gay, gordo e ativista, chorou na minha frente pelo retrocesso que estava por vir. A partir daquele momento, depois de longas horas de conversa, dedicamos esforços para que nossos estudos contribuíssem para contrapor os discursos vindos de um governo fascista, homofóbico, machista, patriarcal que colaborava com as colonialidades. Esse ano de 2018, portanto, tem contorno político na escolha, além de eu ter assistido a apresentações de TCC nesses anos, além do meu, em que as pessoas abordavam temáticas ativistas. Logo, em diálogo com a minha orientadora, percebemos que esse recorte temporal era compatível com a quantidade de tempo proposta para desenvolvermos a pesquisa no mestrado.

Após esses momentos de escolhas e decisões, para iniciar o processo de me encontrar com outras pessoas que passaram por movimentos conscientes quanto aos seus marcadores sociais na graduação em Letras na UnUCSEH – UEG, tentei o primeiro contato com a Universidade Estadual de Goiás para ter acesso aos trabalhos de 2018 a 2020. No dia 30 de setembro de 2021, conversei com a responsável pela biblioteca sobre qual deveria ser o procedimento para que eu pudesse ler os TCCs que foram defendidos no período de 2018 a 2020. Mas tive uma resposta negativa quanto ao acesso aos documentos, uma vez que só tinham sido entregues para a biblioteca da UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. os trabalhos até 2014, então fui orientada a procurar a secretaria e a coordenação do curso de Letras. Encarei esse como o primeiro impasse da pesquisa, visto que esses documentos deveriam ser de acesso público.

No total, foram 40 e-mails trocados com a UnUCSEH em três meses para conseguir ter acesso aos TCCs de Letras da Unidade Universitária em questão. Cabe explicar o contexto que a Universidade Estadual de Goiás enfrentou em relação ao seu redesenho institucional no ano de 2021. Antes de ser Unidade, essa instalação, situada na Av. Juscelino Kubitscheck, 146, Jundiaí, Anápolis-GO, 75110-390, era o Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Após o redesenho institucional, o Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas (IAEL) foi criado, e as decisões sobre os cursos passavam por ele. Como as mudanças foram repentinas e recentes, muitas decisões permanecem pendentes. À época, os setores estavam se reorganizando quanto à comunicação administrativa na então nova

UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. Para além disso, estávamos no início da pandemia do novo coronavírus, o que também contribuiu para as desorganizações da instituição.

Nesse giro de pesquisa, inicio as leituras em 21 de dezembro de 2021 com os TCCs defendidos em 2018 assim que tive acesso ao link no qual foram hospedados os arquivos desse ano, perfazendo um total de 20 trabalhos. Logo em seguida, li os TCCs defendidos em 2019, tendo acesso a eles somente no dia 18 de dezembro de 2021; consegui 19 arquivos – de 20 dos TCCs que foram defendidos nesse ano. Já em relação aos TCCs defendidos em 2020, tive acesso a uma parte deles em outubro de 2021 e ao restante em dezembro de 2021. Finalizei as leituras em 7 de março de 2022. Apesar dos percalços, consegui acesso aos TCCs e fiz a leitura e as análises de um total de 61 trabalhos.

Nas leituras, desde o início busquei formas de não “categorizar” essa busca, pois o que me suleava era o meu sentipensar, uma vez que esta pesquisa é autoetnográfica e, portanto, parte das minhas *pesquivivências* enquanto pesquisadora e graduada no curso de Letras da UnUCSEH em 2020 para as produções de sentidos em relação ao que encontraria nos TCCs. Logo, com o suporte das pesquisas pós-qualitativas e considerando o fato de que nomear é um ato colonial, nesta pesquisa o intuito não é categorizar como existências são marcadas em textos acadêmicos, mas, sim, trazer para o “jogo” a disputa das narrativas (MBEMBE, 2016), as vozes que o discurso acadêmico não silenciou. Para realizar esse movimento, foi necessário revisitar o meu TCC (GOTTARDI, 2021), não somente o texto, mas o processo de pesquisa também. Logo, traduzir o *eu* que pesquisava para o texto escrito foi um processo disruptivo, pois, para romper com a estrutura de como nos é ensinado a registrar o discurso acadêmico, é necessário apoio, ou melhor, validação. Nesse período entre 2018 e 2020, de 61 trabalhos lidos, encontrei 9 trabalhos que escreveram em primeira pessoa do singular e apontaram seus marcadores sociais¹⁴. Mais adiante eu *descaminho* sobre como foi sentipensada a escolha por esses trabalhos.

Ao ler esses trabalhos, o intuito foi perceber o *narrar-se* na *troca de ideias* com as autoras que defenderam seus TCCs. Sendo assim, na perspectiva da Educação Linguística Crítica, as escolhas linguísticas feitas pelas autoras partem de seus repertórios, são parte de quem são e de como interagem via/na língua(gem) (FRANK, 2021), neste caso, acadêmica. Ser constitui, ontologicamente, a *autopercepção* dessas autoras, porém o quanto de *ser* cabe no texto acadêmico de forma explícita sem que ele deixe de ser considerado científico? Essa foi

¹⁴ Compreendo as possíveis potências que se insurgem para serem analisadas nesta pesquisa, porém também considero o tempo destinado (dois anos) para finalizá-la ser incompatível com o que pode reverberar desse processo. Sendo assim, optei por essa insurgência para este giro de pesquisa.

uma pergunta que emergiu ao longo da leitura dos trabalhos. Logo, na busca por compreender a complexidade dessa pergunta, ao ler 61 autoras que estão em seus estudos – uma vez que o trabalho foi escrito pelas mãos delas –, entendo que nove autoras *narram-se* em suas pesquisas. Cheguei a esses números com as nuances de linguagem presentes nas pesquisas neste âmbito: as personalidades; a voz no texto; o sujeito; com quais praxiologias dialogam e como a autora se organiza dentro das estruturas do gênero. Sendo assim, no quadro 1, a seguir, trago as pesquisas que li, nas quais encontrei a primeira pessoa do singular, e que apontaram seus marcadores sociais.

Quadro 1 – Trabalhos que continham primeira pessoa do singular e marcadores sociais

Autora	Título do TCC	Ano
Michael Douglas Rodrigues da Silva	Materiais didáticos de língua estrangeira sob o viés das perspectivas críticas na educação linguística: problematizações e proposições	2018
Gabriela Tonaco Gonçalves dos Santos	Construção de sentidos na leitura de memes: entendendo memes da Gretchen a partir dos letramentos multimodais críticos	2019
Giselle Oliveira da Silva	Blogueiras negras: Por e para mulheres negras – um estudo sobre as narrativas de mulheres negras como prática de resistência	2019
Wilker Ramos-Soares	Onde estão os corpos gordos? Um levantamento de estudos na Linguística Aplicada	2019
Yasmin Teles dos Santos	Diário dialogado como propiciador de agência discente em contexto de inglês como língua estrangeira: uma autoetnografia de Educação Linguística Crítica	2021 ¹⁵
Maria Elisa Santos Nascimento	Resistência da mulher preta problematizada a partir da obra de Chimamanda Ngozi Adichie <i>Para educar crianças feministas</i>	2021
Stephanie Caroline e Souza Fiori	Pluralidade no livro didático de língua inglesa: imersão em uma coleção do PNLD para encontrar mulheres de várias cores	2021
Letícia Gottardi	Os nós do meu quipu: des/re-territorializações identitárias em um estudo autoetnográfico de formação docente	2021
Leidijane Vieira Chaves de Souza	Memórias da graduação: episódios de vivências de uma mulher-mãe-universitária em sua trajetória de formação docente	2021

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do material empírico.

Como explicitado no quadro 1, cheguei a nove autoras que, conforme trouxeram essas nuances linguísticas, consegui ver a territorialidade de suas corpos no texto escrito. No processo das análises feitas durante as leituras, todos os trabalhos me fizeram refletir sobre a *escrita de si*, logo este giro de pesquisa envolve a busca pelas pesquisadoras que, por meio de recursos

¹⁵ No ano de 2020, enfrentamos a pandemia do novo coronavírus, que fez com que os trabalhos que deveriam ser defendidos em 2020 fossem realocados para serem defendidos em 2021, pois a agenda acadêmica da graduação teve de ser repensada com o afastamento social obrigatório.

linguísticos presentes nos textos, escreveram sobre si. Mas, na busca pelos textos, assim como na vida, me insurgiram questionamentos emergentes em todas as leituras, as quais também vejo como uma troca entre as autoras e eu, a leitora. Logo, como posto por Marco Túlio de Urzêda Freitas e Rosane Rocha Pessoa (2012, p. 236), essa relação é contemplada tanto pela Linguística Aplicada (LA) quanto pela Linguística Aplicada Crítica (LAC), visto que

[...] se aproximam na medida em que apontam para a natureza política e performativa da língua(gem), bem como para a necessidade de se politizar as pesquisas que buscam investigar o uso da língua(gem) no mundo social. Além disso, vemos que esses estudos, ao problematizarem questões de raça, gênero e sexualidade, analisando como essas categorias são construídas e operam em diferentes espaços via língua(gem) e discurso, voltam-se diretamente para o corpo, aqui entendido como “uma superfície na qual as identidades [e diferenças] estão inscritas” (PENNYCOOK, 2001, p. 163). A nosso ver, tal percepção mostra que a LAC modificou a forma como alguns/algumas pesquisadores/as brasileiros/as encaram a produção de conhecimentos em LA, abrindo espaço para um maior engajamento ético e político com questões de poder, identidade, diferença e justiça social.

Para além desse alcance, reflito sobre a forma como sujeitas agem de modo sensível (SILVESTRE, 2017) em seus contextos situados a partir das linguagens, pensando nas práticas sociais contra as colonialidades. Percebo assim as trocas de ideias como uma prática social que extrapola os limites da universidade e do academicismo e está às baías da Educação Linguística Crítica, pois vai ao *desencontro* com a Educação Linguística Crítica, sobretudo o movimento de esforços decoloniais. Penso, então, nessas *trocadas de ideias* como uma forma de interação social e que possibilitam uma relação de *coconstrução* entre as pessoas que colaboram com a pesquisa e eu.

A partir desse *descaminho*, já não é possível seguir a pintura dessa tela sozinha, logo, para continuar a cartografia linguística, segui empenhando esforços para não cair na prática de manutenção das violências coloniais em relação à construção de saberes na academia; eu precisava pedir licença e me convidar para caminhar *com* essas pesquisadoras em seus caminhos e sentipensar o *descaminhar* em uma proposta de *coconstrução* cartográfica de sentidos. Vou ao encontro da ampliação de sentidos *coconstruídos* *no* compartilhar de *ontoepistemologias* e construindo uma ecologia de saberes (SOUSA SANTOS, 2019). Para tanto, na próxima subseção, me debruço sobre o segundo momento de geração de material para esta pesquisa: a troca de ideias com as licenciadas após a leitura dos TCCs.

Traçado 2 – Troca de ideias

Neste momento, convidei a mão das pessoas que já pintavam esta tela comigo para estendermos os sentidos enquanto criávamos outros. Com isso, a fim de adentrar esses mundos submersos, convidei as autoras dos trabalhos, agora professoras graduadas, para trocar ideias sobre a escrita de nossas experiências com o TCC. O convite foi feito por meio de um e-mail após a aprovação do projeto desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Os contatos com essas pesquisadoras foram possíveis porque fui/sou colega de formação dessas pessoas e já havia me comunicado com elas em ocasiões informais, mas a UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. se mostrou aberta para o diálogo e me disponibilizou uma lista com os e-mails das egressas da graduação em Letras da Unidade.

Figura 1 – Convite para trocar ideias



Fonte: Arte autoral para o convite à caminhada *com* as egressas do curso de Letras 2018-2020. Técnica colagem em imagens, percepções sentipensadas.

Sendo assim, encaminhei para as oito graduandas o e-mail explicando o intuito da pesquisa e as convidando para esticar a conversa que iniciei com os TCCs e obtive resposta positiva em relação ao convite de seis delas, pois duas não responderam às tentativas de contato. As pessoas que optaram por colaborar com este estudo têm o respaldo do Comitê de Ética em Pesquisa. Deixei disponibilizado em uma pasta no Google Drive, de forma individual, o conteúdo de cada troca de ideias para que cada autora pudesse ler e contribuir com as construções de sentido que fiz a partir de nossas trocas; contudo, levando em consideração a relação de tempo complexa e os choques de agendas, tive retorno de apenas seis das oito autoras que, além de mim, se narraram em seus TCCs.

As trocas de ideias foram realizadas via Google Meet com as experiências e as insurgências presentes nas discussões sobre as percepções do *narrar-se* e as possíveis reverberações disso para a relação com a experiência de cada uma/um com a pesquisa. Portanto, esse movimento foi um exercício de escuta sensível sentipensando a relação de escrita de si como uma possibilidade outra que estimule/provoque percepções sobre a autonomia e a autoconsciência. Isso porque entendo que somos todas sujeitas construídas e constituídas dentro do *cistema* mundo moderno-colonial e que o tomar consciência de si e dos seus atravessamentos faz parte do processo de construção de agência.

Consegui marcar as conversas de acordo com a disponibilidade de cada uma, e passamos a manter contato pelo aplicativo de mensagens assíncronas WhatsApp. Como sou uma das pessoas que também faz parte deste giro da pesquisa, o intuito foi trocar ideias sobre nossas experiências e como poderíamos pensar essa relação de escrita/vivência de pesquisa na contramão das violências causadas pelas colonialidades. À vista disso, consegui gravar as trocas de ideias, e o quadro abaixo mostra o panorama em relação ao tempo de cada seção, bem como o dia/mês/ano em que o material empírico deste giro da pesquisa foi *coconstruído*.

Quadro 2 – Informações gerais sobre as trocas de ideias

Autora	Duração das trocas de ideias	Dia
Maria Odete	1 hora, 17 minutos e 38 segundos	13/03/2022
Zack	1 hora, 32 minutos e 12 segundos	15/03/2022
Teles	1 hora, 25 minutos e 37 segundos	17/03/2022
Margarida	1 hora, 10 minutos e 25 segundos	17/03/2022
Wilker	1 hora, 39 minutos e 2 segundos	18/03/2022
Gisele	1 hora, 37 minutos e 4 segundos	28/03/2022

Fonte: Elaboração própria para este estudo.

No quadro acima, trago as informações gerais sobre as gravações das trocas de ideias e também a escolha dos pseudônimos que as autoras optaram/preferiram por usar na pesquisa. Ressalto que algumas delas preferiram manter o nome e/ou sobrenome, e eu acatei. A seguir, apresento um quadro com os recursos (símbolos) que usei para a transcrição na tentativa de ampliar o sentido sobre o texto-escrito-falado:

Quadro 3 – Recursos para transcrição

Símbolo usado	Descrição do símbolo
(+)	Pausa
MAIÚSCULA	Ênfase na expressão
()	Retomada de um termo anterior
[...]	Transcrição parcial de trechos
[algo que vi]	Interação com gestos
‘ ’	Mudança de tom de voz
“ ”	Fala de outras pessoas
[rs]	Fala com presença de risos

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2007, p. 10-13).

Seguindo em direção aos *esforços decoloniais*, como posto por Silvestre (2017), ao *trocar ideias* com essas autoras, à época da escrita dos TCCs graduandas e hoje graduadas, sobre as motivações e reverberações da escrita de si nesse registro, isso é uma forma de contribuir para a tomada de consciência sobre *descaminhos* possíveis na experiência com o fazer pesquisa. Foi a partir das linguagens que percebi meus atravessamentos de subalternidades, feridas e privilégios e, assim, *reconheci* que, ao promover movimentos que legitimem outras formas de ser e estar no mundo, podemos ampliar os sentidos sobre que lugar ocupamos na disputa das narrativas. Isto posto, ao sentipensar quão libertador pode ser esse processo de tomada de consciência sobre si na escrita, e a angústia de ter de se sujeitar a ser o que não se é, é possível promover movimentos que atravessam ontoepistemologicamente o imaginário coletivo com o/no processo de *narrar-se*.

Por meio de diálogos, sentipenso uma dimensão coletiva a partir de relatos de pessoas pertencentes a um determinado grupo. Steven Talmy (2011) propõe compreender as conversas na Educação Linguística Crítica como práticas sociais, superando a visão de instrumentos de pesquisa. Enquanto prática social, o importante não é analisar somente os resultados, mas também todo o processo de construção comunicativa (TALMY, 2011) para, assim, *des/reterritorializar* os sentidos produzidos.

Por um lado, ao trazer a natureza e sua materialidade para o domínio da política, os grupos ativistas indígenas negam a separação cartesiana entre cultura e natureza, fazendo da última questão política também. Quando considera em seus protestos os desejos e necessidades políticas das criaturas da terra, com as quais divide suas existências, o grupo de ativistas indígenas encena o respeito e afetos necessários para a manutenção da relacionalidade entre humanos e seus outros (os mais que humanos) em suas comunidades. [...] Por outro lado inserir tais práticas terrenas nas manifestações (isto é) expressar o que criaturas da terra, tais como montanhas sagradas, reivindicam) nos, convida nas palavras de Isabelle Stengers, a uma ruptura epistêmica muito significativa. (COSTA, 2020, p. 328).

Logo, neste fazer pesquisa, retomo a metáfora das tintas e pinturas a fim de sentipensar este processo de construção analítica das trocas de ideias – escolher fragmentos e construir sentidos sem violentar corpos, já que estamos suscetíveis a isso, uma vez que a ciência tem sua estrutura construída pela hegemonia. Não violentar existências e encontrar formas outras para a produção científica me faz caminhar. Hoje não registro minha corpa aqui sem levar em conta essas violências. Dói... escrevo como escrevo e transgrido como aparece aqui por recurso existencial... o gênero, a forma, encaixar em...

... é de ruptura a proposta, e romper dói.

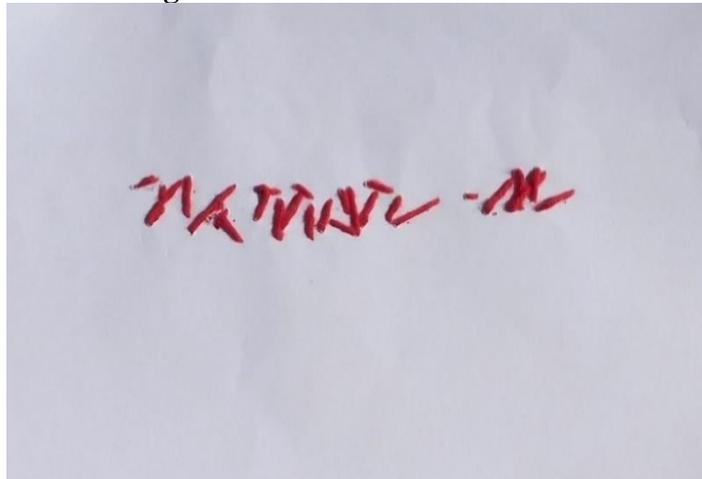
Assim, busco transitar, sem compromissos com completudes e totalidades, pelos sentidos, e as artes possibilitam a licença poética com o discurso acadêmico e o recurso das palavras para [R E S P I R A R], ao passo que a Educação Linguística Crítica me leva a uma construção sensível de sentido que me faz esperar (FREIRE, 1996) sobre possibilidades outras de existir que não violentem as identidades. Portanto, a construção desta pintura é inteiramente interdisciplinar/transdisciplinar e parte da minha relação ontoepistêmica de viver a academia/escrita (registro) científica para conseguir construir e registrar o percurso, as análises e as praxiologias que me fazem/fizeram *descaminhar* até aqui.



PRIMEIRA OBRA – GIRO CORPÓREO EM TEXTURAS E COSTURAS NA/PARA A CONSTRUÇÃO DO NARRAR-SE

Os borrados, rabiscos e *retraçados*, conforme exposto anteriormente, me permitiram entender que a escrita de si é, na verdade, uma costura, um bordado feito com sangue, pele e vida. Então, neste giro mostrarei as obras de arte possíveis a partir da leitura dos TCCs com os quais costuro, tal como a imagem abaixo, as narrativas e as subjetividade das autoras do TCCs com as minhas, *desconstruindo* e *ressignificando* os sentidos possíveis que emergiram durante a minha leitura sentipensante.

Figura 2 – Narrar-se: costura de si



Fonte: Narrar-se. Costura com linha no papel A4 (GOTTARDI, 2022)¹⁶.

A escrita de si é um *descaminho* para a própria consciência e é um percurso sem rota traçada em que você encara o abismo e ele te encara de volta, como posto pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1886). Quando narrei minhas memórias no meu TCC (GOTTARDI, 2021), não tentei delinear algum caminho ou percurso de como se deve fazer uma autonarrativa memorialista e, assim, escrever sobre si. Logo, seria um tanto hipócrita criticar o *cistema* que rotula/formula as existências, assim apagando as identidades, e fazer a manutenção dessa prática ocupando este *espaço* como mestranda. Portanto, o intuito não é cunhar termos ou conceituar, mas, sim, tensionar as relações imbricadas nesse processo subjetivo. Esse movimento, que teve impacto diretamente em minhas práticas, partiu primeiro desse lugar, simbólico, de como eu me significava e quais escolhas eu fiz para materializar os significados

¹⁶ Produzi um vídeo para compreender o processo de narrar-se a partir de uma experiência entre papel, costura e tinta diluída em água. As misturas vão se transformando em outras cores, mudando a textura do papel. Registrei em vídeo (<https://vimeo.com/804631067>), sendo possível compreender a sinestesia por meio dessa linguagem.

de sujeita que tenho sobre mim. Fiz um longo percurso para entender as identidades (HALL, 2002, 2022) e nesse processo percebi o grau performativo (BUTLER, 2018) delas. Contudo, o que me desloca, ainda, é a fluidez na qual transitamos nas nossas identidades. Por exemplo, ora sou professora, ora aluna, ora filha, entre outras, mas a *eu* continua. Por isso, reflito sobre os *espaços* e sobre como a ideia que temos de nós vive em constante *trânsito*, em processos de des/reterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 1995) na escrita de si.

Para continuar a produzir sentidos sobre esse processo, percebi que poderia ampliar as relações entre as identidades e a academia – *espaço* de trânsito, também, das minhas identidades. Logo, este estudo envolve a busca por outras/os autoras/es que também colocaram suas/seus *corpas/corpos* em seus TCCs em Letras na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Sendo assim, quero trazer para este diálogo pessoas que se tornaram professoras de linguagens e mostraram, em seus TCCs, a consciência de seus lugares de existência.

Tradicionalmente, o espaço da *eu* fica restrito às seções pré-textuais de um trabalho acadêmico. Agradecimentos e dedicatória expressam a voz da autora, assim como pontua Osvaldo Jefferson da Silva (2017, p. 17) que

[...] a dedicatória, os agradecimentos e a epígrafe são gêneros que constituem blocos retóricos pertencentes à seção retórica de homenagem, da colônia retórica pré-textual, podendo, possivelmente, apresentar-se de forma individualizada ou estarem juntos como gêneros hibridizados, ou seja, mesclados entre si.

No entanto, senti-me provocada a entender as *eus* que se expressam na pesquisa. Atrás da tela ou de um papel, segurando a caneta ou digitando, sempre há uma *corpa*. Com esse sentipensamento, percebi, durante as leituras, que precisava ir ao encontro das/dos autoras/es que romperam com essa fronteira dos agradecimentos e que, como água num copo que não cabe mais, transbordaram suas *corpas* no texto. É na percepção de que a sua existência vive à margem que a trazemos para o centro, e, assim, o *fazer* e a *sujeita* tendem a não se separar. A consciência de si materializada nas *ações linguísticas* da sujeita projeta a possibilidade da percepção do lugar que essa *corpa* ocupa em seus contextos sociais e de como essa relação é atravessada pelas práticas sociais, assim como o *fazer pesquisa*.

Enquanto lia os TCCs, tive movimentos sentipensados e, com esse processo, consegui prestar atenção em como o texto me afetava e como produzia sentido com *o que* e *com o* modo como a autora o escreveu. As características comuns ao gênero TCC, como capa, contracapa, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, sumário, introdução, e os aspectos metodológicos, as análises, as considerações finais, as referências, os anexos e os apêndices

estão presentes nos 61 trabalhos referentes aos três anos. Na UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr, existem algumas orientações quanto ao formato do gênero, em geral os textos de TCC no curso de Letras seguem orientações para escrita de um artigo científico presentes na ABNT.¹⁷ Para tanto, abaixo textualizo uma série de inquietações que emergiram ao longo dos sentipensamentos que tive enquanto (re)lia os TCCs, mas ressalto que não tenho a intenção de alcançar todas as respostas e/ou esgotar os sentidos possíveis que insurgem delas, mas, sim, de provocar possíveis novas formas de se olhar para algumas questões.

APRECIANDO A COMPOSIÇÃO DAS TELAS

Figura – Carta 8 – Brasil em manutenção



Fonte: Projeto pessoal da autora *Cartas para nin(al)guém*, produzido durante a pandemia. Envelope de carta, desenho à mão, caneta esferográfica preta e vermelha. (GOTTARDI, 2021)

Todos os TCCs continham agradecimentos, mesmo sendo um recurso opcional; esse era o *espaço* em que as autoras não se preocupavam em com a personalidade aparecia neste fragmento específico. Percebi que em todos os TCCs, nesse *espaço*, as autoras escreviam sobre si, construindo alguma relação entre a *corpa* que escreve e o *espaço* proposto pelo gênero acadêmico para poderem falar sobre como eram afetadas pela experiência de produzir e estar na academia. Assim, como posto por Leane da Silva Ferreira e Luiza Helena Oliveira da Silva (2018, p. 3), compreendo que

¹⁷ No ano de 2022, alterações foram feitas na grade em relação aos TCCS, mudando, assim, a matriz de 2017 para a de 2022, na qual os TCC são obrigados a serem divulgados/publicados pela instituição formadora.

[...] es[t]e segmento pré-textual e de caráter opcional, de acordo com as normas técnicas que regulamentam a escrita dos trabalhos acadêmicos no país (ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas), pressupõe a existência, em princípio, de um lugar destinado a relatos mais pessoais, mais particulares e seriam, portanto, mais propícios à depreensão da voz e das histórias de seus autores. São ali mencionados não os teóricos que subsidiaram a pesquisa, mas aqueles que desempenharam no percurso da formação – do qual o TCC é parte constitutiva, como “requisito parcial para a obtenção do diploma de licenciado em X” –, o papel de adjuvantes, isto é, todos ou quase todos os que de algum modo colaboraram, tendo uma participação importante para o sucesso de uma narrativa de busca e são ora lembrados pelo enunciador, aquele que faz o registro como forma de reconhecimento.

Por ser uma escolha e todos os TCCs conterem esse segmento, comecei a refletir, enquanto sentipensava com as autoras, sobre por que a narrativa de agradecimento, que faz parte da formação daquela professora, não aparecia imbricada ao resto do texto. Seria esse o espaço destinado à corpa no texto científico? Logo, como Ferreira e Silva (2018) expõem, o agradecimento é onde as corpas que atravessam a pesquisadora e a pesquisa aparecem, contudo penso que isso poderia ser parte do percurso da própria pesquisa, uma vez que a escrita de TCCs ao final das licenciaturas favorece que a professora em formação pesquise sua própria prática ou revise aspectos do curso que mais a interessaram. Ou seja, por que a parte que mais se remete ao desenvolvimento da autoria/autonomia é relegada a uma seção opcional da escrita?

Em todos os TCCs, portanto, encontrei agradecimentos escritos em primeira pessoa e localizando seus lugares de existência, com suas relações, crenças, inspirações e afetos. As corpas estavam presentes ali. E eu me deparei com mais uma questão: todas essas autoras escreveram sobre si em seus TCCs ao narrarem o percurso de suas pesquisas?

Isso me fez refletir sobre ética na ciência, mais precisamente na ciência brasileira, que, em acordo com Fabrício Tetsuya Parreira Ono (2018, p. 59), entendo como a relação de “[...] ceder-se ao desejo, no qual há o intuito de contribuir para estudos na área de formação de professor[a]s e formação d[a] formador[a] por meio das experiências pessoais, das relações com [a]s outr[a]s e com o mundo, de fazer uma autorreflexão cuidadosa e profunda”.

Durante a leitura dos TCCs, percebi que, no trabalho de Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli (2018), é feita uma análise histórica entre o romantismo e a construção de sujeita em que “[é] na prosa que a figura feminina começa a se configurar como sujeit[a] e não mais apenas como objeto de desejo do eu-lírico masculino” (GANZAROLI, 2018, p. 12). O texto da autora é escrito na voz passiva. Pensando na construção da ciência brasileira, o quanto poderíamos estar deixando de ouvir quando Hevellyn não é sujeita em sua escrita? Ao ler o TCC de Brenda

Larissa Moreira Dias, no qual ela pesquisa as “*emoções e [os] desafios*” “*sob o olhar de licenciana(n)dos em Letras*”, também defendido em 2018, no qual a autora trata de experiências de outras autoras com TCCs, me esforcei para sentipensar com essa autora que registrou a angústia de pessoas na graduação: “[t]inha dificuldade de colocar no papel o que vinha na minha cabeça... já que eu não conseguia de jeito nenhum organizar meus pensamentos dentro do que lia” (DIAS, 2018, p. 10). O que Brenda sentia ao escrever? Se a corpa que colabora com a pesquisa sente, a que escreve/registra não? Refletindo sobre essa relação mente/*corpa* na pesquisa, Sueli Aldir Messeder (2020, p. 167) diz que

[p]ara sairmos da episteme colonizada, possivelmente teremos que investir em nossos olhares epistêmicos eurocêntricos e nos compreendermos como seres no mundo marcados, em nossa pele e sangue, por uma política do conhecimento racializada, classista e heterossexista que nos invade com seus tentáculos tirando-nos a possibilidade de nos situarmos em saberes localizados, também, comprometidos com a dignidade humana.

Então, perceber as nuances de linguagem usadas pelas autoras e sentipensar o que eu lia estaria relacionado com as *ações linguísticas* que poderiam indicar as nossas ontoepistemologias enquanto autoras, uma vez que não é analisar o conteúdo do trabalho em uma relação de juízo de valor, pois todos os TCCs foram avaliados e aprovados. Na perspectiva da Educação Linguística Crítica, nossas escolhas linguísticas constroem os sentidos na pesquisa com o registro do material empírico ou da metodologia, partem de nossos repertórios e são parte de quem somos. *Ser*, ontoepistemicamente, se relaciona com as palavras que usamos para materializar uma produção de sentido ao levarmos em conta a relação grafocêntrica da sociedade atual nos moldes do *cistema* mundo ocidental moderno-colonial, que não atribui caráter científico a outras formas de produção de sentido como a oralidade, ou a trabalhos científicos em outros “formatos” como vídeos, ou a linguagens com Libras, ou a grupos como indígenas, e a culturas que não são hegemônicas. Questiono-me então: qual autopercepção podemos encontrar das corpas que são dissidentes? O quanto de ser cabe dentro do registro científico de forma explícita para que o texto não perca o caráter científico, de ser ciência? Essas perguntas me inquietavam durante as leituras que fiz, pois, a falta de parâmetros não geraria um descaso com a construção de saber científico? As pessoas não precisariam mais de ciência para a vida? É muito interessante ver que foram questões que emergiram nas trocas de ideias, as quais discuto na próxima parte desta exposição.

Quando leio os textos dos TCCs, parto do meu repertório para produzir sentido e, com um movimento sentipensado, não considerar essa percepção seria um tanto ingênuo da minha

parte. Ainda existimos com a língua do colonizador. Quando falo que sou, é em português. Sentipensar a linguagem como território é uma possibilidade de entender que ainda vivemos em constantes disputas. Como podemos produzir sentidos *com* e *no* coletivo sobre ciência que se insurge no Brasil? E se o terreno é de conflito, crise, disputas narrativas que partem da relação que temos de ego ocidentalizada para nos firmarmos enquanto existentes em um campo de batalha que apassiva vozes, é possível negociar com a hegemonia? Se o sujeito é indeterminado, quem fala? Sendo assim, é preciso compreender que o discurso acadêmico é composto, também, por *corpas* que muitas vezes reproduzem violências e contribuem para uma academia/ciência que se alia às colonialidades. Perceber o TCC como caminho que toda pesquisadora precisa trilhar é compreender que práticas ela vai reproduzir em outros territórios e performances no fazer pesquisa. O que é preciso para perceber a violência e escrever bem? É preciso ensinar a não se colocar no seu próprio discurso, principalmente quando levamos em conta as *corpas* que aprendem que lugar ocupam ao materializarem sua existência via linguagens? Podemos refletir, assim, sobre frases como ‘escrever é difícil’ ou ‘eu não sei escrever’; nós, enquanto professoras que nos dizemos críticas, temos uma prática crítica quanto a isso? Sendo assim,

[o] TCC, cuja elaboração se tornou uma etapa muito temida por estudantes universitários/as nos últimos anos de cursos de graduação, consta como um trabalho acadêmico individual ou em grupo, de caráter obrigatório. Acrescenta-se também que o TCC é um dos critérios de avaliação final do/a aluno/a e para a obtenção do diploma universitário. Na maior parte das vezes, o TCC é elaborado no formato de monografia, e tem como objetivo envolver estudantes de graduação no campo da pesquisa científica sob a orientação dos/as docentes do curso. Para isto, a estrutura do TCC é composta, grosso modo, de introdução, desenvolvimento, metodologia e conclusão; e segue rigorosas normas de citação das fontes de acordo com ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) (MENDONÇA; SOUZA, 2017, p. 172).

Ao sentipensar esse movimento, me insurge problematizar o que não está nos registros científicos quando não temos *corpas* que transbordem no texto, visto que o Brasil é um país marcado por sérias e extensas desigualdades e violências sociais, análogo às *corpas* lidas socialmente como/por raça, gênero, classe, padrão estético, pessoas com deficiência, território geograficamente situado, língua(gem), sexualidade, pessoas cegas, pessoas surdas, idade, sem acesso à educação. Isto posto, vale ressaltar que, como citado anteriormente, nos Primeiros Pingos de Tinta, os processos de orientação foram de extrema relevância para que eu ressignificasse e *transformasse* em movimento contra-hegemônico.

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento [...]. Considerado como agenciamento, ele está somente com conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 18).

Pensando nessas rupturas possíveis, por meio de agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), pondero sobre como tensionar essa relação a partir de pessoas que passam por essas leituras e sofrem as consequências, sendo que quem escreve ainda é apassivada, indeterminada pela construção hegemônica de saber. Assim, “Precisamos parar de dissecar as *corpas* dissidentes”, como me disse Eduardo Miranda sobre a apresentação deste estudo no segundo seminário de pesquisa interno (SEMIPE II) que tive no PPPG-IELT em 2022. É preciso, também, começar a tratar essa relação, de dentro da academia, como prática social que promove violências às pessoas que frequentam esses lugares, pois, a partir do reconhecimento dessas práxis quanto *artistapesquisadoraprofessora*, reflito sobre como juntas podemos sentipensar possibilidades outras de práticas sociais na academia menos violentas e menos excludentes. Ao nomear como práxis de violências ontoepistêmicas, compreendo, como diz Thami Amarílis Straiotto Moreira (2010, p. 2915), que

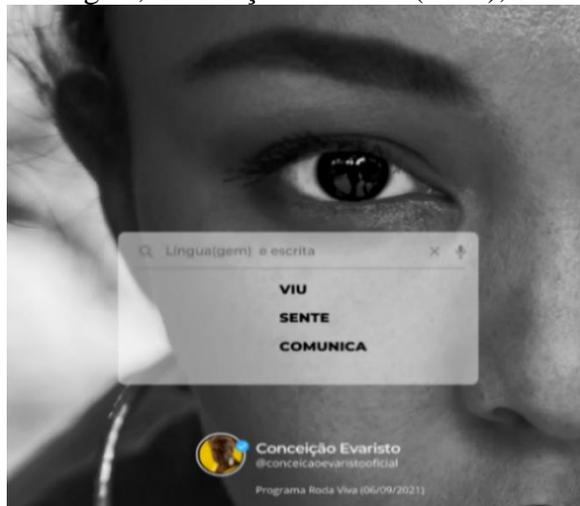
[a] nomeação é uma das questões centrais quando o assunto é a relação entre linguagem e realidade. Em geral, a relação linguagem/realidade é bastante complexa por si só. A nomeação é apenas uma das funções da linguagem que tem um papel muito importante, pois os significados dos nomes organizam e classificam as formas de perceber a realidade, além de estarem ligados diretamente com uma cultura ou comunidade.

Logo, para ampliar as discussões, reflito sobre o que o autor Michael Douglas Rodrigues da Silva – que colabora também na próximo giro desta pesquisa em outras obras –, em seu TCC em 2018, diz em suas vivências escritas em primeira pessoa do singular (1ª p.s.) sobre a relação com o caráter político do estudo que ele desenvolveu, no fragmento em que o autor relata que “[p]essoalmente, a vontade em estudar e buscar conhecimentos acerca de materiais didáticos surgiu no último ano de graduação em Letras [...]. Essas vivências me motivaram a pesquisar [...]” (RODRIGUES DA SILVA, 2018, p. 11). Ao sentipensar com esse autor, notei que havia nuances de linguagem que partem de escolhas linguísticas do autor em que o pronome *me* usado se refere às suas vivências e se conecta à função pessoal de sua pesquisa, apontando o seu

movimento praxiológico. Logo, por essas características, convidei esse autor para continuar colaborando com a pesquisa no segundo movimento de giro.

O texto *Reações e reflexões de alunos de inglês durante a leitura de textos multimodais entendidos pelo viés das perspectivas críticas*, da autora Jossane Rodrigues de Oliveira, me fez pensar no fato de a escrita de si não necessariamente ser escrita de si porque está na primeira pessoa do singular, e, então, partindo do pressuposto de que sempre há uma corpa por trás do texto. No fragmento “[p]retendo refletir sobre como o ato de expressar-se em uma outra língua pode envolver, além das habilidades básicas, a capacidade de se indignar perante fatos e coisas e reagir linguisticamente a isso”, noto a primeira pessoa imbricada na ação da outra. Entender o que Conceição Evaristo (2021) constrói sobre língua e escrita me ajudou a observar essa relação entre a primeira pessoa do singular no texto acadêmico como transgressão, daí pensei na etimologia da palavra transgressão – que é a ação de passar de uma parte para outra ligada à violação, infração –, pois, quando “as língua[gens]”, como posto por Conceição (2021), nos auxiliam na observação da existência, o olhar com profundidade na busca do porquê das coisas, no buscar sentidos, iniciamos simultaneamente a procura por palavras ou por formas de materializar os sentidos. Conceição, ainda no programa Roda Viva, traça uma relação complexa em seu cerne, mas que constrói simples e facilmente a ideia sobre a busca dos sentidos:

Figura 4 – Semiose praxiológica, Conceição Evaristo (2021), sobre o que é língua e escrita



Fonte: Imagem construída por mim, pesquisadora, no site canva.com para ilustrar a relação praxiológica proposta pela autora Conceição Evaristo no programa Roda Viva em 2021. A imagem foi criada com uma bricolagem feita no site canva.com com as informações postas pela autora Conceição Evaristo (GOTTARDI, 2022).

Assim, compreendi que não poderia “conceituar” que a escrita em 1ª p.s. não é uma escrita de si no gênero acadêmico sem cair no paradigma de criar parâmetros e contornos de quem entra ou não nessa seara. Portanto, sentipensar a transgressão, para mim, está no buscar

sentidos quando percebemos quais lugares ocupamos na narrativa hegemônica. Assim, a violação é o recurso para não deixar de existir, pois não é sobre encontrar parâmetros baseados no que entendo por transgressão e por meio de categorias encontrar quais autoras atendem a essas categorias ou não. É ver... sentir... comunicar... Essa violação é articulada com formas outras de se pensar ciência, talvez uma *desforma*, uma vez que a estrutura moderno-colonial que ainda estrutura a sociedade não rompeu com relações fundantes da sociedade moderna-colonial ocidental. É nessa esteira em que se espriam as relações entre saberes e se horizontalizam as relações interpessoais que penso na ecologia de saberes de Boaventura Sousa Santos (2014, p. 336), a qual “visa precisamente valorizar os diálogos entre movimentos sociais e entre eles e o conhecimento acadêmico progressista mais distante”, por isso, enquanto reflito, também considero o que aponta Vico Melo (2022, p. 54):

[...] a constituição da ideia de desenvolvimento esteve atrelada ao pensamento moderno ocidental, em que uma entidade exterior garantiria os benefícios das sociedades “avançadas” aos povos subjugados, considerados inferiores na escala do “desenvolvimento humano”. Para Milani (2012, p. 212), “as noções de ‘cooperação internacional’ e ‘desenvolvimento’ acompanham a própria história do sistema econômico capitalista, do projeto universalizante de modernização das sociedades e do liberalismo multilateral nas relações internacionais”, enquanto Arturo Escobar (1995, p. 26) afirma que o discurso oficial do desenvolvimento foi elaborado “no período entre guerras, [em que] a base foi preparada por instituições de desenvolvimento como uma estratégia para converter o mundo colonial e reestruturar as relações entre colônias e metrópoles”.

A ciência histórica registra, como aponta Lélia Gonzales (2020, p. 44), o que “historiadores e sociólogos silenciam”, relações que racializam e generificam a discussão “desde a escravidão até os dias de hoje, estabelecendo uma prática que torna esse[s] segmentos socia[is] invisível[is]”. Conceição Evaristo (2021) também critica esse posicionamento da ciência histórica que se preocupou em dizer o que *é* e despreza o que *não é*, quando esse *não ser* percebe como as corporalidades não hegemônicas que tiveram os direitos de existência negados violentamente em suas condições plenas por *não serem*. Logo, quando *não sou*, descaminho rumo à transgressão porque violo aquilo que *é* e cometo infração de *não ser* o que a narrativa única (ADICHIE, 2019) diz *ser*. Há uma sensação de incoerência quando um sentido não é, e essa insurgência acarreta um sentimento de falta. A psicanalista Maria Homem (2021) aponta a relação binária ocidental homem/mulher dentro desse escopo da construção psicanalítica como a mulher *ser* o ser faltante, na qual falta o falo, falta o pênis... esse aparato sócio-histórico que constrói não só o consciente do imaginário social, como também o

inconsciente, contribui para a relação histórica desse símbolo. O professor Eduardo Miranda (2021), em uma de suas aulas a que assisti como ouvinte no Programa de Pós-Graduação de Feira de Santana, ainda aponta a relação de sermos colonizadas e “uma cópia fajuta” da mulher europeia, que, por sua vez, é uma cópia fajuta do homem branco europeu. É desse lugar que procuro sentido para falar sobre escrita de si no discurso acadêmico nos TCCs do curso de Letras que li. A língua portuguesa é uma herança colonial. Para nós, brasileiras, lidar com as noções de incompletude e não totalidade é continuar na busca por se entender enquanto sujeita nesse recorte temporal e sociogeopoliticamente marcado como o Brasil. Assim, reflito com o que Orchie Curyel aponta sobre pós-colonial:

Para Hall, o pós-colonial é um processo de desengajamento da síndrome colonial por todos que foram marcados pelo colonialismo. Neste sentido, não se trata de apenas descrever ‘esta’ sociedade em vez ‘daquela’ ou o ‘passado’ e o ‘agora’, mas sim de reinterpretar a colonização de um processo global transnacional e transcultural, o que produz uma reescritura descentralizada, diaspórica ou global das grandes narrativas imperiais, antes centradas na nação. (2020, p. 124).

Nesse processo, Anna Karollyne Rabelo de Araújo (2019), autora de *Narrativa autobiográfica e identidade pós-colonial*, escreve sobre a escrita de si com a voz passiva, sujeito oculto/indeterminado e na primeira pessoa do plural. A autora vai a uma escola e propõe uma atividade de escrita de si relacionada à autobiografia de Malala e relata como foi importante para que as alunas se expressassem. Ainda nesse texto, encontro um relato de três linhas: “[a] realização deste projeto pedagógico foi um importante aprendizado para mim tanto como pesquisadora quanto como ser humano, pois ampliou meus conceitos e aprendizados de diversos modos” (ARAÚJO, 2019, p. 20). A autora usa a primeira pessoa do singular somente nesse fragmento sem um relato profundo, ou sem os porquês que a motivaram a fazer pesquisa estarem atrelados ao seu relato.

Comecei a refletir sobre esse processo, e me insurgiram questões sobre quem segura a caneta ou digita quando alguém fala sobre si. A corpa é da pessoa que escreve? Que conexões são feitas para ser “legalizado/institucionalizado/avaliado” o escrever sobre si no discurso acadêmico? Mais uma vez fui levada a pensar na transgressão. Quando vamos à escola, nos ensinam o “certo” e o “errado”. Em casa também, assim como nas instituições sociais religiosas. Esse “certo” e “errado”, quando se trata das políticas públicas, beneficia a quem? A autoria da pessoa que escreve aparece? Quando fugimos ao binarismo que moderniza as identidades, priorizamos a lógica ocidental e traçamos formas de ser/estar. Reflito que políticas públicas,

quando respaldadas nessa lógica, contribuem para a disseminação de violências que fazem a manutenção das colonialidades. Há a necessidade de representatividade de corpos que não são a hegemonia ocupando espaço de desconstrução dessas políticas para uma sociedade mais justa e consciente de seus atravessamentos.

Logo, vale a reflexão posta no texto *da* autora Gabriela Tonaco Gonçalves dos Santos (2019) – autora que contribui com as obras que seguem no próximo giro –, que se refere às mulheres na terceira pessoa do plural sem usar o pronome *nós*, sem se colocar; porém, quando acrescenta à produção de sentido a crítica, se coloca com o pronome *nós*. Assume, assim, a sua escrita, onde sua *corpa* localiza-se quando se trata do estereótipo de gênero como mulher e a reverberação social desse significado. A autora também se movimenta para uma escrita ativa, como pode ser observado no fragmento a seguir:

[n]essa esteira, resta às mulheres duas opções: ou nos adequamos à performatividade de papéis pré-definidos de acordo com a normatividade da identidade feminina que fazem parte da identidade feminina e nos submetemos à força e opressão advindos do sistema patriarcal ou rejeitamos essa identidade e somos punidas socialmente por esse mesmo sistema. (SANTOS, 2019, p. 16).

Também se posiciona Giselle Oliveira da Silva, autora que contribui com o próximo giro, em 2019, ao dizer em seu TCC que busca

[...] enquanto pesquisadora e ativista trazer uma reflexão sobre a dominação das ideologias hegemônicas que limitam o ser humano, falarmos por nós mesmos, sem a intersecção de pessoas brancas que pesquisam sobre nós, sem vivenciarem o que significa ser mulher negra (SILVA, 2019, p. 8).

A autora aponta seu lugar de *reexistência* com o uso da primeira pessoa do singular, e, apontando os marcadores sociais da diferença, ela se localiza enquanto sujeita e indica as funções pessoal, social e acadêmica de sua pesquisa em um movimento ativo de escrita. Com esse movimento, a autora nos convida também a refletir sobre branquitude (BOTELHO, 2022) e como a falta de consciência sobre o lugar que ocupamos gera mais violência colonial. No segundo giro desta pesquisa, trocamos ideias sobre esse assunto, percebendo que, enquanto mulher branca e com consciência desse atravessamento, assim como o de ser mulher branca de terras colonizadas, sentipensando esse espaço. Logo, em acordo com Alessandra Harumi Bonito Fukumoto (2022, p. 5), “falar de uma sociedade menos desigual pode não ser tão fácil quanto parece, pois depende das pessoas brancas se reconhecerem como beneficiárias de uma estrutura supremacista branca”.

O autor Wilker Ramos-Soares (2019) faz um levantamento de estudos na Linguística Aplicada sobre os corpos gordos, também sendo convidado para o segundo giro, pois se posiciona quanto ao seu lugar de *reexistência* com o uso da primeira pessoa do singular e apontando os marcadores sociais da diferença. O autor se localiza enquanto sujeito, apontando e indicando as funções pessoal, social e acadêmica de sua pesquisa num movimento ativo de escrita. Observei, no fragmento destacado na sequência, além desses pontos de recursos linguísticos, que há a consciência política de que lugar, quanto ao discurso, ele ocupa:

Hoje, pesquisador linguista aplicado crítico gordo, com pesquisas voltadas para corpos que são silenciados, apagados e inviabilizados, com ênfase no corpo gordo, descubro coisas novas diariamente do porquê meu corpo ser tão maltratado nessa sociedade ocidental capitalista e todos os fantasmas que me assombraram durante duas décadas da minha vida (RAMOS-SOARES, 2019, p. 14).

Durante essa leitura, fui refletindo sobre como pensaria essas trocas de ideias, visto que Wilker, além de ser colaborador nesta pesquisa, é meu amigo, e aprendi e aprendo muito com ele nas trocas cotidianas. Percebo como entender qual lugar ocupamos e que nossas corpos ocupam colaborou para a criticidade, ou melhor, a autocrítica neste processo de pensar pesquisa, por isso saliento o que Muniz Sodré (2019, p. 882) diz sobre o diálogo e a compreensão do seu lugar *descaminharem* juntos, pois

[t]oda e qualquer pessoa fala a partir de um lugar determinado. Quando o outro me diz alguma coisa eu sempre tenho uma pergunta subjacente por trás da fala dele, que é assim: ‘quem é você que me fala a partir desse lugar que não é o meu, mas é o seu?’ Só posso dialogar com você se eu fizer uma pergunta como esta. Porque essa pergunta pressupõe que, a partir do lugar que você fala, você pode não estar entendendo o que digo e, a partir do lugar que é o meu, eu não posso entender o que você está dizendo. Esse lugar de diferentes, o qual está colado na fala, é que dá a possibilidade de dialogar. O diálogo não é uma simples troca de palavras. Você manda uma palavra e eu mando outra. Isso um papagaio e o seu treinador podem fazer, pois, no fundo, não é preciso que haja compreensão. Diálogo não é esse razoado a dois apenas. Diálogo é um intercâmbio de palavras; é também você cavar a razoabilidade, cavar o lugar do outro 15-18. Toda vez que você fala, ao mesmo tempo você está com uma pá e é como se o outro fosse um mato. Se você quiser saber o que o outro está dizendo, você tem que capinar esse mato. Você vai lá e capina para ver a sua raiz. Você tem que cavar o lugar.

A autora Yasmin Teles dos Santos (2021), que produz seu TCC partindo da autoetnografia, escreve que assumiu “progressivamente mais responsabilidades sobre meu próprio processo de ampliação de repertórios de modo a permitir que eu construísse minhas

próprias trilhas de aprendizagem” (SANTOS, 2021, p. 9-10). Ao enunciar como pesquisa seu movimento praxiológico na graduação, a autora mostra para quem lê como reverbera em sua práxis e a autonomia no seu pesquisar. A primeira pessoa do singular também indica movimento quando aparece a sujeita ligada ao verbo na mesma palavra *assumi*. Perceber isso no texto é dar contorno à corporeidade de quem escreve, logo enviei o convite para ela também. Assim, reflito com Freire (1996) sobre Pedagogia Engajada; com bell hooks (2017) sobre Pedagogia Afro Feminista; com Gonzalez (2020) sobre a relação de autonomia, o que Graça Elenice dos Santos Braga, Denise Botelho, Janaina de Lima Barros e Maria José dos Santos (2022, p. 336) sintetizam como “reviravoltas epistemológicas”:

[O] processo de conhecimento atinge o campo da educação em sua condição ontológica e (re) afirmar outras formas de ser, de existir e de produzir em um sistema mundo, isto é, possibilitar outros discursos e narrativas sobre a população negra, destacando as mulheres negras como agentes de conhecimentos que vão pautar novas orientações e “reviravoltas epistemológicas”.

A autora Maria Elisa Santos Nascimento (2021) assinala que “este trabalho possa reverberar a minha voz de mulher, preta, brasileira, feminista e professora, pois é a continuação de uma resistência epistêmica trilhada pelas que vieram antes de mim e que seguirá sendo trilhada por aquelas que virão depois” (NASCIMENTO, 2021, p. 29). Desde o título do trabalho a autora se posiciona com o chamado para a relação da “mulher preta”; no fragmento exposto, percebemos que ela é a “mulher preta” a quem se destina pesquisa. Percebi isso por meio do pronome possessivo usado pela autora, indicando a posse de sua própria voz e como ela se localiza dentro da consciência sobre a necessidade de sua vivência com a pesquisa, o que contribui ativamente com esse movimento e pode *transformar*. Dessa forma, convidei-a para dialogar no segundo giro de pesquisa, mas não conseguimos realizar esse movimento por motivos pessoais relacionados à autora.

Também convidei a autora Stephanie Caroline e Souza Fiori (2021), que realizou sua pesquisa para tensionar as pessoas não brancas. No seu trabalho, a autora contribui também para as produções de sentido de sua pesquisa em relação ao discurso acadêmico, problematizando as relações das suas vivências na graduação. Ela também usa a primeira pessoa e chama tenção para seu lugar de existência, racializando a discussão. Foi muito interessante ver as reverberações possíveis com as trocas de ideias relacionadas a esse trabalho, pois a temática fica às baías das discussões sobre *não ser* que venho refletindo neste estudo. Nas palavras da autora,

A resposta que achei após anos de reflexão como aluna é a de que, no fundo, essas pessoas ali presentes não se pareciam comigo, e esse sentimento produzia a sensação de que, ao mesmo tempo que eu me achava merecedora por estudar, parecia que não havia um lugar para mim como não branca, latina e em um país estrangeiro (mas poderia ser o Brasil perfeitamente). Ao longo da graduação, tal inquietude não cessou. Observando cuidadosamente, percebi que no meu curso havia sido aluna de somente uma professora negra, que na minha sala havia apenas uma aluna negra, que no meu círculo social a maioria dos/as meus/minhas amigos/as são brancos/as, e que no meu trabalho, como professora de uma escola elitizada, percebi novamente que eu sou a mais retinta. A impressão que eu tinha (e tenho) era que o espaço estava reservado para pessoas de sucesso que por casualidade (ou não) eram brancas. Então, onde estão as pessoas que se parecem comigo? (FIORI, 2021, p. 12).

Sentipensar com Fioiri me remeteu a Glória Anzaldúa (1991, p. 250) quando traz a relação do queer para o debate com as identidades, dizendo que “por vezes precisamos dessa abrangência para solidificar nossos postos contra quem nos oprime”, mesmo assim os termos do debate “homogeneíza[m] e oculta[m] nossas diferenças”. Como professora-pesquisadora na área de práticas sociais e linguagens, compactua com o que Tânia Rezende (2020) aponta sobre ser preciso mudar os termos da discussão, principalmente quando se trata de se aliar à luta antirracista por meio das linguagens, seguindo rumo aos esforços decoloniais (SILVESTRE, 2018).

A autora Leidijane Vieira Chaves de Souza (2021) produz sentidos de forma muito singular e subjetiva. Após a leitura do fragmento “[e]u, no entanto, não era, pois não me encontrava em estruturas textuais fechadas sistematizadas que não consideravam a minha existência complexa e singular” (SOUZA, 2021, p. 25), percebo como ela contribui para a compreensão da relação do *não ser* proposta pela narrativa hegemônica. A ontologia se faz presente nesse movimento ativo de se colocar na escrita. Por sua vez, a transgressão acerca da qual o texto é construído mostra como a complexidade citada pela autora pode ser tecida pelas palavras no texto acadêmico.

A autora também usa a primeira pessoa do singular, produzindo sentido com o ser/estar na/com a escrita, entrelaçando sua corporalidade e as marcações sociais em todo o texto. Esse movimento feito pela autora me fez questionar várias vezes o que eu entendia sobre discurso científico e como registrá-lo, a forma realmente importa? Quantas vezes nos questionamos sobre os padrões postos sobre as corpas na sociedade e quando a corpa é texto? A pressão estética é algo que aflige as pessoas na busca pelo corpo perfeito, o corpo para ir à praia, o corpo para usar tal roupa... e o corpo no texto? Seria possível pensar em outros padrões estéticos em que a corpa aparece? Qual corpo usar para representar o discurso acadêmico? O contato

com essa autora não foi concretizado, encaminhei e-mail, mas não obtive resposta dela; encontrei-a pelos corredores da universidade, tivemos um diálogo breve sobre a pesquisa, convidei-a pessoalmente para trocar ideias, mas não foi possível esse encontro. Gostaria muito de ter construído saberes junto com essa autora, saber mais sobre a experiência dela de sentipensar, com ela, sobre esse processo...

Em *Os nós do meu quipu: des/re-territorializações identitárias em um estudo autoetnográfico de formação docente* eu me desnudo. Esse texto me coloca como uma das pessoas que colaboram com esse movimento ativo dentro do discurso acadêmico. Para exemplificar como isso ocorre, trago um fragmento relacionado a um dos pontos que me insurgiram ao pesquisar usando minha própria narrativa como material empírico. Ao perceber que “[o] silêncio foi um dos recursos que encontrei para dar conta desse processo atravessado pelo gênero, pelas mudanças culturais, pela classe, pelo meu corpo sempre marcando alguma diferença/ dissidência” (GOTTARDI, 2021, p. 21), notei que precisaria me posicionar e me fazer escutar. Logo, essas percepções fazem parte das trocas de ideias que constituem o segundo giro desta pesquisa.

Os TCCs são concebidos como uma iniciação ao artesanato intelectual, em uma articulação profunda entre experiência vivida e trabalho intelectual, onde são deixados marcas e devires de quem as produz, num exercício de escrita emancipatória. O/a orientador/a torna-se, portanto, uma acompanhante neste caminho nem sempre fácil e muitas vezes tortuoso do/a orientando/a, e sempre atento/a e sensível ao rigor ético, estético e político de sua produção (MENDONÇA; SOUZA, 2017, p. 177).

Pensando nesse artesanato intelectual, nas mãos artesãs das linguagens, me recordo, quando precisava escrever os textos na graduação, de que esse *nós* se liga às mãos que escreviam juntas um trabalho científico. E eu fui ensinada, na perspectiva da educação bancária durante a escola, que uma escrita de relevância se escrevia sem pessoalidade. Sendo assim, os gêneros mais “artísticos” e literários, nesse período de formação básica, ficavam ou nos anos iniciais ou a cargo de grandes autores da literatura, mas nunca se destinavam às minhas práticas de escrita. A adolescência é um período de intensidade emocional, de mudança de paradigmas, mas a escrita não me “serve mais”, eu cresci.

Logo, não pensei ser possível transgredir o gênero para me posicionar..., mas a teimosia – agora com nome de curiosidade epistêmica – me impulsionava a criar, criava porque transbordava... a estrutura argumentativa, ainda muito valorizada pela academia no fazer científico, é pouco quando se trata de práticas de vida. É necessário ampliar, esticar, torcer,

deslocar, romper com formatações tão rígidas, para que se insurjam as identidades e as performances silenciadas, violentadas, acuadas... Para isso, a sensibilidade de quem já ocupa esse lugar de validação acadêmica precisa ser apurada... tratada, talvez até curada, pois, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor” (FREIRE, 1996).

Ao pensar sobre esses processos, precisei sentir, precisei observar e tentar a busca pelas palavras; mas, quando se trata de escrever e escrever sobre si, não é a “partir de...” é “com...” Na experiência de estar mestranda, tenho a oportunidade de coorientar alguns TCCs, atividade que desenvolvi no estágio-docência, para sentipensar de dentro o que é *coconstruir* pesquisa. Com esse outro repertório em relação ao gênero TCC, percebo a ligação identitária de quem pesquisa e entendo que ali não é *só um TCC* que avalia, mas também traz a experiência identitária do tornar-se professora-pesquisadora e que gradualmente aparece nos textos acadêmicos entre 2018 e 2020 na UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr.

Quando vivenciei a coorientação, experimentei estar “do outro lado”. Foi quase como olhar minha imagem no espelho e ver o reflexo ao contrário. No início a troca é uma relação incrível! Fui a campo, mostrei, tensionei, critiquei, ri, chorei o processo com, senti com, pesquisei com e cresci com as pessoas a quem coorientei. Cresci não em altura, mas em extensão... foi como se tivesse me esticado para outros lugares existenciais. Tive de [R E S P I R A R], observar e de leve me afastar, sem deixar de estar presente. Esse sentipensar me tensionou, mas era como se o *eu* fosse *nós*, e eu não sabia lidar com isso. Via-me nelas... mas comecei a me preocupar se eu as via. E, assim, mais uma vez o tempo questionou meu existir compartilhado, me questionou se o tempo delas caminhava com o meu. Como já mencionei, o tempo das coisas, da comida, das plantas, de o chão molhado secar, de a tinta se misturar...

Figura 5 – Narrar-se: mistura de cores e subjetividades



Fonte: Narra-se. Costura com linha, tinta acrílica diluída em água no papel A4 (GOTTARDI, 2022).

É *com* que me percebo sujeita. A inquietação sobre sentipensar a relação entre o universal e o particular me acompanha desde quando iniciei os estudos sobre identidade, nas leituras de Stuart Hall (2002, 2022). Quando, em um congresso, escutei a palavra italianidade pela primeira vez, senti pertença, minha família sempre apontou esse ramo da minha ascendência com grande entusiasmo: “Olha! Você tem sobrenome italiano...”, “Nossa, que nome bonito”, “Já pensou em ter dupla nacionalidade?” Cresci escutando todas as possíveis histórias sobre isso, que meu tataravô plantava uva, que meu bisavô tinha fazenda, que minha bisavó fazia um macarrão incrível de domingo, que eram bravos, que gostavam de xingar e que eu deveria odiar os negros. Meu avô, do qual carrego lembranças extremamente afetivas e as quais farei questão de guardar sempre e que ainda me fazem chorar de saudade enquanto escrevo, trouxe com ele a herança racista em que todo ódio se concretizava no discurso. Cresci ouvindo comentários horríveis sobre pessoas negras, e que as pessoas adultas ao meu redor tratavam como piada, ou coisa de gente mais velha, logo “não muda”. Os comentários do meu avô de ascendência italiana presentes nessas memórias vêm atrelados ao nome que fazia parte da identidade dele. A identidade brasileira de ter de se afirmar enquanto branco para não ser negro faz parte do “pacto narcísico da branquitude” (BENTO, 2022) e Gabriela Rodrigues Botelho (2022, p. 37), assinalando que esse “movimento violento se somava a outros dentro da tradição colonial para facilitar a ascensão social e o trânsito de pessoas na sociedade”. Logo, não tensionar essa relação de construto identitário é contribuir para o apagamento da história do que chamamos de Brasil e ignorar a violência presente nas veias que irrigam o imaginário coletivo brasileiro.

Então, o que isso tem a ver com escrita de si, com escrita acadêmica, com ciência? Ou então com um percurso metodológico? Por muito tempo me fiz essa pergunta e já arrumei diversas respostas para findar essa questão, depois das quais as reticências sempre vinham e em seguida um “mas”. Eu buscava, hoje em minhas performances identitárias ainda busco, “a confortadora narrativa do eu”. Ivanete da Hora Sampaio (2022, p. 203) chama atenção para não nos acomodarmos com a história que contam sobre quem nós deveríamos ser, pois há o risco de cairmos no Perigo da História Única (ADICHIE, 2019) e continuarmos fazendo a manutenção das desigualdades.

Narrar esse percurso é como compreendo o movimento que fiz para sentipensar as escritas das autoras nesta pesquisa para encontrar as nuances de linguagens que provocassem rupturas com a forma de escrita positivista. A construção das produções de sentidos me faz refletir que, ao materializar pensamentos, agimos porta afora da nossa subjetividade; quando

sentipenso, deixo a minha curiosidade epistêmica se ligar ontologicamente ao meu fazer, às minhas ações, se imbricando diretamente nas minhas relações. Assim, eu afeto e sou afetada. Enquanto leio, ou escrevo, também faço ciência e sou afetada pelas palavras. A palavra consciência é um substantivo feminino que designa a percepção de fenômenos ligados à existência; os prefixos vêm acompanhando os radicais a fim de modificar os sentidos – “cons”+ “ciência”.

O dígrafo “sc” ligado ao prefixo “con” me fez ir em busca da etimologia da palavra “consciência”; esse prefixo significa simultaneidade, coexistência, concomitância, companhia... e, somado à palavra ciência, liga os sentidos de estar “com” o conhecimento. Logo, a escrita de si no discurso acadêmico pode *descaminhar* para estar *com* o fazer ciência, *estar* – relação ontológica – simultaneamente no processo de produção de conhecimento, *consciência*. As nuances de linguagens passam despercebidas, mesmo quando são fatores que interferem na identidade de quem as usa. Percebo que esse processo tem relação com a forma como o *cistema* moderno/colonial se organizou e colabora com o apagamento das identidades. Vale ressaltar o que Livia Baptista (2022, p. 55) aponta sobre a colonialidade presente nas linguagens:

[...] criar inteligibilidades outras que nos levem a reconhecer e considerar as práticas de linguagem como parte da complexa tessitura da modernidade/colonialidade em outros espaços-territórios-discursividades-historicidades. Esse movimento, contudo, implica rupturas-continuidades com os projetos da modernidade/colonialidade, que, de certa maneira, vem orientando nossa percepção sobre as práticas de linguagem, sobre os sujeitos e sobre a inter-relação entre essas práticas de linguagem com a historicidade de seus espaços enunciativos e a dos sujeitos historicamente silenciados.

Voz passiva, sujeito indeterminado ou oculto, não pessoalidade são termos e expressões que encontramos em gramáticas e afastamos a crítica deste *espaço*, pois a regra “é clara¹⁸”, portanto “a regra não se questiona”. Há o paradigma de saber que *corpas* subalternizadas para terem acesso e ocuparem lugares nas universidades, por exemplo, precisam saber fazer esse movimento; mas, quando chegamos às universidades, a violência não cessa, e vivemos paradigmas cada vez maiores. Que tipos de mediação entre as práticas de ensino e aprendizagem e as ações na sociedade estão sendo ignorados para que a manutenção dessas violências seja feita? Logo, em acordo com Alexandra Batistela Ferreira, Gilmara Machado Souza, Sostenes Lima (2021, p. 15):

¹⁸ Vale ressaltar que a expressão “é clara” se relaciona com a branquitude acrítica (CARDOSO, 2010) presente na academia quando não racializa (NASCIMENTO, 2021) as pesquisas.

[c]omo uma instituição social de origem europeia, a universidade (e, por extensão, todo o campo acadêmico-científico) se estrutura a partir de uma lógica de dominação pautada no paradigma colonial-moderno, instituindo a racionalidade como modelo único de construção do conhecimento. A modernidade estabeleceu, portanto, a “mente racional” (desvinculada das restrições do corpo) como única instância legítima de produção de saberes. Outras formas de produzir conhecimento, baseadas na experiência, sensibilidade e/ou corporalidade foram hierarquizadas e racializadas. Portanto, esse universo adquiriu, ao longo da história, especificidades que, além de ter regras próprias, ainda tem características que o afastam da grande parcela da população, tornado um campo de difícil acesso ou permanência. Até hoje, a ciência apresenta um arcabouço que distancia os saberes, experiências e linguagens provenientes das demais classes sociais.

Pensando nos movimentos feitos para tensionar as relações de poder imbricadas na construção de saberes, vale retomar as questões ligadas às linguagens e às práticas sociais, percebendo a escrita de si como recurso de sobrevivência ligado ao movimento de sair da terceira pessoa da própria existência (DE JESUS, 1960; EVARISTO, 2021). Sendo assim, relaciono com a corpa território (MIRANDA, 2020) que se constrói na academia, ou seja, nas instituições de formação. A narrativa que vivo desde a escola até a universidade em ambientes formativos se relaciona com o que Tertuliana Lustosa (2021), artista-pesquisadora, disse ao ser convidada para conversar conosco, mestrandas, na disciplina Educação e Diversidades: “a academia atrofia!” Para ela,

Ao pensar a incompatibilidade de uma escrita marcada por leis, por esquecimentos corporais dos que escrevem e por palavras esfumaçadas e obscuras, com a oralidade e os processos de ancestralidade yanomami, Kopenawa tece uma crítica que permeia também a fragilidade dos discursos que não perpetuam as vivências e sua conexão com as sabedorias transmitidas. “Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Via-as de verdade, bebendo o sopro da vida de meus amigos com o pó e yãkoana que me deram” (KOPENAWA, D; ALBERT, B., 2015, p. 76). As poesias de cada vivência na cidade, dificilmente, serão catalogadas ou definidas. Bordados em trilhos de trem, fomes, derramamentos de sangue, prostituições, misoginias e medos não se transpõem sempre à palavra escrita, no entanto é preciso que se pense de que modo esses versos verbalizam-se ou são apropriados nas artes visuais, no teatro, na academia e na palavra escrita... (LUSTOSA, 2016, p. 389).

Quando sentia que ali eu não podia estar, na escrita o sentido se esgotava, e a produção bancária (FREIRE, 1996) era o que preenchia o significado. [P R O D U Ç Ã O]. É o produto que importa, o produto que vende e satisfaz ao consumidor, lembrando que é a falta que faz o consumidor (BAUMAN, 2010) voltar, portanto um significado marcado pela falta. Assim,

ainda recorro à palavra como arte (LUSTOSA, 2016) e busco a queda como Evaristo (2008, p. 123):

[...] Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Nesse contexto, quanto mais escrevo, mais percebo que o tempo (quantificado pelo humano) violenta as identidades dentro da academia. Escrevi vários encaminhamentos para sanar o tempo que me era exigido para passar as etapas necessárias no mestrado, logo foi para que eu conseguisse o tempo que o meu sentipensar leva para produzir sentido. A planta demora tempo para crescer, a comida leva o tempo dela para ficar pronta, para erguer uma casa é a mesma coisa. Quanto mais rápido, mais valor tem. Característica moderna de produção em série: mais rápido, mais dinheiro! E máquinas assumem vários postos humanos. Por meio do tempo, criamos um molde, as réguas, os parâmetros, quem chega primeiro ganha. A gente aprende isso desde “cedo”. Mas, quando se trata de pesquisa, queremos máquinas cópias humanas modernas para isso? O algoritmo já faz pesquisa quantitativa com tanta maestria, sendo capaz de promover uma ideia conforme as intenções de quem tem acesso a esses dados. A reprodução é algo humano, somos reproduzidos constantemente, via DNA, via cultura, via linguagens, não somente de forma artificial. Nós como pesquisadoras ainda temos sensibilidade – tato, olfato, paladar, visão, audição – e consciência para perceber o mundo e construir um discurso acadêmico que reflita as/sobre as necessidades da vida ao nosso redor.

“O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem”; esse trava-língua, cuja autoria não encontrei, que ouvimos desde crianças, me trava ainda... já não trava mais a língua, trava a resposta. Lá se foram dois anos de mestrado, vivi muitas experiências que não ficam registradas explicitamente aqui, pois, além de faltar o tempo, falta o espaço, já não temos tempo para tantas páginas. Gostaria de ter conseguido tempo para trazer todas as pesquisas, os 61 TCCs lidos me afetaram e vão continuar reverberando produções de sentidos. Aprendi tanto com essas pessoas,

sentipensei tanto! A ciência produzida/vivida na UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. é necessária ao que chamamos de ecologia dos saberes (SANTOS, 2014), visto que não há somente uma forma de se fazer ciência, e o Centro-Oeste brasileiro, assim como o Cerrado (MAROTINHO, 2023), tem muito a contribuir. Nesse sentido, para finalizar esta seção, gostaria de deixar o sentimento de

[G R A T I D ã O]

às/aos 61 autoras/es que contribuíram com as minhas praxiologias e com este estudo; nós trocamos ideias a partir do texto de vocês, e, assim como a tinta que se mistura muda de cor, já não sou a mesma de antes dessas leituras.

Figura 6 – Narrar-se no coletivo



Fonte: Narrar-se. Papel amassado resultado do narrar-se (GOTTARDI, 2022).

A minha construção enquanto
 artista professor pesquisadora se dá
 nas vivências que tenho
 a tradução possível com o
 sentipensar
 acontece em/pela minha corpa
 eu e minha analista,
transformo minha corpa em
 laboratório.
 Como vou *transformar* a outra em
 eu?
 Como não dissecar essas corpas
 (MIRANDA, 2020) sobre a mesa
 laboratorial da pesquisa?

Sim, é sobre a dor, as feridas...

As quais, em sua grande maioria,
 nas corpas presentes neste estudo,
 provocadas pela academia.

O quanto é necessário para parar de doer?

Quais nervos, tendões, trompas...

são cortados para anestesiar a vida na academia?

Compreendo que mostrar sua corporalidade no texto é
 como estar nua...

De uma corpa que ninguém quer ver/ler.

No próximo traçado desta pesquisa, trago as trocas de ideias que esticam as percepções postas neste giro, uma vez que o intuito é sentipensar com, e, para isso, *co*construo com as pesquisadoras que aceitaram o convite para trocar ideias sobre nossas percepções durante a produção científica de “apenas TCCs”.



SEGUNDA OBRA – GIRO SENTIPENSANTE EM CORES E NUANCES NA/PARA A CONSTRUÇÃO DA TROCA DE IDEIAS

Foi na primeira aula de Linguística que a coisa ficou louca.

Há muito tempo já não sentia prazer em aprender algo que me fizesse pensar. Ok, era Saussure... dou risada só de me imaginar naquela aula hoje. Porém, quero voltar a atenção para o sentir que me veio ao pensar. Sinto que, nesse dia, toquei o conhecimento, ou ele tocou em mim... não sei, talvez nem faça sentido tentar explicar sobre isso, o que se fez foram sentidos, e pude sentir o processo para se chegar à compreensão...

Escuta, atenção, presença, desejo, movimento e troca.

Lembro-me da professora explicando os conceitos básicos da comunicação humana que desencadearam uma avalanche de pensamentos, possibilidades e vontades. Comecei a imaginar situações cotidianas de comunicação, e as perguntas não paravam... mas, adivinha só, não conseguia perguntar. Não conseguia achar relevância em nada daquilo, era como se tivessem suturado minha boca sem ao mesmo usarem linhas, somente com simbologias; hoje tenho consciência do gigantesco processo de silenciamento ontoepistêmico que me atravessou e me atravessa. No decorrer da minha existência, vivi vários silenciamentos, muitos de forma velada com a roupagem do afeto propostos pela narrativa hegemônica. Considero o gênero como o primeiro, ao me colocarem na narrativa posta pelo ser mulher, em que as minhas necessidades cognitivas, desde a curiosidade epistêmica ao cerceamento do corpo, foram “adequadas” ao molde posto para esse ser. Hoje compreendo que me tornei mulher. No meu TCC (GOTTARDI, 2021), elaboro simbolicamente em forma de registro científico esses atravessamentos, percebendo as identidades que foram preestabelecidas para que eu performasse como grandes causadoras de violências, pois colonizaram o meu ser.

Na universidade pública, mais especificamente na UEG, na mesma sala onde ocorreu a aula de Introdução à Linguística, havia outras existências com quem compartilhei a minha. Era início do segundo semestre do curso de Letras em 2016, e já estávamos um pouco mais à vontade de conviver juntas, logo nesse ano fiz um colega, que hoje é melhor amigo, Wilker Ramos-Soares. Nessas aulas eu ficava inquieta. Descobrimos que minha casa era caminho para a casa dele, nós voltávamos juntas, ao meio-dia, nos esquivando do sol pelas sombras, sempre tive uma intolerância ao sol/calor... mas acredito que fazíamos isso para demorar mais no caminho. Nós íamos caminhando e trocando ideias. Todas as inquietações provindas das aulas eram comentadas, discutidas, problematizadas, e a sensação era de extremo prazer. Muitas

vezes não chegávamos a lugar nenhum em relação ao que conversávamos, hoje percebo que era a falta de repertório teórico e vivencial para dar conta de tamanhos questionamentos. Andávamos, às vezes parávamos quando chegávamos à porta da minha casa, mas a conversa não dava para parar ali... a troca se estendia, ali paradas percorríamos quilômetros de sentidos. O processo extrapolava os muros da universidade. Ali estávamos, e ele em um outro plano, consigo me lembrar desse lugar.

Durante as aulas ele começou a me provocar para que eu fizesse as minhas perguntas porque ele percebeu que, quando conversávamos, ele queria ouvir a professora respondê-las, nós não tínhamos repertório suficiente para elas... Primeiro, ele as fazia; depois, quando eu o cutucava durante a aula com uma questão, ele levantava a mão e dizia que eu tinha uma pergunta. Toda constrangida, tentava fazer as perguntas, no início havia uma dificuldade enorme para organizá-las... toda essa insegurança, que com o tempo percebi que me trava, era a construção sócio-histórica da mulher. Minha mãe e meu pai, assim como o resto da minha família, e as pessoas com quem convivi em sua grande maioria contribuíram para isso. Minha família me ama e fez todo esse movimento em prol das colonialidades, pois é estruturada, assim como eu, dentro dessa narrativa única (ADICHIE, 2019).

Quanta violência... as naturalizamos com a mesma velocidade com que as praticamos. Ao sentir que essa relação com o conhecimento era o que me fazia caminhar, não consegui mais parar. Assim como a vida e, conseqüentemente, a vida humana, sou movimento, as nômade precisaram andar, ando... mas ando nesse lugar simbólico que conheci com meu amigo, o dos sentidos. Hoje nós precisamos marcar um dia para conseguir caminhar juntas, o caminho é longo, pois chegamos a lugares que nunca imaginamos chegar, como, por exemplo, o mestrado. Aqui, nesta pesquisa, proponho essa troca de ideias que acontece “fora” dos muros formais da universidade, mais especificamente do registro escrito dos TCCs de Letras da UEG nos anos de 2018 a 2020, e que me constitui como pesquisadora, como percurso possível para o estudo das linguagens e das práticas sociais.

Em uma pesquisa rápida sobre o termo “troca de ideia” na plataforma online de pesquisa Google, encontrei o termo no dicionário popular, e lá aparece relacionado às práticas informais e no singular.

Figura 7 – Print de tela de pesquisa do termo “troca de ideia”



Fonte: Print feito pela autora

Costumo chamar as pessoas, qualquer uma “dentro e fora” da academia, para trocar ideia. Escuto muito essa expressão em roda de amigas, das minhas alunas e, também, a uso em meu cotidiano quando preciso ou quero conversar com alguém. Sendo assim, durante os caminhos notei que *des/reconstruo* muitas praxiologias ao compartilhar a existência com outras pessoas convidando-as ao diálogo, e, geralmente, esse convite vem com um “*Bora trocar uma ideia?*” Nas minhas vivências, tenho feito esse convite rotineiramente ao refletir/problematizar/tensionar linguagens e práticas sociais em *todos* os meus contextos comunicativos, pois, nessa *troca*, não há perda ou substituição de um sentido por outro, mas, sim, a ampliação de sentidos *coconstruídos no* compartilhar de *ontoeπισtemologias* e se aproxima de uma ecologia de saberes (SOUZA SANTOS, 2019).

Na escolha desse termo, parto da premissa da possibilidade de *des/reconstruir* a relação distante entre conhecimento e produção de conhecimento. Quando Sueli Messeder (2020, p. 160) chama atenção para como a sujeita é descorporificada na narrativa científica, na tentativa de compreender o diálogo entre ensino/pesquisa/extensão, *troquei* muita *ideia* com Gislene Aparecida Amaral Gottardi, Wilker Ramos-Soares, Barbra Sabota, Beatriz Lima, Lucas Eduardo Macena Silva, Ilza de Fátima de Amaral, Viviane Silvestre, Márcia Macena, Larissa Gottardi, Maria Aparecida do Carmo Gottardi, Glória Maria de Amaral, Francisco José de Amaral, Nélia Milra de Amaral, Matheus Gottardi, Kátia Cardoso, Louise Leite Marotinho, Renan Fernandes de Souza, Lucas Amaral, Ana Paula Oliveira Lima, Patrícia Gottardi, entre

outras existências que cruzaram a minha. Esses nomes, principalmente os elencados aqui, são relacionados com a *presença*. Deleuze e Guattari (1995, p. 64) nos convidam a refletir sobre essa relação entre presença e ausência, em que

[...] o meio associado se definia, assim, por capturas de fontes de energia (respiração, no sentido mais amplo), pelo discernimento dos materiais, pela captação de sua presença ou ausência (percepção) e pela fabricação ou não dos elementos ou compostos correspondentes (resposta, reação).

Essa relação posta pelos autores, mesmo que no exemplo dado faça referência a um experimento orgânico, se é orgânico, é vida, e por que a subjetividade humana não se proliferaria de forma orgânica? As linguagens correspondem ao estímulo da necessidade humana, e, ao trocar ideia, faço o movimento de capturar fontes de energia, que chamaria de fontes de sentido, onde sinto a presença de sentido ou a ausência encaminhando para uma possibilidade de resposta ou reação a depender das fontes de sentido que tenho como repertório. Esse processo impacta no movimento da troca, em trocar sentidos conforme as fontes de sentido propostas pelo contexto, logo a troca de ideias. Ao tensionar o que temos chamado de *trocar ideia*, considero que no diálogo se estabelece *presença* e que, ao relacionar um *espaço de fala* (SILVESTRE, 2017) com/e uma escuta *ativa* entre as sujeitas que estão *coconstruindo* sentidos em um determinado tempo e espaço, é possível mudar o modo como construímos saberes e sentidos. Neste estudo, compartilhamos a experiência de sermos graduadas no mesmo curso pela mesma instituição, muitas delas sob as mesmas orientações e epistemes semelhantes, tudo isso corroborou para que seguíssemos *descaminhando* e *escancarando* nossas *corpas* no registro científico.

Nestes últimos três anos, venho me aproximando do fazer científico e tenho buscado entender as relações de poder que são exercidas sobre minha *corpa* enquanto me ocupo de compreender os “[des]caminho[s] que nos unem e [o]s muros que nos separam” (OLIVEIRA, 2019, p. 16) enquanto sujeita brasileira no processo de produção de conhecimento no Brasil. *Trocar ideia* é um convite para falar e escutar do/o que está dentro da universidade (lugar de construção de saber) com *quem* está fora, desestabilizando a noção de uma universidade estática, que não movimenta suas praxiologias em diálogos com a sociedade, assim *coconstruir* sentidos. Uma vez que a universidade é pública, porém o fazer científico não é para todas as *corpas*. Nesse contexto, convido ao diálogo para falar às mulheres do terceiro mundo, assim como eu, o discurso de Glória Anzaldúa, Édna de Marco, Claudia de Lima Costa and Simone Pereira Schmidt (2000, p. 231):

À mulher do terceiro mundo se revolta: nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios. Eu posso escrever isto e mesmo assim perceber que muitas de nós — mulheres de cor, que dependuramos diplomas, credenciais e livros publicados ao redor dos nossos pescoços, como pérolas às quais nos agarramos desesperadamente — arriscamos estar contribuindo para a invisibilidade de nossas irmãs escritoras. “La Vendida”, a vendida. O perigo de vender nossa própria ideologia. Para a mulher do terceiro mundo que, na melhor das hipóteses, tem um pé no mundo literário feminista, é grande a tentação de acolher novas sensibilidades e modismos teóricos, as últimas meias verdades do pensamento político, os semidigeridos axiomas psicológicos da new age, que são pregados pelas instituições feministas brancas. Seus seguidores são notórios por “adotar” as mulheres de cor como sua “causa” enquanto esperam que nos adaptemos a suas expectativas e a sua língua. Como nos atrevemos a sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis. [...] Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo. Não podemos educar as mulheres brancas e carregá-las pela mão. A maioria de nós deseja ajudar, mas não podemos fazer para a mulher branca o seu dever de casa. Isto é um desperdício de energia. Em muitas ocasiões — mais do que gostaria de lembrar — Nellie Wong, escritora feminista asiático-americana, foi chamada pelas mulheres brancas para fornecer uma lista de asiático-americanas que pudessem dar conferências e workshops. Estamos em perigo de nos reduzir a fornecedoras de listas de recursos.



Cotidiano. Ilustração digital – 2019 - Pri Barbosa.¹⁹

¹⁹ É possível acessar o site da artista Priscila Barbosa por meio do link <https://priscilabarbosa.com/autorais/>.

Ao transcrever as trocas, notei que as ideias se conectavam. Com isso, pensei em mostrar a troca de ideias como uma possibilidade, como uma forma de fazer pesquisa construindo a estética de um diálogo por meio de muitos saberes e muitas pessoas; para mim, é caminhar no sentido da ecologia de saberes. Por isso, a organização das falas e dos saberes é feita por mim a fim de construir visual e praxiologicamente uma troca de ideias entre todas *c*opesquisadoras desta pesquisa. Sendo assim, a minha ação fica explícita na próxima subseção da pesquisa enquanto pesquisadora/curadora que sentipensou um dos diálogos possíveis dentro do macro que foi essa experiência de trocar ideias. Comecei a refletir sobre como iria excluir os fragmentos, pois foram muitas horas de trocas de ideias. Mas consegui pintar um quadro com esse recorte em que o critério utilizado para escolha parcial dos fragmentos da pesquisa é que esses fragmentos mostrem que nós trocamos ideias umas/uns com as outras.

Todas foram convidadas para esta troca pelo mesmo motivo, o seu TCC. Nós trocamos ideias sobre nossos TCCs e a realidade de estar graduandas na mesma Universidade – valendo ressaltar o que a autora Louise Marotinho (2022) aponta em relação à multiplicidade das realidades dentro da UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr. Por meio da interseccionalidade e de nossas vivências com a pesquisa na mesma unidade universitária, compartilhamos a existência não só com a troca de ideias, mas, também, durante a nossa formação. Assim, a potencialidade da troca de ideias se dá a partir da autoria de cada narrativa que participou deste segundo giro de pesquisa nas trocas de ideias. As histórias contadas a partir de suas/seus autoras/es faz ecoar as narrativas (GOTTARDI, 2022) para além do registro acadêmico, reverberando a praxiologia que extrapola os limites da academia. Logo, a *eu* pesquisadora se mostra na sensibilidade ontoepistemológica ao criar uma pintura possível para dizer que a prática de pesquisa vai além do registro das palavras escritas.

Pensando no que Ailton Krenak (2020) aponta sobre “A máquina de fazer as coisas”, trago à discussão a máquina de fazer ciência. Somos seres identificadas como humanas e dentro da academia tratados como máquinas que precisam produzir. PRODUZA, PRODUZA! Um artigo, uma dissertação, uma tese, um capítulo de livro, um TCC... Colocam-nos dentro dessa lógica de mercado em que a troca lembra o escambo, e não é essa que proponho aqui. Com as narrativas que constroem parte do material empírico desta pesquisa, é possível perceber como reverberam a experiência do pesquisar para umas e outras. Esse processo traz a reflexão sobre o regime de capitalismo acadêmico que impacta na experiência do pesquisar, pois

[...] o regime acadêmico capitalista de conhecimento/aprendizagem estrutura novos circuitos de conhecimento; modifica o trabalho acadêmico; cria novas

estruturas dentro das universidades; modifica as relações alunos-professores; aumenta o controle sobre o trabalho docente e sobre os produtos de seu trabalho; introduz a universidade na nova economia, por meio das parcerias universidade-empresa; e aumenta a competitividade entre as universidades. Todas essas novas relações tornam a educação um produto a ser consumido, como qualquer outro (SLAUGHTER e RHOADES, 2004). [...] O capitalismo acadêmico fornece subsídios teóricos para compreender, por meio de uma perspectiva estrutural, como o processo de mercantilização do ensino superior redesenha as IES dos países hegemônicos. (COSTA; GOULART, 2018, p. 403-409).

Por esse motivo, gosto de lembrar, a mim mesma principalmente, o que é fazer pesquisa quando se trata das minhas práticas sociais...

A luta antimanicomial, também, reflete a decolonialidade quando o cárcere privado é criado por quem criou a língua(gem) no molde homem branco cis rico hétero cristão, foi neste formato que nasce o Brasil.

Que grita...

a criança traumatizada, violentada pra caber na forma... em que o solo é mãe gentil, mas o “dono” é homem, é pai que educa com o medo... da fome, da miséria, da vida e da morte, pelo abandono.

E o solo, este é tratado como uma mulher que tem de ser mãe. Solo que cuida, que dá... dá até quando não tem mais leite pra sugar, mas mesmo assim a criança traga com toda força que tem e vê a mãe definhar.

Hoje, tenho a consciência de que, quanto mais se formata, mais longe da vida estamos. Essa necessidade totalmente humana ocidental de registro de vida mata a vida. Para caber na forma de um mestrado, compilei dois anos nestas páginas. É possível notar que tal objetividade e clareza que sufocam as *corpas* nos textos sufocam esta que escreve também. Tem pesquisa que tem vida, e a academia atrofia (TERTULIANA, 2016), por isso, agora, tem vida dentro de mim, me sinto mais pesquisadora dentro de minha *corpa*. Portanto, na próxima subseção, construo uma troca de ideias como praxiologia central desta pesquisa, construída com vozes das pesquisadoras que se narram em seus TCCs e aceitaram o convite de colaborar com esta pesquisa.

[G R A T I D Ã O]

a Margarida, Maria Odete, Giselle, Zack, Teles e Wilker – sem vocês esta troca de ideias não seria possível!

* * *

Ao andar pelos corredores, pelas escadas, quaisquer trajetos possíveis dentro das universidades, encontramos pessoas, ou seja, corporalidades transitantes que afetam e são afetadas umas pelas outras. No caso da UnUCSEH – Nelson de Abreu Jr., com as *co*pesquisadoras desta pesquisa, consegui pintar a tela retratada a seguir por meio dos diálogos insurgentes das trocas de ideias. A partir deste elemento semiótico que criei, formado pelas trocas de ideias, sentipenso as violências epistêmicas que validamos como construção/aprendizagem do saber científico, para, assim, ampliar produções de sentidos com as *co*pesquisadoras deste estudo, entrelaçadas aos saberes científicos já produzidos. Como a proposta de Boaventura de Sousa Santos (2018) de construir epistemologias do Sul,

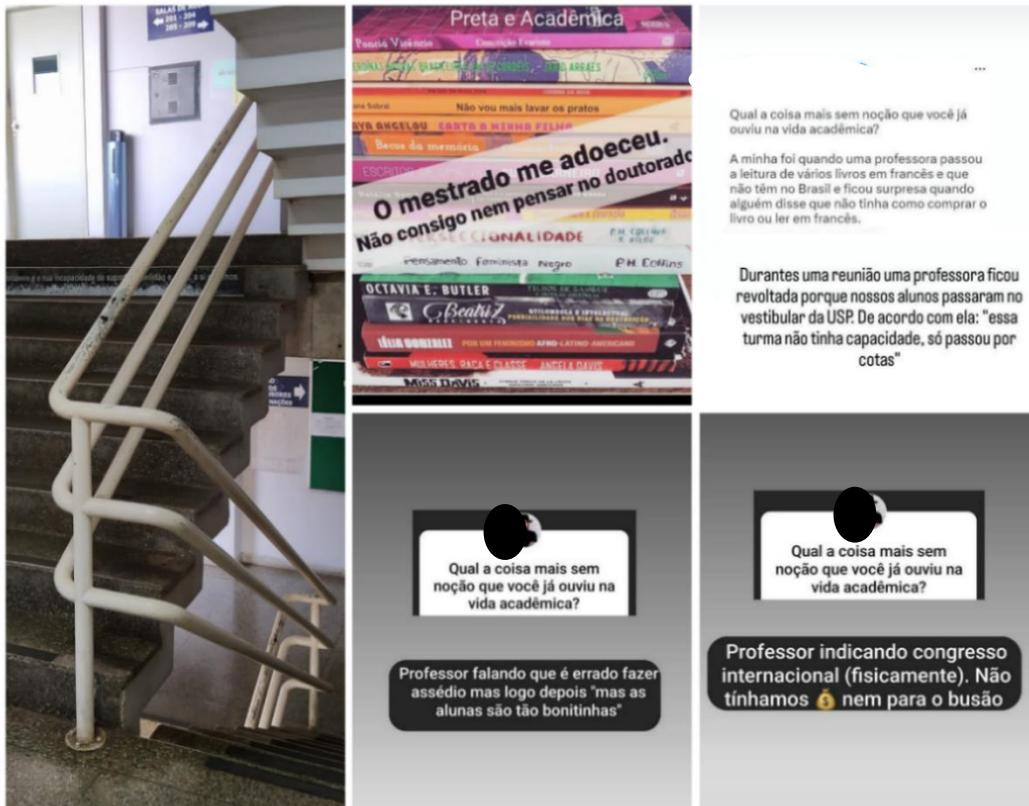
[...] se fecharmos os olhos e os voltarmos a abrir, verificamos com surpresa que os grandes cientistas que estabeleceram e mapearam o campo teórico em que ainda hoje nos movemos viveram ou trabalharam entre o século XVIII e os primeiros vinte anos do século XX, de Adam Smith e Ricardo a Lavoisier e Darwin, de Marx e Durkheim a Max Weber e Pareto, de Humboldt e Planck a Poincaré e Einstein. E de tal modo é assim que é possível dizer que em termos científicos vivemos ainda no século XIX e que o século XX ainda não começou, nem talvez comece antes de terminar. E se, em vez de no passado, centrarmos o nosso olhar no futuro, do mesmo modo duas imagens contraditórias nos ocorrem alternadamente. (SOUSA SANTOS, 2018, p. 31).

Como iremos “avançar” com as reverberações insurgentes das construções novas de saberes, que aparecem no cenário da ciência, se ainda violentamos as existências nos espaços acadêmicos? Não seriam esses os lugares possíveis para essas produções? Para tentar ousar em romper, é necessário perceber o academicismo brasileiro como, ainda, reprodutor de colonialidades que tornam sufocante o existir nesses espaços, principalmente o de pessoas-pesquisadoras que não se adequem às “regras”. O intuito não é abrir uma arena para o “vale tudo”, mas, sim, possibilitar experimentações que possam transitar sem o [M E D O] de *não ser* hegemônico.

O TCC é um marco de pesquisa para as pesquisadoras iniciarem suas jornadas no universo acadêmico, porém não é o único que possibilita a experiência na graduação. A iniciação científica, assim como a participação em eventos acadêmicos, também são parte da experiência de pesquisar. As regras estão postas, e, para estar nesses lugares, é necessário segui-las, mas, antes de pensarmos nesse ponto, que será discutido mais à frente, proponho sentipensar a corpa de quem ocupa esse espaço. Quando digo isso, estou me referindo ao que diz Eduardo Miranda (2020) e

[e]lucido [com Edu] que o corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa. [...] Sentir os corpos-sonoros, saber da sua existência e ao mesmo tempo compreender a sua imaterialidade recai nas provocações visíveis e invisíveis que oportunizam a construção da categoria corpo-território. (MIRANDA, 2020, p. 23).

Figura 8 – Nos corredores quais vivências transitam?



Fonte: Nos corredores quais vivências transitam? Imagem criada de prints de enquetes do Instagram, por mim, para esta pesquisa (GOTTARDI, 2023).

TELA 1 – VIOLÊNCIAS EPISTÊMICAS

Aqui, nesta tela, pintei com as falas (como se fossem tintas) a relação das violências pelas quais as corpos foram atravessadas e marcadas nos espaços acadêmicos. Para tanto, a seguir apresento a primeira tela desta exposição e, como artista professor pesquisadora que pintou, espero que possamos, com isso, sentipensar as violências epistêmicas, bem como formas de interrompê-las.

Eu PARADA olhando e esperando que elas parassem de discutir se eu era negra ou não, na visão de duas mulheres BRANCAS. E você já está inseguro porque é graduanda e está no Congresso de pós-graduação, está sendo avaliado e, assim, GRAÇAS AO UNIVERSO, tinha uma menina negra lá que era mestranda da UFG e ela tomou minhas dores, entendeu? ELA segurou minha mão... ela começou a discutir com as professoras. Então, depois só terminei minha apresentação. (GISELLE, Troca de Ideias, 00:32:08).

QUEBRAR essa barreira de ALTO ESCALÃO DE DOUTOR e aluno e perceber que realmente é a necessidade de ter um trato humano com aluno é o que permite à faculdade se sustentar. Como é que você quer ter um doutorado na faculdade se o mestrando está totalmente traumatizado? Como você quer ter mestrado se os graduandos não querem ficar na universidade? E já é um desgaste estar aí, né? HOJE, como professora, eu consigo analisar muito bem essa falta de assiduidade dentro da escola, porque você vê claramente refletida na faculdade. (MARGARIDA, Troca de Ideias, 00:02:08).

Essa ROTINA ACADÊMICA que tem cultura ESQUISITA de achar que tem que aprender na DOR, e eu comecei a ficar muito incomodado, porque eu tinha encontrado um espaço dentro desses movimentos, dentro dessas correntes de ATIVISMO QUE ME ACOLHIAM, e eu estava acessando um espaço em que eu era novamente atacado e não mais por ser gay, não mais por ser gordo, mas por não saber escrever da forma como deveria, por não saber falar da forma como DEVERIA, por não saber os conteúdos que DEVERIA, por ter problemas elementares em questões de GRAMÁTICA. E o que mais me causa espanto hoje, pensando nisso, é que eu estava em um curso de formação de professores, eu estava com professores que formavam professores... (WILKER, Troca de Ideias, 00:16:50).

Mas aí a gente torna a falar sobre a HUMANIZAÇÃO de novo, né? De entender o SEU ALUNO como ser humano, com suas dificuldades, suas limitações e saber entender isso... CARA, a gente sabe como é que uma escola funciona. A gente sabe como a universidade funciona. Se fosse tratar sobre prazos, por exemplo, ou se fosse tratar sobre outra temática, a gente sabe que tem como adaptar, né? Infelizmente, parece até uma luta de egos, sabe, para ver quem que consegue OPRIMIR MAIS. E chega um ponto que vê essa discussão idiota, tola, que afasta cada vez mais a gente da faculdade. (MARGARIDA, Troca de Ideias, 00:21:30).

Então, continuar a pesquisa e entender como é que a gente tem produzido isso dentro das áreas de linguagens é importante para que a gente dê subsídio para pessoas que estão passando por processos MUITO PARECIDOS COM O NOSSO (+), de violência, né? DENTRO do ambiente acadêmico e que seja um recurso de autopercepção nesse lugar, porque essa coisa que você falou da tomada de consciência que você teve, porque lá estava vivendo e sentindo e o processo VEIO DEPOIS. Sabe esse PROCESSO DO DEPOIS... movimentam as SUAS PRÁXIS HOJE, né? Por exemplo, não estou falando só da graduação. Então, assim (+) o intuito de sentir, pensar e conversar sobre isso é de a gente ver até onde a gente vai chegar com isso. Se para mim foi tão importante esse processo (sentir, pensar e conversar), na graduação que me violentou de formas diferentes, (+) tipo, PSICOLÓGICAMENTE E FÍSICAMENTE, por causa de como as coisas aconteceram. Como é que eu tomo consciência deste processo, falando de mim, e não faço nada? O intuito é de tentar AMPLIAR as produções de sentidos sobre isso. (LETÍCIA, Troca de Ideias com Margarida, 00:54:11).

“Eu PARADA olhando e esperando que elas parassem de discutir se eu era negra ou não, na visão de duas mulheres BRANCAS²⁰”. Ao sentipensar esse cenário, me tensiono, como mulher branca, sobre os afetos possíveis a partir desse marcador social. Por enquanto, até aqui, duas mulheres brancas elegendo o marcador social, neste caso, racial de alguém... Essa é uma construção comum ao nomear. No giro anterior, tracei essa relação sobre como dizer o que é marca as existências... e

[q]uem fala e de onde se fala são questões centrais que revelam os interesses por trás do que é falado. Para a nomeação, é extremamente relevante, uma vez que o ato de nomear é performativo porque pratica uma ação que, segundo as convenções estabelecidas por Austin [1976], precisa preencher todos os requisitos para que seja completa. Vale ressaltar que nesse ato, assim como nos outros, as posições de quem nomeia e do que é nomeado devem ser obedecidas, e essas posições revelam quem tem poder e autoridade para nomear e quem, ou o que, está subordinado a esse poder. (MOREIRA, 2010, p. 2919).

“GRAÇAS AO UNIVERSO, tinha uma menina negra lá [...] ELA segurou minha mão... ela começou a discutir com as professoras. Então, depois só terminei minha apresentação²¹”. Esse evento crítico racista deixa explícita a violência proveniente de um espaço físico que não é “seguro” de existir, principalmente, para a corpa negra, pois somos estruturadas pelas colonialidades que implodem as existências, “GRAÇAS AO UNIVERSO” e, naquele momento, não à ciência, foi possível que a apresentação terminasse, já aqui ali quem representava a ciência, em um sentido hierárquico, violentava essa corpa sem temer, ou sem se

²⁰ Referência ao trecho de Giselle na Tela 1.

²¹ Idem.

autocriticar sobre os privilégios que suas corpos carregam. Como esses espaços podem ser “seguros” para corpos não hegemônicas transitarem quando ainda não percebemos a importância dos afetos entre as existências? Ao sentipensar esse ponto, sugiro a autocrítica da branquitude, que se diz crítica, para atentarmos “com profundidade sobre [nossa] identidade racial” (CARDOSO, 2010) de forma que violências contra corpos negras deixem de existir dentro de espaços acadêmicos. Assim, buscamos *descaminhar* nos esforços decoloniais, pois o *cistema* coloca a divisão racial como principal questão que propicia as colonialidades, portanto não racializar a discussão (NASCIMENTO, 2019) é contribuir para a manutenção dessas desigualdades!

A colonialidade do poder introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de “raça”. A invenção da “raça” é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade estabelecidas por meio da dominação. A humanidade e as relações humanas são reconhecidas por uma ficção em termos biológicos. (LUGONES, 2020, p. 2020).

Logo, ao “QUEBRAR essa barreira de ALTO ESCALÃO DE DOUTOR e aluno e perceber que realmente é a necessidade de ter um trato humano com aluno é o que permite a faculdade se sustentar²²”. Estamos condicionadas a essa estrutura de reprodução, por exemplo, ao pensar na expressão *o Brasil foi descoberto em 1500*, como propõe Susana de Castro (2020, p. 141), ficando evidente como o nosso pensamento foi construído a partir de bases colonizadoras. Na academia essas reproduções que mantêm o *cistema* contribuem para práticas de violência ontoepistêmicas, práxis que violentam formas de ser/estar e/com ensino e aprendizagens, assim vão na contramão de perspectivas outras relacionadas às produções de saberes. Reflito, desse modo, com vistas ao caráter de “incompletude e incomensurável de processos analíticos ou experienciais”, pois levo em conta a “inteligibilidade mútua e não hierárquica do mundo” (COSTA LIMA, 2020).

Ao levar em consideração essas percepções, “aprender na DOR²³” é uma forma de pensar o ensino e aprendizagem com ênfase no sentimento que associa conhecimento à dor. Por que deveríamos achar que isso é “normal”? Esse tipo de aprendizagem está ligado ao erro e acerto, de forma que, se você não aprendeu no “amor”, irá aprender no sentimento de dor. Ao sentipensar essa expressão, sou provocada à reflexão acerca de conhecimentos que vêm por meio da dor, como aquele quando percebo/aprendo que sou mulher colonizada e como isso

²² Referência ao trecho de Margarida na Tela 1.

²³ Referência ao trecho de Wilker na Tela 1.

reverbera em minhas práxis ao meu redor, na dor de aprender que é dissidência dentro de um contexto social. Mas, ao errar, não é preciso sentir dor, errar é parte do processo de encontrar um caminho para aquilo que se apreende; ao punirmos o erro com a dor, atrofiamos as possibilidades de aprendizagem.

A ansiedade em relação à escrita é geralmente compreendida como sentimentos negativos em relação ao próprio escritor (baixa auto-estima), à situação de escrita ou a uma determinada atividade que causa transtornos durante o processo da escrita (McLeod, 1987). Alguns autores, como, por exemplo, Scarcella e Oxford (1992), afirmam que a ansiedade pode ser aumentada devido a certos tipos de interação entre professores e alunos. A correção severa dos erros, bem como a forma ridicularizante e desconfortante de lidar com eles perante a classe estão entre os fatores que provocam ansiedade na interação professor–aluno (Oxford, 1999). Segundo Tsui (1995), a ansiedade em sala de aula pode ser minimizada mediante o estabelecimento de uma boa relação entre alunos e professores, o uso de trabalhos em grupo e a oportunidade de os alunos discutirem com os seus pares antes de oferecerem respostas. (FIGUEREDO, 2001, p. 56).

Isto posto, ao dizer que sofreu “por não saber falar da forma como DEVERIA, por não saber os conteúdos que DEVERIA, por ter problemas elementares em questões de GRAMÁTICA²⁴”, o autor menciona como lhe causa estranhamento sentir isso dentro de uma instituição/curso que ensina a ensinar. O verbo *deveria*, futuro do pretérito, indica uma ação ligada ao passado que não se concretizou, o saber falar... Hoje sabemos que, para alcançarmos outros lugares dentro da pirâmide social, é necessário que se adeque às regras antes. Dizer que alguém não sabe falar a própria língua é violentar ontoepistemologicamente alguém, proveniente das colonialidades. Tânia Rezende (2015, p. 64) traduz esse sentimento como *linguofobia*, “que é a resistência e insegurança com relação à Língua Portuguesa, na escola, ao português brasileiro nas interações cotidianas assimétricas [...]”. Transformar a *eu* em estrangeira de si é possível por meio da língua, e essa prática é uma ferramenta colonial antiga para extermínio de ontoepistemologias.

Tratava-se, contudo de alfabetização na língua oficial do país, língua do colonizador, tornando a sujeição dos indígenas em única forma possível de participação política nas esferas representativas de poder e produção de juridicidade. Esta perspectiva homogeneizante continuou presente tanto na lógica do exercício da democracia representativa adotada pelos Estados latino-americanos, quanto na do sistema de produção da justiça. A formulação predominante de que o “povo não delibera nem governa senão por meio de seus representantes e autoridades legalmente criados pela Constituição ou pela legislação infraconstitucional e legalmente escolhidos”, continuou com raras

²⁴ Referência ao trecho de Wilker na Tela 1.

exceções ao longo de quase todo o século XX, pondo à margem da legalidade as formas próprias de participação política e de autogoverno das comunidades indígenas em todo o continente. A ideia de que as únicas autoridades com poder de decisão e de representação política dos interesses populares, e de que os únicos sistemas jurídicos de solução de conflitos fossem aqueles expressamente previstos pelo próprio Estado, chocava-se com os modelos tradicionais e informais de autoridade, de participação política e de sistemas de justiça, oriundos das próprias comunidades indígenas, e a respeito dos quais desde o século XIX não havia previsão, constitucional ou legal. (LACERDA, 2023, p. 103-104).

“Escreva corretamente,

fale corretamente,

se porte na sociedade corretamente e

certamente

fará parte de espaços sociais que trazem privilégios²⁵”.

Quando adequamos uma existência às regras e não refletimos criticamente sobre como foram postas as regras no jogo, violentamos essa existência. Ao compreendermos que o cenário atual brasileiro se compõe de constantes lutas narrativas, nas quais a hegemonia ainda perdura, e não trazermos essa consciência para os processos de ensino e aprendizagem, nos aliamos às práticas hegemônicas para favorecer espaços de construção de conhecimento. Hoje, na universidade, existe uma parcela da sociedade que, por meio de políticas públicas, conseguiu acesso a corpos dissidentes que começaram a frequentar esses espaços. No entanto, elas ainda têm suas existências atacadas não mais por ter um marcador social dissidente, mas, sim, por não saber a norma.

[A]s ações afirmativas estabelecidas pela Lei n. 12.711/2012 têm objetivo de promover a educação inclusiva no Ensino Superior, dado que, elas representam mecanismos sociais de políticas públicas que procuram promover condições de igualdade e oportunidade em relação ao ensino superior brasileiro. Embora essas políticas busquem formas de promover a igualdade para determinados grupos sociais em desvantagem, as ações afirmativas e os programas de cotas sociais das universidades federais não consolidam a permanência efetiva dos estudantes. (OLIVEIRA; SANTOS; LIMA, 2023, p. 2).

“Mas aí a gente torna a falar sobre a HUMANIZAÇÃO de novo²⁶”. Quando a autora diz isso, percebo a tomada de consciência sobre esses processos e como ações que fazem a

²⁵ Fragmento performático para ironizar a relação de correto.

²⁶ Referência ao trecho de Margarida na Tela 1.

manutenção do *cistema* são conduzidas nas práticas sociais por meio das linguagens. Durante a leitura dos TCCs, conforme discuti no giro anterior, eu percebia que havia um movimento presente no registro científico. A escrita de si, quando se trata da esfera acadêmica, é permeada de violências, sendo que “devemos naturalizar processos violentos” para ocupar esses espaços, o errar, por exemplo, como algo que nunca pode acontecer, assim tiramos o caráter humano das relações.

O conceito de humanização traduz-se no ato ou efeito de tornar humano, dar condição ou forma humana, manifestando-se no ato de ser bondoso, compreensível, humanitário e sociável (Porto Editora, 2021). Relaciona-se com questões de dignidade humana e de preocupação pelo outro, articulando-se o cuidado competente e o cuidado pessoal. Defende-se que humanizar é ser solidário e como força motora da humanização dos cuidados articula-se com aspetos da corporeidade humana e envolve um cuidado com afeto, sensibilidade e compaixão pelo outro (Bermejo, 2018). Relaciona o respeito pela prática e aos recursos envolvidos no relacionamento entre profissionais e doentes/famílias (Kurashiki, 2021). Com base em pesquisas, os termos “cuidado” e “humanização”, são discutidos de forma a apresentarem os mesmos elementos ou categorias, registrando-se que o cuidado é tratado como uma atitude ou ação que deve ser realizada de forma humanizada. Pois quando se fala de “cuidado humanizado”, afirma-se que o cuidado seja uma consequência da humanização, e, como tal, essa humanização qualifica e adjetiva esse cuidado (Waldow & Borges, 2011). (SILVA, 2023, p. 60).

Compreendo, então, o espaço acadêmico como um espaço de construção do saber científico importante, pois a ciência é necessária para cuidarmos da vida e continuarmos caminhando. Agora, ao perceber como a estrutura colonial atravessa e organiza todas as instituições, procurar *descaminhos* é uma possibilidade. Afinal, se já lidamos com as dores advindas dessas colonialidades, como encontrar caminhos possíveis se quem nos orienta a quais sentidos percorrer são, ainda, os colonizadores? Contribuir para que as pessoas já violentadas nas outras instituições sociais – família, escolas, áreas profissionais – possam se sentir seguras e acolhidas em espaços acadêmicos pode trazer possibilidades de caminhos outros para a ciência brasileira. Não há como saber quem é a pessoa que está ali e quais são as potencialidades dela se ela não puder existir nesse espaço. “Ter um trato humano com alun[a] é o que permite à faculdade se sustentar. Como é que você quer ter um doutorado na faculdade se o mestrando está totalmente traumatizado? Como você quer ter mestrado se os graduandos não querem ficar na universidade? E já é um desgaste estar aí²⁷”...

²⁷ Referência ao trecho de Margarida na Tela 1.

Ao nascer, o cérebro humano inicia seu desenvolvimento dotado de impulsos e instintos que incluem não apenas um kit fisiológico para a regulação do metabolismo, mas também dispositivos básicos para fazer face ao conhecimento e ao comportamento social. Ao terminar o desenvolvimento infantil, o cérebro encontra-se dotado de níveis adicionais de estratégias para a sobrevivência. A base neurofisiológica dessas estratégias adquiridas encontra-se entrelaçada com a do repertório instintivo, e não só modifica seu uso como amplia seu alcance. Os mecanismos neurais que sustentam o repertório suprainstintivo podem assemelhar-se, na sua concepção formal geral, aos que regem os impulsos biológicos e ser também restringidos por esses últimos. No entanto, requerem a intervenção da sociedade para se tornarem aquilo que se tornam, e estão por isso relacionados tanto com uma determinada cultura como com a neurobiologia geral. Além disso, fora desse duplo condicionante, as estratégias suprainstintivas de sobrevivência criam algo exclusivamente humano: um ponto de vista moral que, quando necessário, pode transcender os interesses do grupo ou até mesmo da própria espécie. (DAMÁSIO, 2012, p. 142).



Língua com Padrão Sinuoso, 1998, óleo sobre tela e alumínio 200 x 170 x 57 cm.
Adriana Varejão, 2018.

Sentipenso, assim, na necessidade de ruptura com práticas que disseminam violências epistêmicas nos espaços acadêmicos e percebo que questionar como usamos as linguagens nesses lugares seja um *descaminho* para esse processo. A língua está atrelada a esse processo. Mas, na/com a academia, tive a oportunidade de construir outros caminhos por meio dos significados, ou seja, materializar sentidos com as palavras e construir outra narrativa sobre *quem sou* – além daquele que foi desenhado para mim por outras mãos que não as minhas –, assim como Adriana Varejão (1998) materializa os sentidos com a obra *Língua com Padrão Sinuoso*, em que a fissura que as colonialidades causaram na arquitetura social brasileira, como o azulejo colonial nas cores verde, amarelo, branco e azul com a pele da tela rasgada que ainda sangra. Há uma relação de assepsia própria do azulejo, e essa explosão interna, esse grande corte projetado como uma língua até o chão. Escrever sobre si, para mim, é como se eu rasgasse a minha pele para materializar sentidos e, via linguagens (FRANK, 2018), materializar a ferida que está em mim que os azulejos da vida cotidiana não podem esconder. Assim, com a língua caída no chão, torno possível ampliar sentidos sobre a sociedade na qual viv[o]-pesquiso, no Cerrado.

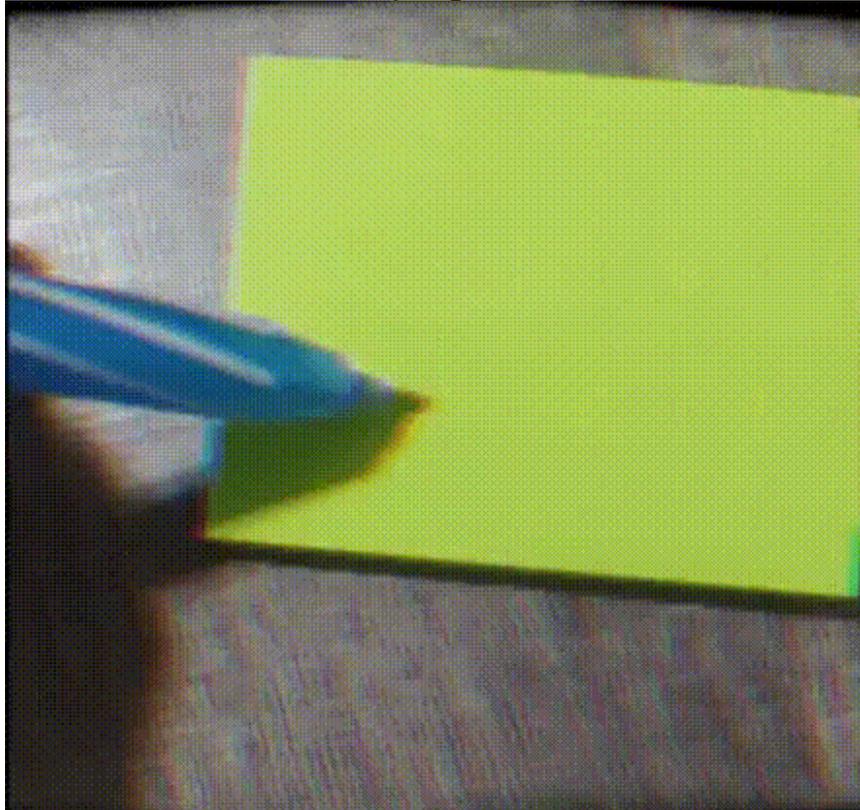
[R E S P I R E M O S]

Ao pintar essa tela sobre as violências epistêmicas com as *copesquisadoras*, é possível perceber que o espaço acadêmico, ao ser lugar de esperança para corpos dissidentes, precisa acolher essas existências para que possamos, enquanto comunidade científica brasileira, falar/dialogar/trocar ideia com a própria sociedade, falar às nossas...

Sendo assim, quanto às rotas de *descaminhar*, estamos perdendo quando nossa percepção por ciência se desvia das práticas sociais cotidianas e alimenta relações hegemônicas? Pensar que o jogo das colonialidades intersecciona raça, classe, gênero, sexualidade... e, via linguagem, mantemos essa estrutura, enquanto pesquisadoras. Entendo a autoanálise, a autocrítica, a autopercepção, a autoetnografia como possível pesquisa de si para entender o que é esse si na escrita de si e até que ponto o que eu tenho é de fato meu.

E isso é assim precisamente por estarmos numa fase de transição. Duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-nos o caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento. (SOUSA SANTOS, 2018, p. 67).

Gif 1- Antropofagicamente, nós



Fonte: Gif feito pela autora e por Lucas Eduardo Macena Silva para esta pesquisa.

* * *

TELA 2 – ESCRITA DE SI

Nesta pintura traço os *descaminhos* possíveis no percurso de trocar ideia sobre a escrita de si e a autopercepção como recurso de autonomia. Uso cores como recurso multimodal para acessar espaços-mundos que conectam a escrita acadêmica e a fala sobre as dores que a atravessam, levando em consideração o *cistema* mundo moderno-colonial em que as colonialidades exercem violências contínuas contra as existências – destaco aquelas que são dissidências ao padrão hegemônico –, encontrar maneiras outras de se relacionar com a existência que não faça a manutenção das desigualdades e que não colabore com a propagação da narrativa única é um possível *descaminho*.

“As minhas irmãs negras, mulheres que conheci pessoalmente, mulheres que li e ouvi que realmente me fizeram enxergar a luta política que carrega meu corpo e minha raça.” (TCC GISELLE)

Eu ME VI nesses textos, né? Então, comecei a estudar sobre como que a mulher negra se posiciona na internet. [...], mas, eu já conhecia as teóricas negras **POR CAUSA DA MILITÂNCIA**. Então, não foi a universidade que me trouxe essas autoras, **eu já as LIA ANTES**. [...] Eu estava conversando, comentando algumas coisas que aconteceram comigo assim de situações racistas que eu já sofri, né? E aí ela (nome da professora) falou “nossa, você tem muita história para contar, por que você não ESCREVE SOBRE VOCÊ no seu TCC? **Você escreve sobre sua história, misturando com a trajetória de vida dessas outras mulheres** com a história dessas mulheres”. No início (a ideia de escrever sobre ela no TCC) não era essa... sabe, o início seria igual te falei, tentar ser mais distante possível do objeto, mais NEUTRA, apesar de que a gente sabe, né, que **NÃO TEM NEUTRALIDADE** [rs]. (GISELLE, Troca de Ideias, 00:00:58).

Eu **NÃO CONSIGO SEPARAR**, eu acredito que, quando o professor produz (referência ao estudo do TCC), ele também está produzindo algo de SUA EXTENSÃO, algo que passa da **SUA VIVÊNCIA**, né? O repertório do professor, você está entendendo? Acaba que é um material ESTÁTICO, mas que perpassa a experiência do professor, de acesso à cultura, conhecimento que o professor tem, que ele quer trazer para a sala de aula. Então, o [...] **É UMA EXTENSÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA** PARA QUE OUTRAS PESSOAS CONSTRUAM SENTIDOS [rs]. (ZACK, Troca de Ideias, 00:06:55).

“[A] vontade em estudar e buscar conhecimentos acerca de materiais didáticos surgiu no último ano de graduação em [...] essas vivências me motivaram a pesquisar [...].” (TCC ZACK)

E você passa por esse lugar, que **NEM É O MEU, porque O MEU PROCESSO FOI O MEU e o SEU PROCESSO É O SEU**, né? São formas de escrever sobre diferentes (+) uma incoerência que **eu tenho percebido nesses estudos sobre escrita de si é que as pessoas têm tentado dar um conceito para isso**, sabe? Por exemplo, a Conceição Evaristo fala sobre *escrevivência*, nos textos ela cria personagens baseadas em

“Conversei com a Letícia da infância, da adolescência e com a Letícia que é minha contemporânea. Foi assim que a autoetnografia convergiu com a minha necessidade de reconhecer os silenciamentos que me atravessaram e atravessam o meu local de existência.” (TCC LETÍCIA)

experiências dela, da SUA REALIDADE. Mas aí eu vou lá escrever sobre mim e falo que fiz uma ESCREVIVÊNCIA? Sendo que esse PROCESSO NÃO É MEU. É da Conceição Evaristo. Beleza, eu dialogo com ela para perceber esse MOVIMENTO, mas esse movimento, que é o meu movimento, que é seu, não é o mesmo. Porque **PRECISA PASSAR PELOS RECURSOS ESPECÍFICOS DE CADA VIVÊNCIA** (+) (LETÍCIA, Troca de Ideias com Margarida, 00:54:11).

Com as perspectivas críticas, simplesmente, por falar “tá, eu sei disso... o que isso vai mudar na minha

“Conheci a Linguística Aplicada Crítica e sua forma de pesquisa interdisciplinar, questionadora e trabalhando temáticas sociais. Isso me instigou a pensar se a temática gordoativista também se faz presente nessa área de estudos.” (TCC WILKER)

realidade?” Porque, no final das contas, tem um monte de outras QUESTÕES POR TRÁS que não foram **AMADURECIDAS** em uma questão pessoal. Eu **NÃO** estou dizendo que **EXISTE UM CAMINHO** que a pessoa tem que pegar, observar aquela ou essa trajetória daquela pessoa e falar “essa pessoa seguiu todas essas etapas aqui”, por exemplo, um trabalho em primeira pessoa, conseguiu se colocar no trabalho, conseguiu andar. E agora eu vou apresentar a perspectiva crítica. Não (+) porque é subjetivo, então você tem que **PERCEBER NAS NUANCES DESSA RELAÇÃO**. (WILKER, Troca de Ideias, 00:26:28).

“Este trabalho contribuiu imensamente para o meu crescimento enquanto profissional de Letras e enquanto pesquisadora. Me abriu os olhos em relação ao que são textos multimodais e como funcionam os multiletramentos e como os memes são complexos e cabíveis de estudo.” (TCC MARIA ODETE)

Ai, nossa, o quanto ele (o TCC) fala de Maria Odete, MEU DEUS (+) [...] A Maria Odete, ela estava dentro desse universo e ela falou assim “vamos escrever sobre isso e ver no que vai dar”. **Acho que tem MUITO da Maria Odete nesse trabalho**. Eu estou achando MUITO ESTRANHO FALAR em mim, em mim, na TERCEIRA PESSOA. Eu estou me sentindo assim, FRAGMENTADA. (MARIA ODETE, Troca de Ideias, 00:18:48).

Eu acho que o indivíduo, o sujeito (+) a gente passou a **graduação inteira discutindo sobre questões sociais, mas na hora da escrita o SUJEITO FICAVA À**

“Foram tantas que contribuíram para que eu estivesse nesse momento escrevendo um trabalho de conclusão de curso em uma universidade pública, foram tantas que deram a força que me fez ser a primeira de minha família a ter um diploma universitário, porque sou mulher e negra. A vida é dura, mas eu também sou.” (TCC GISELLE)

PARTE, então, na prática, você ANULA. Então, comecei a escrever o meu em 2018, ainda não tinha visto, mas, realmente, em 2019 e 2020, comecei a ver pesquisas no mestrado em PRIMEIRA PESSOA, mas não que necessariamente seja a primeira pessoa, né? Mas pesquisas que **FOGEM UM POUCO** desse padrão, né? O que a gente tem visto é o tanto que a pessoa se sente importante em escrever. **Porque é você ali, a tua luta**. O final da trajetória de quatro e cinco anos que você esteve lutando, se esforçando, sofrendo e **REALIZANDO UM SONHO**. E aí você não pode ter você nele (no TCC)? (GISELLE, Troca de Ideias, 00:43:28).

O jeito que escrevi NESSA PEGADA de primeira pessoa foi por uma **IDENTIFICAÇÃO (+)** [...] Só que, nesse caso, sobre a maneira de escrita, por exemplo, minha orientadora já tinha um jeito, e durante a academia a gente aprende de outro (+) **isso é uma coisa que também me incomodava PROFUNDAMENTE**, porque, no fim das contas, parece que você não vai poder se expressar. É aquela parte que eu estava falando, né? **De quando sai da academia, que hoje que eu convivo com outras pessoas eu percebo que a escrita acadêmica que também ESTÁ MUDANDO (+)** é necessário, se a gente quer produzir conteúdo para que as pessoas nos LEIAM, não é todo mundo que tem um rol de conhecimento para poder entender. E tem que deixar espaço para ESTAS PESSOAS TAMBÉM! A gente vê pessoas que têm uma ESCRITA DIFERENTE e que é acadêmico também. (MARGARIDA, Troca de Ideias, 00:13:25).

“[P]ercebi que no meu curso havia sido aluna de somente uma professora negra, que na minha sala havia apenas uma aluna negra, que no meu círculo social a maioria dos/as meus/minhas amigos/as são brancos/as, e que no meu trabalho, como professora de uma escola elitizada, percebi novamente que eu sou a mais retinta.” (TCC MARGARIDA, 2020)

E aí escrevi... quando eu fui escrever **o prólogo, eu peguei aquelas feridas que eu passei assim (+) de DENTRO**, sabe? Enfiei o dedo e percebi **feridas que estavam cobertas**, mas estavam muito inflamadas. Gosto muito de usar a ideia de que a Tânia Rezende fala que não é porque a ferida está tampada que ela está curada, o sangrar, às vezes, também é um **PROCESSO DE CURA**. Então, quando enfiei o dedo nessas feridas fazendo meu prólogo, não era uma tentativa de romper feridas já cicatrizadas, mas de entender onde é que ainda doía e o porquê que ainda doía, sangrar no sentido de se curar mesmo (+) de perceber que aquela ferida precisava de cura e fazer esse prólogo no final do meu trabalho, depois que eu já tinha percebido, já estava assim, cacete, as **pessoas não estão falando sobre isso, tipo, na linguagem**. Aí comecei a falar NÓS. O nosso processo de colonização das Américas “NOSSA, olha como foi o processo de colonização (+) Acabou? a gente vive um pós-colonial mesmo? Olha aqui a relação com os corpos. Olha como as pessoas são racializadas no Brasil”, olha, **AÍ a estrutura VEIO**. Aí eu falei “é a estrutura que estrutura essas práticas que me causaram todas essas coisas”. Chego hoje no processo de pesquisa, de olhar para essa estrutura e falar “me faz sangrar”, então está vendo como foi todo esse caminho? E a puta **SENSIBILIDADE** que a (nome da orientadora) teve **de não me AFOBAR** ao longo do percurso. (WILKER, Troca de Ideias, 01:08:30).

“Me empoderar do Gordoativismo e levantar essa bandeira foi o momento em que comecei a ter mais qualidade de vida, de me cuidar com pensamentos bons, me munir de conhecimentos e tentar desconstruir nas pessoas do meu ciclo de convivências os pensamentos gordofóbicos que me atingiam.” (TCC WILKER)

“Considero aqui como experiências, o conjunto de ações em que me envolvi enquanto estive em contato com a professora e outros/as colegas (de curso e de grupo de estudo) no decorrer do processo de educação linguística crítica.” (TCC TELLES)

O Thor NÃO É SÓ o Thor (referência à pesquisa desenvolvida no TCC), [...] UMA ESCRITA MAIS LEVE. Eu não estou apenas falando de coisas aí, **hoje estou bem, estou falando de coisas profundas, estou falando do mundo (+)** (TELLES, Troca de Ideias, 00:14:53).

[P]ensando agora... veio na minha cabeça. Eu acho que só falei de mim no meu TCC porque a (nome da orientadora) **se dispôs a ME OUVIR, VOCÊ PIRA!** Porque acho que só tive a vontade de falar sobre as minhas dores no meu TCC, de narrar as minhas experiências, de pensar como isso me atravessa, porque a (nome da orientadora), **que é alguém dentro da academia, que é uma professora da universidade, que é uma pós-doutora, que tem todos esses atravessamentos de poder**, que está dentro do universo científico, **pegou na minha mão e falou FALA.**

“A (nome da orientadora) sou grata por me ajudar na busca de existir dentro da academia, respeitando sempre a minha alteridade, por meio de muita escuta sensível, agradeço por me proporcionar espaços de fala e por acreditar em mim.”
(TCC LETÍCIA)

(WILKER, Troca de Ideias, 00:38:30).

EU SINTO A MESMA COISA!

(LETÍCIA, Troca de Ideias com Wilker, 00:39:06).

“E, a uma das pessoas mais importantes para este trabalho se concretizar e instigar meu senso crítico em momentos em que nem eu mesmo achava que conseguiria, minha professora e orientadora (nome da orientadora), por todo apoio científico, teórico e pessoal, por sua postura decolonial e empática com as pessoas ao seu redor - pretendo levar para a vida a relação construída junt@s.”
(TCC WILKER)

“Eu ME VI nesses textos²⁸” e “O jeito que escrevi NESSA PEGADA de primeira pessoa foi por uma IDENTIFICAÇÃO (+)²⁹”; nesse desembaraçar de memórias e tensões vividas é como o ser humano se constrói na/com a história. O universo de significações, possibilitado pela língua(gem), (re)constrói identidades em que “estabelece a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição” (SILVA, 2000, p. 96). Isto posto, seria inviável tratar a escrita de si sem levar em conta que as identificações,

[a] relação é sempre construída por intermédio da memória, da fantasia, da narrativa e do mito. As identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam adentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência, mas um posicionamento. Daí haver sempre uma política da identidade, uma política do posicionamento, que não encontra garantia absoluta numa “lei da origem” que seja desproblematizada e transcendental. (HALL, 2006, p. 25).

Penso que as corpas não se identificam com as corpas presentes nos textos que a universidade traz e reflito sobre o fragmento “POR CAUSA DA MILITÂNCIA. Então, não foi a universidade que me trouxe essas autoras, eu já as LIA ANTES³⁰”. A respeito do que penso sobre as relações entre o eu e a outra (GOTTARDI, 2021) e a forma como as identidades afetam as práticas sociais via linguagens, vale ressaltar as identidades que construímos na universidade,

²⁸ Referência ao trecho de Giselle na Tela 3.

²⁹ Referência ao trecho de Margarida na Tela 3.

³⁰ Referência ao trecho de Giselle na Tela 3.

mais especificamente no curso de licenciatura, que nos afetam tanto enquanto professoras quanto a nossa relação com o conhecimento. Pelo entrelace entre as falas nas trocas de ideias e o que as pessoas escreveram em seus TCCs, percebo que a vida acadêmica não é parte da “vida real”, pois, quando se trata de existências que fazem pesquisas, a vontade, a motivação, parte a singularidade e a subjetividade das pessoas que “produzem” ciência. Logo, como de praxe lanço a questão: se a arte imita a vida e a ciência a explica, a *arteciência* extrapola essas relações? Com os excertos dos TCCs entrelaçados às trocas de ideias, a seguir percebo como a vivência atravessa o pesquisar:

Figura 9 – Entrelace pesquisadora e pesquisa

“Este trabalho contribuiu imensamente para o meu crescimento enquanto profissional de Letras e enquanto pesquisadora.

Aí nossa, o quanto ele (o TCC) fala de Maria Odete, MEU DEUS (+) [...] A Maria Odete, ela estava dentro desse universo e ela falou assim “vamos escrever sobre isso e ver no que vai dar”. **Acho que tem MUITO da Maria Odete nesse trabalho.** Eu estou achando MUITO ESTRANHO FALAR

Fonte: Print Tela 2.

A informação é moeda de troca no campo de batalha das narrativas; a ciência ainda é marca de validade da informação, por isso a violência colonial dentro da academia é naturalizada como validação do registro, na maioria – para não dizer em sua totalidade, pois estamos transgredindo isso a pequenos passos – por meio do registro científico escrito, categorizado como discurso acadêmico.

A comunidade discursiva acadêmica incorpora um conjunto de ações metadiscursivas com o fim de definir e regular os atos de linguagem nela desenvolvidos. Essas ações metadiscursivas se realizam a partir de um conjunto de discursos e dispositivos epistemológicos voltados para a regulação dos modos de produção, mediação e compreensão dos discursos produzidos no interior da própria comunidade. (FERREIRA; SOUZA; LIMA, 2021, p. 18).

Quando alguém diz “ESCREVE SOBRE VOCÊ³¹”, assim como vimos na tela 3, e percebemos “que NÃO TEM NEUTRALIDADE³²” ao fazer essa escolha, passamos a assumir uma postura diferente de “suposta neutralidade linguística e discursiva”. Essa práxis, na perspectiva da neutralidade, colabora “afastando e ignorando todos os traços de diversidade étnica, social e política entre os povos” (FERREIRA; SOUZA; LIMA, 2021, p. 20). Logo,

³¹ Referência ao trecho de Giselle na Tela 3.

³² Idem.

baseado no outro que vê a minha existência, a minha imagem, a minha corpa, me falo em terceira pessoa, sujeito-suposto-saber, narrativa hegemônica.

Figura 10 – Do *descaminhar* às nuances possíveis

Eu **NÃO CONSIGO SEPARAR**, eu acredito que quando o professor produz (referência ao estudo do TCC), ele também está produzindo algo de SUA EXTENSÃO algo que passa da **SUA VIVÊNCIA**, né. O repertório do professor, você está entendendo? Acaba que é um material ESTÁTICO, mas que perpassa a experiência do professor, de acesso à cultura, conhecimento que o professor tem, que ele quer trazer para sala de aula. Então, o [...] **É UMA EXTENSÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA** PARA O QUE OUTRAS PESSOAS CONSTRUAM SENTIDOS [rs]. (ZACK, Troca de Ideias, 00:06:55)

“[A] vontade em estudar e buscar conhecimentos acerca de materiais didáticos surgiu no último ano de graduação em [...] essas vivências me motivaram a pesquisar [...]” (TCC ZACK)

Fonte: Print Tela 2.

Aqui Zack ainda deixa um pouco distante sua voz de pesquisador do texto da pesquisa, diferentemente do seu posicionamento na troca de ideias; assim, na oralidade, sem o peso da validação ou não para a obtenção de um “título”, é possível sentipensar a vivência enquanto pessoa que pesquisa. Retomando uma discussão passada sobre o processo de leitura dos TCCs, há um processo gradual sobre *coragem* de transgredir no texto, em relação, pois há falta de referência dentro das esferas acadêmicas sobre como deve ser o texto acadêmico para de fato transmitir o discurso acadêmico. Sendo assim, vale ressaltar as colonialidades que movimentam as corpas no sentido da

[...] padronização dos seres, saberes e viveres segundo uma visão eurocêntrica promoveu uma espécie de desistoricização dos povos não europeus. Todas as formas de existência e de produção simbólica não europeias foram marcadas pela diferença. Nesse sentido, diferenças epistemológicas passam a ser hierarquizadas com base na racialização de novas identidades (NASCIMENTO, 2014). (FERREIRA; SOUZA; LIMA, 2021, p. 20).

“Eu estou achando MUITO ESTRANHO FALAR em mim, em mim, na TERCEIRA PESSOA. Eu estou me sentindo assim, FRAGMENTADA³³”. Sair desse lugar passivo quanto à rescrita reverbera autopercepções sobre o tempo-espaco em que vivemos, ou, pelo menos, insurge de uma intencionalidade vinda do *cistema* mundo moderno-colonial que, ao fragmentar a noção de identidade, provoca faltas que são preenchidas com as necessidades do próprio *cistema*. Escrever sobre si contribui para percepções de consciência do lado de dentro da

³³ Referência ao trecho de Maria Odete na Tela 3.

estrutura. Acentuo ainda que estar dentro da academia com consciência da estrutura insurge a criticidade para observar e agir nas práticas sociais.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2002, p. 2).

Nesse contexto,

[a]s perspectivas críticas, simplesmente, por falar “tá, eu sei disso... o que isso vai mudar na minha realidade?” Porque, no final das contas, tem um monte de outras QUESTÕES POR TRÁS que não foram AMADURECIDAS em uma questão pessoal. Eu NÃO estou dizendo que EXISTE UM CAMINHO que a pessoa tem que pegar, observar aquela ou essa trajetória daquela pessoa e falar “essa pessoa seguiu todas essas etapas aqui”, por exemplo, um trabalho em primeira pessoa, conseguiu se colocar no trabalho, conseguir andar. E agora eu vou apresentar a perspectiva crítica. Não (+) porque é subjetivo, então você tem que PERCEBER NAS NUANCES DESSA RELAÇÃO.³⁴

Narrar-se é parte do processo de *descaminhar* como recurso insurgente de se perceber e perceber que existem outros lugares para trânsito além dos que são postos como referência, principalmente apontados por marcadores sociais como raça, gênero, classe, entre outros. Por isso trabalha as nuances que se insurgem do caráter subjetivo das existências que, quanto mais próximas do lugar de dor, trazem as marcas/feridas sociais de quem fala. Escrever (EVARISTO, 2021) e escrita encarnada (MESSEDER, 2020) são expressões insurgentes da (re)existência de autoras que, ao escreverem sobre si, trazem suas corpas marcadas pelas dissidências para o campo de batalha das narrativas. Sendo assim, o *narrar-se* em pesquisas colabora com o que entendo de Educação Linguística Crítica, conforme Barbra Sabota, Ariane

³⁴ Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

Peixoto Mendonça e Marielly Faria (2021, p. 194) dizem ser “espaço de construção de sentidos a partir dos saberes locais implica em favorecer que vozes silenciadas ou socialmente apagadas se ergam e tenham relevância no seu contexto de produção”.

Logo, “[...] está produzindo algo de SUA EXTENSÃO, algo que passa da SUA VIVÊNCIA [...] é UMA EXTENSÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA para o que outras pessoas constroem³⁵”, e, assim, se percebe a relação entre coletivo que atravessa o individual, relações de ambivalência na existência. “AÍ a estrutura VEIO. Aí eu falei ‘é a estrutura que estrutura essas práticas que me causaram todas essas coisas’³⁶” – nessa fala de Wilker, percebo que existem processos que precisam ser respeitados em face das subjetividades e do engajamento, na medida em que vivemos na estrutura que nos conforta, principalmente nos lugares de privilégio – no meu caso, o de ser branca. Com isso, os processos têm de ser respeitados para que não reforcemos as violências, pois os nossos privilégios não anulam as nossas subalternidades.

Figura 11 – (Re)existência das corpos na academia

**“Foram tantas que
contribuíram para que eu
estivesse nesse momento
escrevendo um trabalho de
conclusão de curso em uma
universidade pública, foram
tantas que deram a força que me
fiz ser a primeira de minha
família a ter um diploma
universitário, porque sou
mulher e negra. A vida é dura,
mas eu também sou”. (TCC
GISELLE)**

Fonte: Print Tela 2.

Segundo Conceição Evaristo (2021), entendo que o espelho³⁷ de Narciso não reflete o rosto negro – a beleza negra nunca foi reconhecida quando se trata da construção da identidade brasileira – logo, o espelho de Oxum reflete a escrevivência, reflete a história de uma coletividade, ao passo que o espelho de Iemanjá acolhe a comunidade, a cria e dela cuida. Com essa noção de espelho que reflete a minha imagem e a do coletivo simultaneamente,

³⁵ Referência ao trecho de Zack na Tela 3.

³⁶ Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

³⁷ O espelho é um objeto para refletir luz ou imagem (que depende da capacidade de emissão/recepção de luz). Na questão da língua, pensando na teoria da comunicação, parte do princípio de emissão e recepção. Portanto, no refletir dos sentidos, o intuito do espelho é pensar a escrita de si. O reflexo de si na escrita parte da percepção de Conceição Evaristo sobre escrevivência, logo a língua escrita (registro) de si no texto acadêmico mostra o reflexo, por meio das palavras, de quem escreve.

principalmente resgatando a relação com a memória, penso a construção de saberes e ciências nessa direção também. Os afetos nesses espaços precisam ser significados como parte do processo de produção científica. “chego hoje no processo de pesquisa, de olhar para essa estrutura e falar ‘me faz sangrar’”,³⁸ “então está vendo como foi todo esse caminho? E a puta SENSIBILIDADE que a (nome da orientadora) teve de não me AFOBAR ao longo do percurso³⁹”.

Eu acho que o indivíduo, o sujeito (+) a gente passou a graduação inteira discutindo sobre questões sociais, mas na hora da escrita o SUJEITO FICAVA À PARTE, então, na prática, você ANULA. Então, comecei a escrever o meu em 2018, ainda não tinha visto, mas, realmente, em 2019 e 2020, comecei a ver pesquisas no mestrado em PRIMEIRA PESSOA, mas não que necessariamente seja a primeira pessoa, né? Mas pesquisas que FOGEM UM POUCO desse padrão⁴⁰.

De quando saí da academia, que hoje que eu convivo com outras pessoas, eu percebo que a escrita acadêmica que também ESTÁ MUDANDO (+) é necessário, se a gente quer produzir conteúdo para que as pessoas nos LEIAM, não é todo mundo que tem um rol de conhecimento para poder entender. E tem que deixar espaço para ESTAS PESSOAS TAMBÉM! A gente vê pessoas que têm uma ESCRITA DIFERENTE e que é acadêmico também.⁴¹

De modo a compreender os impactos da linguagem sobre a minha percepção de sujeita, mostro como percebo a relação com a casa:

A minha casa é extensão da minha corpa.
Articulo, cotidianamente, (re)toques, interações, falas.
O que falar? Falar de mim e quem deixo entrar?
Se não percebe isso, deve levar suas “coisas” e sair.
C A S A.
Parede, teto, porta, janela.
A janela é a melhor parte da casa, porque tem céu.
Tem céu?
Em qualquer lugar tem céu, mas dá pra ver, sei lá, às vezes dá...
Por que dói tanto isso de TER casa?
Eu sou, tenho um lar...
Se sou meu próprio lar, tenho casa?
Não, porque não é posse, ou é?
É sobre algo que a linguagem materializa... com as linguagens, com a língua, com a corpa e não com
conceito dois-pontos.

³⁸ Novamente, ressalto a tela *Banho de sangue*, obra de Marcela Cantuária (óleo e acrílica sobre tela 200 x 150 cm, 2018) para esta discussão que remete às corpas que estão sangrando ao se desnudarem em suas pesquisas como ato político de coragem e cura.

³⁹ Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

⁴⁰ Referência ao trecho de Giselle na Tela 3.

⁴¹ Referência ao trecho de Margarida na Tela 3.

Quando transgredi, me atravesssei, percebi que poderia estar em lugares em que não estive antes, não por escolha, mas pela condição da história única (ADICHIE, 2018) contada sobre quem eu deveria ser. Com as linguagens, consegui transitar por esses espaços e perceber, também, que falar e ser escutada me faziam não me sentir “penetra”, mas, sim, presente. Foi aí que esse lugar de significados e construção de sentidos se tornou casa, lar, território da minha existência.

A validação da narrativa como ciência, como pesquisa, afeta, pois, “e aí escrevi... quando eu fui escrever o prólogo, eu peguei aquelas feridas que eu passei assim (+) de DENTRO, sabe? Enfiei o dedo e percebi feridas que estavam cobertas, mas estavam muito inflamadas”, foi possível “tocar” em memórias que machucaram e não “cicatrizaram bem”. A cura só pode ser realizada se a gente sabe que está doente. Na sociedade moderno-colonial, fere as existências e ignora as vozes que são silenciadas até a própria sujeita; sendo assim, “gosto muito de usar a ideia de que a Tânia Rezende fala que não é porque a ferida está tampada que ela está curada, o sangrar, às vezes, também é um PROCESSO DE CURA⁴²”.

Figura 12 – Horizontalidade nas relações acadêmicas e possibilidades de existências

falar sobre as minhas dores no meu TCC, de narrar as minhas experiências, de pensar, como isso me atravessa, porque a (nome da orientadora), **que é alguém dentro da academia, que é uma professora da universidade, que é uma pós-doutora, que tem todos esses atravessamentos de poder**, que está dentro do universo científico, **pegou na minha mão e falou FALA.**

(WILKER, Troca de Ideia, 00:38:30)

A (nome da orientadora) sou grata por me ajudar na busca de existir dentro da academia, respeitando sempre a minha alteridade, por meio de muita escuta sensível, agradeço por me proporcionar espaços de fala e por acreditar em mim. (TCC LETÍCIA)

EU SINTO A MESMA COISA!
(LETÍCIA, Troca de Ideia com Wilker, 00:39:06)

E, a uma das pessoas mais importantes para este trabalho se concretizar e instigar meu senso crítico em momentos em que nem eu mesmo achava que conseguiria, minha professora e orientadora (nome da orientadora), por todo apoio científico, teórico e pessoal, por sua postura decolonial e empática com as pessoas ao seu redor - pretendo levar para a vida a relação construída junt@s (TCC WILKER)

Fonte: Print Tela 2.

Aí comecei a falar NÓS⁴³

Pensar o coletivo a partir da pertença à narrativa de si é possível quando se pesquisa sobre si, e, para pesquisas assim acontecerem, o acolhimento nos espaços e a preocupação com as corpas que ocupam esses lugares e suas bagagens ontoepistêmicas precisam dar segurança para se transitar no/com o discurso acadêmico, logo sentipensar que “se dispôs a ME OUVIR,

⁴² Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

⁴³ Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

VOCÊ PIRA! [...] é uma pós-doutora que tem todos esses atravessamentos de poder, que está dentro do universo científico, pegou na minha mão e falou FALA⁴⁴”. Dessa forma, é necessário

[...] espaço de fala, um “tempo e lugar de emersão e escuta atenta de distintos saberes na construção de saberes outros, fundamentados em uma lógica plural e dialógica de construção de conhecimentos” (SILVESTRE, 2017, p. 253-254), um espaço de segurança que possibilitou novos deslocamentos e novas formas de se estabelecer relações que foi sendo construído juntas. Por isso, entendo esses relatos também como um entrelugar de trânsito, tanto identitário quanto praxiológico. (RAMOS-SOARES, 2022, p. 235).

Refletir sobre a escrita é compreender o quão violenta ela foi/é para corpos colonizados. Hoje o repertório que nos foi concedido, enquanto brasileiras, como existência é a língua do colonizador, assim o memoricídio presente na história brasileira foi/é/pode ser contido pela cultura oral com as narrativas. Tânia Rezende (2021, p. 3) remete à escrevivência de Conceição Evaristo (2020) em relação ao conceito que é considerado:

[...] dúvida, um marco para o campo da Literatura, o conceito “escrevivência”, imerso na figuração transemiótica do “fundo das nossas memórias”, trazendo à tona a já destacada importância da narrativa oralizada como loci epistêmicos, por despertar as memórias, destaca a importância da narrativa para o enfrentamento ao memoricídio, um dos processos de implementação do projeto moderno colonial. Entendida como locus epistêmico e como enfrentamento ao projeto moderno colonial, a escrevivência remete aos povos indígenas, para mim, ao povo Apyãwa.

Sendo assim, em relação às subjetividades e à escrita de si, reflito que

[...] você passa por esse lugar, que NEM É O MEU, porque O MEU PROCESSO FOI O MEU e o SEU PROCESSO É O SEU, né? São formas de escrever sobre diferentes (+) uma incoerência que eu tenho percebido nesses estudos sobre escrita de si é que as pessoas têm tentado dar um conceito para isso, sabe? Por exemplo, a Conceição PRECISA PASSAR PELOS RECURSOS ESPECÍFICOS DE CADA VIVÊNCIA (+).⁴⁵

É via linguagens que atravessamentos, subalternidades, feridas e privilégios podem ser percebidos e reconhecidos ao promoverem movimentos que legitimem outras formas de ser e estar no mundo, além de propiciar novos significados para a ideia que temos de quem é o si na escrita de si. Ao *des/re*territorializar as corpos no campo de batalha das disputas narrativas conseguimos formatos mais autônomos para escrever, e, assim, sentipenso o discurso

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Referência ao trecho de Wilker na Tela 3.

acadêmico como passível de ser veiculado via linguagens de muitas formas para que as práticas sociais possam reverberar em práticas de liberdade e protagonismo para as sujeitas que têm suas existências violentadas pelas colonialidades. Isto posto, ao sentipensar esses movimentos de troca que tive com esta experiência de pesquisar, tomo consciência sobre a si da escrita ser constituída ontoepistemologicamente no imaginário coletivo com o/no processo de *narrar-se* por meio das memórias; logo, tendo em vista não colaborar com as violências coloniais, percebo as trocas de ideias a fim de horizontalizar práticas que são permeadas pelas colonialidades, como esforços decoloniais.

* * *

CONSIDERAÇÕES EM AQUARELA

Agora, como a proposta das cores em aquarela, proponho a diluição de todo o conteúdo, que, como a vida, não tem contorno definido e é inacabado. Finalizar esta etapa da minha existência tem um sentimento agri-doce de não saber o depois, mas ficam marcadas em minha identidade de *artistapesquisadoraprofessora* as percepções que desenvolvi no processo com as existências que cruzaram a minha e me *transformaram* para sempre. Nunca foi só um TCC (Apêndice 1) ou só uma dissertação. Trata-se do desenvolvimento humano de pessoas que são atravessadas pela experiência do pesquisar.

Gostaria de deixar as gotas de tinta esparramadas, pois depois de muitas misturas restaram no tempo e no espaço as gotas de tinta que respingaram neste ateliê e o *transformaram* para sempre. Essas pessoas pesquisadoras viveram/relataram e aceitaram o convite para ampliar discussões e sentidos sobre o que *é/foi* o TCC para elas, e, assim como a aquarela dilui os fragmentos das pesquisadoras, formamos juntas a experiência desta *arteciência* que afeta as vidas.

Por isso, neste estudo compreendo que problematizar os possíveis *descaminhos* na escrita de si em Trabalhos de Conclusão de Curso da graduação em Letras é um modo de sentipensar a Educação Linguística Crítica nesse processo como um espaço de construção de saberes outros (SABOTA; MENDONÇA; FARIA, 2021) para além daqueles já conhecidos tradicionalmente como científicos. Logo, é uma possibilidade de romper com estruturas fixas que atrofiam as existências presentes na academia e, conseqüentemente, nos registros científicos.

“Do Ateliê à Exposição: Descaminhos *Artísticocientíficos* de um Fazer Pesquisa Outro” foi o momento em que registrei tanto o traçado um quanto o traçado dois como giros, movimentos com os quais desenvolvi esta pesquisa. Expliquei os processos de leitura dos TCCs e as trocas de ideias. Notei o quanto cresci como pesquisadora ao pensar em como não fazer a manutenção das violências nesse processo, me esforcei muito para tentar práticas decoloniais, investindo nas perspectivas da Educação Linguística Crítica para uma construção sensível de sentidos que me faz esperar (FREIRE, 1996) sobre possibilidades outras de existir que não violentem as identidades. Portanto, a construção das pinturas é inteiramente interdisciplinar/transdisciplinar e parte da minha relação ontoepistêmica de viver a academia/escrita e assim faz/fez este *descaminhar*.

Nas obras relacionadas ao “Giro Corpóreo em Texturas e Costuras na/para a Construção do *Narrar-se*”, retratei o movimento que fiz para sentipensar as escritas das autoras nesta

pesquisa para encontrar as nuances de linguagens que provocassem rupturas com a forma de escrita positivista. A construção das produções de sentidos me faz refletir que, ao materializar pensamentos, agimos porta afora da nossa subjetividade; quando sentipenso, deixo a minha curiosidade epistêmica se ligar ontologicamente ao meu fazer, às minhas ações, se imbricando diretamente nas minhas relações. Assim, eu afeto e sou afetada. Enquanto leio, ou escrevo, também faço ciência e sou afetada pelas palavras.

Em seguida, “Giro Sentipensante em Cores e Nuances na/para a Construção da Troca de Ideias” é um convite para falar e escutar do/o que está dentro da universidade (lugar de construção de saber) com *quem* está fora, desestabilizando a ideia de uma universidade estática, que não movimentava suas praxiologias em diálogos com a sociedade e, assim, *coconstruir* sentidos. Em duas telas elaboradas por mim, pinte, com os diálogos realizados nas trocas de ideias, possibilidades sentidas sobre *Violências Epistêmicas e Escrita de si*. Logo, com as *copesquisadoras* ampliei os sentidos e percepções sobre essa escrita na primeira pessoa do singular. Com as percepções possíveis por meio das telas sentipensei formas outras de refletir sobre *ser/estar* no fazer pesquisa e como *coconstruir* espaços dentro da academia que levem em conta as existências das *corpas* que pesquisam, assim como das que *copesquisam*.

Isto posto, sentipenso a troca de ideias como possíveis produções de sentidos que emergem/se insurgem com as/das práticas sociais via linguagem, rompendo com estruturas engessadas e hierárquicas entre a pesquisadora e as pessoas que colaboram com a pesquisa, as *copesquisadoras*, para que possamos nos aliar a praxiologias que se juntam aos esforços decoloniais. Logo, percebo as reverberações de todo o processo em minha *corpa* e compreendo que me movimentarei em *descaminhos* enquanto a vida me atravessar; a pesquisa me mudou para sempre enquanto sujeita e percebo que minhas práxis são afetadas por essas experiências que também afetam outras *corpas*, por isso a troca não para, assim como a vida também não. Logo, finalizo aqui a tour por esta exposição de *arteciência*, que é a minha *corpapesquisa*, na qual apresento a última performance deste *descaminho*:

Hoje é semana de 22.
 E ainda parece idiota o que vou eu dizer
 Quero o meu direito de não ser!
 De não ser desejada,
 de não dar tesão.
 Sabe por que parece idiota falar sobre isso?
 Porque é semana de 22.
 E você tá vivendo sua vida normal,
 tem seus corres pra fazer,
 Mas... alguém se vê no direito de falar sobre você.
 Se apropria de algo que não é dele,

aparentemente nem meu,
 minha *corpa*.
 Olhar pra mim é o suficiente pra ele tirar a conclusão de que o pau não vai
 subir,
 afinal de contas é tudo que eu posso querer,
 por ter nascido no XX,
 por ter nascido com uma vagina,
 por ter nascido.
 É foda saber que a sua existência se reduz ao órgão
sociogeossexualmente situado de nascença.
 Nascia e disseram que contorno eu deveria ter,
 que roupas eu deveria vestir,
 que dá mais trabalho ter filha.
 Que sou tímida!
 Que tenho que casar...
 Que tenho que ser bonita.
 Que tenho que ter filhO?
 Que sou pedaço de carne.
 Que sou objeto.
 Que sou buceta.
 Que tenho
 Que QUERER
 Ser
 Seguir
 Reproduzir
 Gratidão
 Gostar
 Gozar
 Com esse conceito
 Senão
 Sou histérica
 Mal-amada
 Mal-comida
 Não desejada
 “Ih, vai ficar sozinha a coitada”
 “Vai ficar pra tia”
 “Ela é professora”
 Professora, SIM
 Tia, NÃO
 Afinal é de bom tom
 “Sua voz é muito fina”
 “A sua é muito grossa”
 “e você não é pra comer”
 “você não é pra casar”
 “você não é.”
 “Senta de perna fechada”
 “Fala baixo”
 “Aprende a cozinhar”
 “Aprende a costurar”
 “Esse cabelo, ele não vai gostar assim”
 “Ah, mas...”
 “Você devia ter feito algo.”
 A culpa é sua
 A culpa é sua
 A culpa é sua

Adivinha só,
É semana de 22.

(GOTTARDI, Manifesto Autoantropofágico, 2022)

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- ALMEIDA, Ricardo Régis de; SILVA, Barbra do Rosário Sabota; CURADO, Maria Eugênia. A língua[gem] como proposta de mudança epistemológica e metodológica na Linguística Aplicada contemporânea. **Educere et Educare**, v. 11, n. 21, 2016. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/14082>. Acesso em: 10 out. 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. To (o) Queer the Writer—Loca, escritora y chicana. **Living chicana theory**, p. 263-276, 1991.
- _____; MARCO, Édna de; COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARAÚJO, Anna Karollyne Rabelo de. **Narrativa autobiográfica e identidade pós-colonial**. 2019. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.
- ARTE BY FLORENCE HALL. UNIFOR realiza retrospectiva de Adriana Varejão. Publicado em 25/8/15. Disponível em: <https://artehall.com.br/agenda/espaco-cultural-airton-queiroz/>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BÁEZ PADRÓN, Gretel. A participação protagonista estudantil no processo de extensão universitária. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 347-362, 2010.
- BAPTISTA, Lívia. **Colonialidade da linguagem**. Suleando conceitos em linguagens. Decolonialidades e epistemologias outras. Campinas: Pontes, 2022. p. 51-58.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 5-58.
- BERMEJO, José Carlos. **Apontamentos para uma introdução ao counselling em saúde**. Mestrado em Cuidados Paliativos – Comunicação e Saúde, 2018. Disponível em: www.josecarlosbermejo.es. Acesso em: 10 set. 2021.
- BORDA, Orlando Fals; MONCAYO, Víctor Manuel. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Siglo del hombre, 2009.

BUNGART NETO, Paulo. Tortura e trauma: o testemunho como antídoto contra as políticas de esquecimento, silenciamento e memoricídio cultural brasileiro. **O lugar do abjeto**, 2019. p. 48.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CANTUÁRIA, Marcela. Pintura Revisionista, Narrativas Contra o Silêncio. **Arteriais** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, v. 5, n. 8, p. 10-42, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/8915/6306>. Acesso em: 1º nov. 2021.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

CASTRO, Suzana de. Condescendência: estratégia patercolonial de poder. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

CHIMAMANDA, Adichie. **O perigo da história única**. v. 16, 2018.

COSTA, Camila Furlan da; GOULART, Sueli. Capitalismo acadêmico e reformas neoliberais no ensino superior brasileiro. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, n. 3, Rio de Janeiro, p. 396-409, jul./set. 2018.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Brenda Larissa Moreira. **Trabalho de curso sob o olhar de licencia(n)dos em Letras: emoções e desafios em foco**. 2018. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis 2018.

DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS. **Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário (1755-1757)**. Lisboa: Na Oficina de Miguel Rodrigues, 1757.

ESTAMOS VIVENDO TEMPOS SOMBRIOS? Bate-papo sobre Democracia, Linguagem e Educação - part.2. Entrevistado: Marco Túlio de Urzêda Freitas. Entrevistadores: Wilker Ramos-Soares e Barbra Sabota. Brasil: MESCLA, 22 out. 2021. Podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kN_gcGUN8cQ. Acesso em: 5 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Host Publications, Inc., 2007.

_____. Vozes-mulheres. **Cadernos negros**, v. 13, p. 32-33, 2008.

_____. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

_____. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017

_____. CONCEIÇÃO EVARISTO | **Escrevivência**. Fala de Conceição Evaristo [YouTube. 06/02/2020], 2020. 1 vídeo (23 min 17 seg). Online. Publicado pelo canal Literatura Brasileira. Português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 9 jun. 2021.

_____. CONCEIÇÃO EVARISTO | **Roda Viva | Conceição Evaristo** | [06/09/2021], 2021. 1 vídeo (1 hora 37 min 02 seg). Online. Publicado pelo canal Literatura Brasileira. Português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em: 9 jun. 2021.

FERREIRA, Alexandra Batistela Ferreira; SOUZA, Gilmara Machado Souza; LIMA, Sostenes. (De)colonialidade discursiva: Uma reflexão sobre os processos de regulação e normalização da escrita no campo acadêmico-científico. **Polifonia**, v. 28, n. 52, p. 11-35, 2021.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de et al. **Correção com os pares**: os efeitos do processo da correção dialogada na aprendizagem da escrita em língua inglesa. 2001. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FRANK, Hélvio de Oliveira. Tiranias da identidade do professor de LE: crenças, emoções e ações por meio da linguagem. **Letras Escreve**, v. 6, n. 2, p. 13-38, 2017.

_____; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Identidade em Linguística Aplicada: em Direção a uma Sistematização Conceitual. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, p. 11-31, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda; PESSOA, Rosane Rocha. **Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica**: uma abordagem historiográfica. 2012.

FIORI, Stephanie Caroline e Souza. **Pluralidade no livro didático de língua inglesa**: Imersão em uma coleção do PNDL para encontrar mulheres de várias cores. 2021. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, v. 16, n. 2, 2013.

GANZAROLI, Hevellyn Cristine Rodrigues. **O feminino e o mito em Cidade livre, de João Almino**. 2018. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2013. p. 30-42.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. A longa constituição do olhar geográfico. **Revista GeoUECE**, v. 1, n. 1, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GOTTARDI, Leticia. **Os nós do meu quipu: des/re-territorializações identitárias em um estudo autoetnográfico de formação docente**. 2021. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, 2021.

HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2002.

_____. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2022.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUMANIZAR. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2021. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/humanizar>. Acesso em: 10 set. 2021.

JESUS, Carolina Maria de; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.

JOTTO, Cláudia (Org.). **Bate papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 35-53.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras; Edição: 1, 2020.

LACERDA, Rosane Freire. Constituições, Estados e povos indígenas na América Latina: a colonialidade do poder e o mito do Estado-nação. **Antropologia & Sociedade - Revista do Laboratório de Antropologia, Arqueologia e Bem-Viver da UFPE**, v. 1, n. 1, 2023.

LIMA, Sostenes. **Vida em texto**. Goiânia: Kelps, 2016.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 384-409, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 30, 1997.

MAROTINHO, Louise Leite. **Vivenciar o tornar-se professora: um convite à escuta de duas mulheres do curso de Letras da UEG**. 2023. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

MCLEOD, Susan. Some thoughts about feelings: the affective domain and the writing process. **College Composition and Communication**, v. 38, n. 4, p. 426-435, 1987.

MELO, Vico. O Desenvolvimento como lógica colonial: Celso Furtado e a construção de um pensamento alternativo a partir do Sul Global. **Oikos**, v. 1, n. 3. 2022

MENDONÇA, Viviane Melo de; SOUZA, Geraldo Tadeu de. Escrita emancipatória, a experiência sensível e a corporeidade em trabalhos acadêmicos. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 2, p. 170-178, 2017.

MESSEDER, Sueli. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 227-247.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear - da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Cadernos do CNLF**, v. 14, n. 4, p. t4, 2010.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

_____. Raça e resistência ao racismo em atividades de língua inglesa no sul da Bahia. **Revista X**, v. 14, n. 3, p. 121-137, 2019.

_____. “Racializar” a Linguística ou questionar o verbo “racializar”? **Fórum Linguístico**, v. 19, n. 1, p. 7299-7310, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: un libro para espíritus libres**. Ediciones Akal, 1996.

OLIVEIRA, Gisele da Silva. **Blogueiras negras: Por e para mulheres negras – um estudo sobre as narrativas de mulheres negras como prática de resistência**. 2019. TCC (Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

OLIVEIRA, Jossane Rodrigues de. **Reações e reflexões de alunos de inglês durante a leitura de textos multimodais entendidos pelo viés das perspectivas críticas**. 2018. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

OLIVEIRA, Sandy; OLIVEIRA, Sandrielle Batista dos Santos Oliveira; LIMA, Vanessa Ferreira de. As ações afirmativas e discriminação positiva: equalização e reparação histórica das minorias estigmatizadas pelas medidas positivas de inclusão nas universidades brasileiras. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 2, p. e422829-e422829, 2023.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores. **Verebas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2018.

OXFORD, Rebecca L. **Language Learning Strategies: What Every Teacher Should Know**. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1990.

PENNYCOOK, Alastair. Linguistic landscapes and semiotic assemblages. **Expanding the linguistic landscape: Linguistic diversity, multimodality and the use of space as a semiotic resource**, **Multilingual Matters**, p. 75-88, 2019.

RAIMONDI, Gustavo Antonio et al. A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva:(des) encontros método+ lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00095320, 2020.

RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva. **Conceição Evaristo**. 2011.

RAMOS-SOARES, Wilker. **Onde estão os corpos gordos?** um levantamento de estudos na Linguística Aplicada. 2019. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

_____. Des(re)territorializações da minha identidade docente registradas em diários-reflexivos: (des)encontros com a educação linguística crítica. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 9, p. 230-244, 2022.

REZENDE, Tânia Ferreira. **Como dialogar em meio à turbulência das lutas narrativas?** Obiah: Grupo de Estudos em Cosmolinguística, Goiânia-GO, p. 1-11, 2019a. [Manuscrito não publicado.]

_____. Prefácio. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, v. 8, n. 1, p. 8-155, 2021.

SABOTA, Barbra; MENDONÇA; Ariane Peixoto; FARIA, Marielly. Narrativas multimodais e produção de sentido sobre racismo e preconceito: Agência discente em aulas de inglês. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2021. p. 193-212.

SANTOS, Maria Elisa Nascimento. **Resistência da mulher preta problematizada a partir da obra de Chimamanda Ngozi Adichie *Para educar crianças feministas***. 2021. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

SCARCELLA, Robin C.; OXFORD, Rebecca L. **The Tapestry of Language Learning**. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1992.

SILVA, Alexandra Margarida Medina. **Humanizar e formar para melhor cuidar da pessoa com dor: o papel do enfermeiro na equipa intra-hospitalar de suporte em cuidados paliativos**. Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2023.

SILVA, Michael Douglas Rodrigues da. **Materiais didáticos de língua estrangeira sob o viés das perspectivas críticas na educação linguística: problematizações e proposições**. 2018. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

_____. **Praxiologias de educação linguística crítica em um cursinho popular: uma autoetnografia docente**. Monografia (Pós-Graduação Latu Sensu em Linguística Aplicada) - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SILVA, Osvaldo Jefferson da. **Análise sociorretórica da dedicatória como um gênero textual institucionalizado**. 2017.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

_____; RAMOS-SOARES, Wilker; SABOTA, Barbra. **Corpos gordos (in)visibilizados na linguística aplicada**. **RAÍDO** [online], v. 14, p. 444-464, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional**. 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Más allá del pensamiento abismal: de las líneas globales a una ecología de saberes**. **Epistemologías del sur (perspectivas)**, p. 21-66, 2014.

_____. **A Práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos [24 de outubro. 2013]**. Brasília, DF. **Tempus, actas de saúde colet.**, p. 331-338, 2018.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. Cortez Editora, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva et al. **Letramentos de reexistência - culturas e identidades no movimento hip hop**. 2009.

SOUZA, Leidijane Vieira Chaves de. **Memórias da graduação: episódios de vivências de uma mulher-mãe-universitária em sua trajetória de formação docente**. 2021. TCC (Graduação

Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2021.

ST. PIERRE, Elizabeth A. Post qualitative inquiry in an ontology of immanence. **Qualitative Inquiry**, v. 25, n. 1, p. 3-16, 2019.

TALMY, Steven. The interview as collaborative achievement: Interaction, identity, and ideology in a speech event. **Applied linguistics**, v. 32, n. 1, p. 25-42, 2011.

TELES, Yasmin dos Santos. **Diário dialogado como propiciador de agência discente em contexto de inglês como língua estrangeira**: uma autoetnografia de educação linguística crítica. 2021. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

TONACO, Gabriela. **Construção de sentidos na leitura de memes**: entendendo memes da Gretchen a partir dos letramentos multimodais críticos. 2019. TCC (Graduação Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

TRINDADE, Zari Morais da. **Narrativas da maturidade**: apagamentos identitários no ensino superior. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021.

VALENCIS CURITIBA HOSPICE. **A importância da humanização nos cuidados paliativos**. Publicação a 09 junho 2021 Disponível em: <https://www.valencis.com.br/blog/importancia-da-humanizacao-nos-cuidados-paliativos/>. Acesso em: 10 set. 2021.

VAREJÃO, Adriana. Filho bastardo (1992) e Filho bastardo II – Cena de interior (1995). *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

WALDOW, Vera Regina; BORGES, Rosália Figueiró. Cuidar e humanizar: relações e significados. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300017>. Acesso em: 10 set. 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.